

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

VIOLÊNCIA ENTRE IRMÃOS

contributos para o seu estudo numa amostra de estudantes universitários

INÊS MOURA DE SOUSA CARVALHO RELVA

março 2013

Tese apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, na área de especialização em Psicologia Forense, sob orientação das Professoras Doutoradas Madalena Alarcão (da Universidade de Coimbra) e Otília Monteiro Fernandes (da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro).

Este estudo foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (Bolsa SFRH/BD/36439/2007), Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior no âmbito do QREN-POPH-Tipologia 4.1 – Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MCTES.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

AGRADECIMENTOS

Foi uma longa caminhada, feita de aprendizagens, muitas alegrias e por vezes dissabores, mas sempre acompanhada daqueles que permitiram que chegasse a bom porto.

Em primeiro lugar à Professora Doutora Otília Monteiro Fernandes, pelo seu rigor científico, inteligência, dedicação, orientação, mas também companheirismo e afeto, nomeadamente nos momentos mais difíceis. Sinto-me privilegiada por trabalhar num tema – os irmãos – para o qual tanto tem contribuído. O meu muito obrigada, ficar-lhe-ei eternamente grata. Os seus ensinamentos acompanhar-me-ão ao longo da vida.

O meu muito obrigada à Professora Doutora Madalena Alarcão, pela sua competência analítica, disponibilidade, e apoio ao longo desta jornada.

A todos que constituíram a amostra deste estudo e permitiram a sua concretização, pela disponibilidade demonstrada, a minha profunda gratidão.

Ao Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e à Fundação para a Ciência e Tecnologia, pela oportunidade dada para a realização deste trabalho.

À Associação de Solidariedade Social Via Nova que acreditou neste projeto.

Aos Professores Doutores Catarina Pinheiro Mota, Magda Rocha, Raquel Costa e Amadeu Martins, docentes da UTAD, por toda a ajuda dispensada, sem a qual não teria sido possível a conclusão deste trabalho.

Muito obrigada ao Professor Doutor José Carlos Leitão pelo apoio na análise estatística.

Às Professoras Doutoradas Bárbara Figueiredo e Carla Paiva que gentilmente cederam os instrumentos.

Aos Professores Doutores Murray Straus, Kettrey Emery, Conn-Caffaro e Hamby Sherry, pelos conhecimentos que me facultaram.

A todos os meus amigos que ao longo destes anos me foram incentivando com palavras calorosas.

Aos meus pais por todo o apoio e carinho. Aos meus sogros e cunhados por todo o apoio emocional e encorajamento constantemente renovado. Um agradecimento também aos meus tios.

Ao meu marido, Fernando, pelo apoio incondicional ao longo destes anos, pela força renovada a cada dia, pela ajuda nas tarefas do quotidiano sem a qual não teria sido possível a conclusão desta obra.

À minha filha, Maria Inês, dedico todos os conhecimentos adquiridos com a realização deste trabalho. És o meu porto seguro.

A todos muito obrigada!

RESUMO

É habitualmente na família que se estabelecem as primeiras relações. Caso existam, os irmãos¹ funcionam como “o primeiro laboratório social, no qual as crianças podem experimentar as relações com os iguais” (Minuchin, 1990, p. 63). O estudo da fratria conhece atualmente um interesse renovado, justamente porque a “relação entre os irmãos é a mais duradoira das relações... mesmo mais longa do que a relação com os pais” (Bank & Kahn, 1997, p. xv).

Se à relação entre irmãos se associam, geralmente, os conceitos de fraterno e de fraternidade, que lembram afetos positivos, associa-se também o de fratricídio, que remete para o crime primordial da história da Humanidade (entre os irmãos bíblicos Caim e Abel) e que revela o cúmulo dos afetos negativos entre irmãos. À visão idílica da família contrapõem-se inúmeros relatos de medo e terror causados pela violência no seu interior, quer seja violência conjugal, parental ou sobre os idosos. A violência entre os irmãos, embora considerada na literatura da especialidade como a forma mais prevalente de violência em contexto familiar (e.g., Eriksen & Jensen, 2006, 2009; Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980), é habitualmente silenciada, normalizada e considerada como simples rivalidade.

O objetivo desta investigação é contribuir para um maior conhecimento deste fenómeno, procurando, em concreto: 1) estimar a prevalência dos vários tipos de

¹ Como se sabe, irmãos, em português, tanto designa a fratria (o conjunto de irmãos e/ou irmãs), como, apenas, o conjunto dos irmãos rapazes. Usaremos esta designação usual, no masculino, mas sempre que necessário especificaremos se se trata apenas do conjunto de irmãos rapazes ou de toda a fratria.

violência (psicológica, física e sexual) entre irmãos, tal como é percebida por sujeitos adultos reportando-se à idade dos 13 anos, 2) identificar os comportamentos abusivos/formas de vitimização mais frequentes, por gênero, 3) avaliar a percepção das vítimas quanto a esses comportamentos e 4) explorar os fatores do meio familiar associados à violência entre os irmãos. Para tal, recolheu-se uma amostra de aproximadamente 600 estudantes universitários e utilizou-se a seguinte bateria de instrumentos: uma versão modificada das *Revised Conflict Tactics Scales* (versões violência pais-filhos, violência interparental e namorados) as *Revised Conflict Tactics Scales - SP* (versão irmãos) e a *Self-Labeling of Personally Experienced Violence*.

Os resultados foram no sentido de a violência entre irmãos ser altamente prevalente no início da adolescência, nomeadamente os tipos psicológico e físico sem sequelas, e sobretudo para os elementos do sexo masculino. Na composição das fratrias, o gênero e as idades aproximadas são os fatores que mais parecem contribuir para a ocorrência deste fenómeno.

Relativamente ao segundo objetivo, os resultados indicaram que para a violência psicológica, quer perpetrada quer sofrida, os comportamentos mais comuns, independentemente do gênero, foram os insultos, os gritos e as provocações. No que diz respeito à violência física, foram os rapazes que, mais frequentemente, recorreram a condutas que tiveram, ou não, sequelas no irmão/irmã. Curiosamente, os rapazes foram também os mais vitimizados fisicamente. Finalmente, a ocorrência de diversos comportamentos sexualmente abusivos, quer na forma sofrida quer na forma perpetrada, foi igualmente mais frequente nos irmãos do sexo masculino.

No que diz respeito à percepção da violência pelos sujeitos, o grupo que sofreu *todas* as formas de vitimização (Psicológica + Física + Sexual) atribui, de forma significativa, os incidentes à “rivalidade entre irmãos”, comparativamente com os jovens que só sofreram *um* ou *dois* tipos de vitimização. Estes resultados vão de encontro ao que a sociedade e pais em geral aceitam e consideram como sendo a forma “natural” de resolução de conflitos entre os irmãos.

Finalmente, quando explorada a coocorrência das diferentes formas de violência familiar e os fatores capazes de contribuir para a violência entre irmãos, a partir da análise de regressões hierárquicas, verificou-se que é o género dos irmãos e a existência de violência pais-filhos que parecem influenciar a ocorrência deste fenómeno, tão estranhamente desconhecido em Portugal.

ABSTRACT

Early relationships are usually established within the family. If there are any siblings², they serve as "the first social laboratory in which children can experience relationships with peers" (Minuchin, 1990, p. 63). There has been a renewed interest in the study of phratry, precisely because the "relationship between siblings is the most lasting relationship ... even longer than the relationship with parents" (Bank & Kahn, 1997, p. xv).

Even though the relationship between siblings is generally associated with the positive notions of brotherhood and fraternity, it can also be associated with fratricide, one of the primordial crimes of human history (between the biblical brothers Cain and Abel), revealing the epitome of negative feelings between siblings. The idyllic vision of the family is contrasted with the numerous accounts of fear and terror caused by violence within the family, whether it is domestic, parental or against the elderly. Although sibling violence is considered in the literature to be the predominant form of violence within the family context (e.g., Eriksen & Jensen, 2006, 2009; Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980), it is usually silenced, normalized and treated as simple rivalry.

The aim of this study is to contribute to a better understanding of this phenomenon, by attempting to do the following: 1) to estimate the prevalence of different types of violence (psychological, physical and sexual) among siblings, as reported by adults reflecting on their 13-year-old selves; 2) to identify common

² As we know, siblings, in english, means phratry (the set of brothers and/ or sisters) but also all the boys brothers. We will use this common name for males, but when necessary we will specify whether this is the set of siblings of boys or all member of phratry.

abusive behaviors / forms of victimization, according to gender; 3) to evaluate the victim's perception of these behaviors and 4) to analyze the factors related to family environment that are associated with sibling violence. Information was gathered from a sample of 600 college students, which was then analyzed through a range of instruments, such as: a modified version of the *Revised Conflict Tactics Scales* (parent-child violence, interparental violence and dating versions), the *Revised Conflict Tactics Scales - SP* (sibling version) and the *Self-Labeling of Personally Experienced Violence*.

The results show a strong tendency for violence between siblings in early adolescence, especially among males. Both psychological and physical types of violence without injury were common. In terms of how phratries are formed, gender and approximate ages are the factors that seem to contribute to the occurrence of this phenomenon.

Regarding the second aim, the results indicate that the most common behaviors for psychological violence, whether perpetrated or suffered, regardless of gender, were insults, shouts and taunts. With regards to physical violence, boys more often resorted to behavior that might or might not have affected their brother / sister. Interestingly, boys were also more likely to be victims of physical violence. Finally, the occurrence of sexually abusive behavior, whether inflicted or suffered, was also more frequent among male siblings.

Regarding the subjects' perception of the violence, the group who suffered all forms of victimization (Physical + Psychological + Sexual) attributed the incidents primarily to "sibling rivalry", compared to those who only suffered one or two types of victimization. These results match the generally accepted notion that society and

parents share and consider to be the "natural" form of conflict resolution between brothers.

Finally, after exploring the co-occurrence of different forms of family violence and attempting to understand the factors contributing to sibling violence, hierarchical regressions showed that sibling gender and the existence of parent-child violence seem to be the main factors which influence this phenomenon. Strangely, very little is known about it in Portugal.

RÉSUMÉ

C'est en général dans la famille que s'établissent les premières relations. Les frères et les sœurs fonctionnent comme «le premier laboratoire social où les enfants peuvent vivre des relations avec les pairs» (Minuchin, 1990, p. 63). L'étude de la fratrie connaît maintenant un regain d'intérêt, et précisément parce que la «relation entre les frères et les sœurs est la relation la plus durable ... même plus que la relation avec les parents» (Bank & Kahn, 1997, p. xv).

Habituellement, on associe la relation entre frères et sœurs à l'idée de fraternel et de fraternité, qui ressemblent à des affects positifs, mais aussi à l'idée de fratricide, c'est à dire au crime primordial de l'histoire de l'humanité (entre les frères bibliques Caïn et Abel) ce qui révèle le pôle plus négatif des relations fraternelles. La vision idyllique de la famille contraste avec de nombreux rapports de peur et de terreurs causées par la violence familiale, soit la violence conjugale, soit la violence des parents envers leurs enfants ou la violence envers les personnes âgées. La violence entre frères et sœurs, bien que considérée dans la littérature comme la forme la plus répandue de la violence dans le cadre familial (par exemple, Eriksen & Jensen, 2006, 2009; Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980), est généralement silencieuse, normalisée et considérée comme simple rivalité.

Le but de cette recherche est de contribuer à une meilleure compréhension de ce phénomène, en particulier: 1) d'estimer la prévalence des différents types de violence (psychologique, physique et sexuelle) entre frères et sœurs, 2) d'identifier les comportements abusifs/formes de victimisation plus fréquentes selon le sexe, 3) d'évaluer la perception des victimes à propos de ces comportements et 4) identifier les

facteurs familiales liés à la violence entre frères et sœurs. On a recueilli un échantillon de 600 étudiants universitaires et on a utilisé le protocole suivant: une version modifiée des *Revised Conflict Tactics Scales* (échelles de la violence parent-enfant, de la violence interparentale et de la violence dans les relations entre partenaires amoureux), les *Revised Conflict Tactics Scales - SP* (échelles de la violence entre frères et sœurs) et le *Self-Labeling of Personally Experienced Violence*.

Les résultats ont montré que la violence entre frères et sœurs est très répandue dans l'adolescence, y compris les types de violence psychologique et physique sans séquelles, et en particulier pour les garçons. Dans la composition des fratries, le sexe et l'âge sont les facteurs qui semblent contribuer davantage pour l'apparition de ce phénomène.

En ce qui concerne le second objectif, les résultats ont montré que pour la violence psychologique, qu'elle soit perpétrée ou subie, les comportements les plus communs, quelque soit le sexe, sont les insultes, les cris et les railleries. En ce qui concerne la violence physique, ce sont les garçons qui font le plus souvent recours à ces comportements, ayant ou non des séquelles pour le frère/sœur. Ce sont aussi les garçons qui ont été plus victimes de la violence physique fraternelle. Plusieurs comportements sexuels abusifs, que ce soit dans la forme subie ou perpétrée, ont été également plus fréquents chez les frères.

En ce qui concerne la perception de la violence, le groupe qui a subi toutes les formes de victimisation (physique + psychologique + sexuelle) a envisagé, de façon significative, ces incidents comme «rivalité fraternelle», en comparaison avec les jeunes qui ont été seulement victimes d'un ou deux types de violence. Ces résultats

soulignent l'idée répandue dans la société, et aussi la vision des parents qui acceptent la violence comme la résolution "naturelle" des conflits entre les frères et sœurs.

Lorsqu'on a étudié la co-occurrence des différentes formes de violence familiale et qu'on a essayé de comprendre les facteurs qui étaient capables de contribuer pour la violence entre frères et sœurs, en utilisant des régressions hiérarchiques, on a vérifié que le sexe et l'existence de violence entre les parents et les enfants semblent influencer ce phénomène, si étrangement pas connu au Portugal.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Referências	20
CAPÍTULO 1	
PREPARAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	34
1. Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida	35
Introdução	36
Desenvolvimento	36
Conclusão	51
Referências	52
2. Psychometric properties of Revised Conflict Tactics Scales: Portuguese sibling version (CTS2-SP)	62
Introduction	63
Method	66
Results	69
Discussion	77
References	80
CAPÍTULO 2	
ESTUDO DA VIOLÊNCIA ENTRE IRMÃOS NUMA AMOSTRA PORTUGUESA	84
3. Estudo exploratório da violência entre irmãos em Portugal	85
Introdução	86
Método	92
Resultados	96
Discussão	103
Referências	111
4. Rivalidade ou violência? A percepção de estudantes universitários vítimas de violência por parte de irmãos	118
Introdução	119
Método	123
Resultados	127
Discussão	132
Referências	134

5. An exploration of sibling violence predictors	138
Introduction	139
Method	145
Results	148
Discussion	158
References	164
CAPÍTULO 3	171
DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÕES	171
Discussão geral dos resultados	172
Implicações	176
Limitações da investigação	177
Contributos do estudo e propostas para futuras investigações	181
Referências	188
ANEXOS	196
ANEXO A	197
ANEXO B	199
ANEXO C	201
ANEXO D	203
ANEXO E	205
ANEXO F	210
ANEXO G	220

ÍNDICE DE TABELAS

	Pág.
Table 1.1: <i>Scales Scored on the Original CTS and CTS2</i>	65
Table 1.2: <i>Socio-Demographic Characteristics (N= 590)</i>	67
Table 1.3: <i>CTS2-SP Perpetration Scale: Descriptive Statistics of the Items, Item-to-Total Correlation, Cronbach's Alpha and Cronbach's Alpha if Item Deleted</i>	71
Table 1.4: <i>CTS2-SP Victimization Scale: Descriptive Statistics of the Items, Item-to-Total Correlation, Cronbach's Alpha and Cronbach's Alpha if Item Deleted</i>	72
Table 1.5: <i>Prevalence and Chronicity Statistics, by Gender of Participants</i>	74
Table 1.6: <i>Correlations Between CTS2-SP Scales for Self-Report Perpetration</i>	75
Table 1.7: <i>Correlations Between CTS2-SP Scales for Self-Report Victimization</i>	75
Table 1.8: <i>Correlations Between Siblings Violence/Parent-to-Parent Violence/Parent-to-Child Violence and Dating Violence</i>	76
Tabela 2.1: <i>Comparação, por Género, das Pontuações Totais da CTS2-SP Reportadas pelos Participantes</i>	97
Tabela 2.2: <i>Comparação, por Género, das Frequências de Comportamentos Violentos Sofridos pelos Participantes</i>	99
Tabela 2.3: <i>Pontuações Estandarizadas de Violência Perpetrada pelos Participantes (CTS2-SP) em Cada Tipo de Díade, quando Controlada a Diferença Absoluta de Idade Entre os Irmãos</i>	102
Tabela 3.1: <i>Características Sociodemográficas dos Participantes</i>	124
Tabela 3.2: <i>Medianas e Amplitudes das Pontuações dos Grupos de Vítimas nos Itens do SLPEV</i>	127

Tabela 4.1:	<i>Percentage of Subjects Receiving and Perpetrating Psychological and Physical Assault in Siblings, Parent-to-parent, Parents-to-child and Dating relationships</i>	150
Tabela 4.2:	<i>Mean and Standard Deviations of Violence Forms for Males and Females</i>	151
Tabela 4.3:	<i>Hierarchical Multiple Regression Analyses Predicting Perpetration and Vitimization of Sibling Violence</i>	153
Tabela 4.4:	<i>Hierarchical Multiple Regression Analyses Predicting Perpetration and Vitimization of Dating Violence</i>	154
Tabela 4.5:	<i>One-Way Analysis of Variance – ANOVA Between Total Parent-to-Child Violence/Total Parent-to-Parent Violence and Psychological and Physical Aggression Between Siblings</i>	156
Tabela 4.6:	<i>One-Way Analysis of Variance – ANOVA Between Total Violence Between Siblings and Psychological and Physical Assault in Dating Relationship</i>	157
Tabela 5.1:	<i>Comparação por Género das Prevalências de Comportamentos Violentos Perpetrados Pelos Participantes.</i>	201
Tabela 5.2:	<i>Pontuações Estandarizadas de Violência Sofrida Pelos Participantes (CTS2-SP) em Cada Tipo de Díade, Quando Controlada a Diferença Absoluta de Idade Entre os Irmãos.</i>	203

ÍNDICE DE FIGURAS

	Pág.
1. <i>Pontuações Estandarizadas das Dimensões do SLPEV Consoante o Tipo de Vitimização Sofrida Pelos Participantes</i>	128
2. <i>Análise Fatorial Confirmatória Das Escalas CTS2-SP (Versão Irmãos) - Subescala Perpetração.</i>	198
3. <i>Análise Fatorial Confirmatória Das Escalas CST2-SP (Versão Irmãos) - Subescala Vitimização.</i>	200

LISTA DE ABREVIATURAS

CTS - Escalas de Táticas de Conflito

CTS2 - Escalas de Táticas de Conflito Revisadas

EUA - Estados Unidos da América

MANCOVAs - Análises de Covariância Múltipla

QSB - Questionário Sociobiográfico

SLPEV - *Self-Labeling of Personally Experienced Violence*

INTRODUÇÃO

“Nem só de ódios e amores vivem as fratrias”
Fernandes (2002, p. 61).

É na família, a mais antiga e também a mais importante instituição social, que se realiza uma parte muito importante do processo de socialização. Como primeiro grupo relacional, a família assume um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano (Winnicott, 1989) e fornece as bases experimentais cumulativas que o preparam para “entrar” no mundo social.

A ideia de família surge associada a conceitos como casamento, filhos, casa ou parentesco, elementos que aparecem em muitas definições de família (Amaro, 2004). Os membros da família estão unidos entre si por vínculos legais, direitos e obrigações, religião e uma quantidade variada e diversificada de afetos, tais como amor, respeito, confiança e segurança, mas também ódio, medo, rejeição e isolamento, vividos com intensidades e articulações variáveis e diversificadas em função das díades ou tríades em presença. Relativamente aos afetos, como em qualquer relação, podemos observar um *continuum* de sentimentos que vão do amor ao ódio (Fernandes, 2002).

Nas últimas décadas, são cada vez mais frequentes as configurações em que alguns membros da família não têm vínculos biológicos ou legais entre si ou em que, pura e simplesmente, não está presente a família nuclear clássica. Segundo Relvas (1996), as “novas formas” de família envolvem as colocações familiares e as adoções mas também as uniões de facto (nas vertentes hetero e homossexual), bem como a monoparentalidade, num contexto de gravidez adolescente e/ou de ausência ou

dissolução do vínculo conjugal. Recentemente, em Portugal, foi publicado um inquérito extensivo (Wall, 2005) em que é traçado um perfil da dinâmica interna das famílias. Este estudo permitiu verificar que a família portuguesa se encontra em mudança desde os anos 60, constatando-se que o casamento religioso está a perder peso, o número de filhos é cada vez menor, o divórcio está a aumentar e a mulher está cada vez mais participativa na vida ativa do país.

A família, enquanto sistema, é constituída por vários elementos, e respetivos atributos e relações, estruturados em diversos subsistemas, diferenciados e interligados de forma hierárquica: o individual, o conjugal (que compreende as interações entre marido e mulher), o parental (entre pais e filhos), e o fraternal (entre irmãos) (Alarcão, 2000). A perspetiva sistémica considera que o funcionamento de um (sub)sistema familiar é influenciado pelas interações com os outros (sub)sistemas (Minuchin, 1974), imprimindo à noção de família duas dimensões: uma relacional (expressa nas normas, na estrutura e nas interações familiares) e outra temporal (relacionada com o seu desenvolvimento, evolução e continuidade) (Tribuna & Relvas, 2002).

Ochoa, Sanchez e Fuster (1988), partindo de uma perspetiva ecológica, identificaram alguns aspetos caracterizadores da interação dos membros da família: 1) em qualquer interação diádica, um membro influenciará o outro e estas interações são influenciadas por fatores extrafamiliares, pois a família nuclear está inserida num contexto mais amplo; 2) as famílias constituem sistemas sociais, autorregulados; 3) cada indivíduo da família tem necessidades individuais distintas. A sistémica de 2ª ordem veio sublinhar a dimensão auto-organizada dos sistemas familiares,

evidenciando a sua abertura informacional e o seu fecho organizacional e dando uma nova compreensão às situações em que, apesar do *feedback* positivo recebido, a família decide não mudar (Alarcão, 2000), na defesa e respeito pela sua coerência interna (Dell, 1982).

Cada membro da família está, então, indissolivelmente incorporado no sistema familiar e não pode ser totalmente compreendido de forma independente (Sameroff, 1994). O estudo dos irmãos possibilita, num tempo em que a família conhece múltiplas alterações, uma compreensão única, por ser o subsistema que tem o estatuto de relação mais duradoira ao longo do ciclo vital (Noller, 2005)³. Os irmãos são, para a maioria de nós, os primeiros e mais securizantes pares por possibilitarem a experiência vital de relações horizontais, desde que nascemos até morrermos. Ter e ser irmão vai, pois, ser mais uma das contingências nas nossas vidas, pois não há ex-irmãos (Goldsmind & Féres-Carneiro, 2007).

O relacionamento entre irmãos

Na década de oitenta surgem os primeiros livros dedicados exclusivamente ao estudo dos irmãos (Bank & Kahn, 1997⁴; Dunn & Kendrick, 1982; Lamb & Sutton-Smith, 1982). Até então eram escassos os estudos dedicados à fratria. Foi um despertar para psicólogos, psicoterapeutas e investigadores que se dedicavam ao estudo das crianças e ao desenvolvimento dos adultos (Bank & Kahn, 1997). Em Portugal, o primeiro estudo sistemático sobre os irmãos foi publicado no início deste século (Fernandes,

³ Não podemos esquecer que o percurso de vida é geralmente diferente para aqueles cujos pais se separam ou divorciam e, por vezes, passam a ter meios-irmãos ou irmãos por afinidade (Noller, 2005). A este propósito Ambert (1986) considera que o relacionamento é mais positivo entre os meios-irmãos quando vivem juntos do que quando apenas se visitam.

⁴ A 1ª edição surgiu em 1982.

2000, 2002)⁵ e, uns anos antes, encontramos apenas um estudo específico sobre a dinâmica da fratria em crianças com paralisia cerebral (França, 1994, 2000)⁶. Embora recentemente, alguns estudos tenham focado diversos aspetos relativos à fratria, nomeadamente, sobre o auto-conceito (Santos, 2010), a perturbação mental na fratria (Rodrigues, 2011) e a perceção do conflito na relação de irmãos adultos (Ferreira, 2009).

Os primeiros estudos sobre a fratria focaram-se em variáveis como a diferença de idades ou a ordem de nascimento, fatores que desempenham um papel importante no desenvolvimento emocional e social das crianças (e.g., Buhrmester, 1992; Dunn, 1988; Minnett, Vandell, & Santrock, 1983). Estas variáveis influenciam e conduzem a diferenças no próprio relacionamento (Furman & Buhrmester, 1985), mas novas variáveis começaram a ser estudadas de forma a melhor compreender este subsistema. Inevitavelmente, a investigação dirigiu o foco para: 1) a capacidade de a relação fraterna influenciar o ajustamento e desenvolvimento dos elementos da fratria (Dunn, 1993; França, 1994, 2000); 2) a função de suporte que os irmãos podem desempenhar entre si (Boer, 1990; Teixeira, 2011); 3) o incesto (Laviola, 1992); 4) a vinculação (Teti & Ablard, 1989; Morais, 2010; Rodrigues, 2011); e 5) a personalidade diferenciada dos irmãos (Fernandes, 2000, 2002, 2005). Outra linha de investigação, de orientação mais sistémica, procura analisar de que modo os subsistemas, nomeadamente o parental, contribui para o ajustamento e crescimento socioemocional dos filhos (Bornstein, 1995) e de que modo o subsistema fraternal influencia a ecologia familiar (Brody, 1998), sendo que as relações entre irmãos e o

⁵ Otília Monteiro Fernandes, orientadora da presente tese.

⁶ Salienta-se que ambos os estudos foram orientados por Madalena Alarcão, também orientadora da presente tese.

seu contributo para o desenvolvimento individual apenas podem ser compreendidas no âmbito de outras relações familiares (Hetherington, 1994), porque não ocorrem isoladas, mas antes como uma componente do sistema familiar (Bank, Burraston, & Snyder, 2004; Criss & Shaw, 2005). O estudo do contributo de cada uma das relações tem sido conduzido em linhas independentes, apesar da ligação existente entre elas (Garcia, Shaw, & Yaggi, 2000), continuando a ser, segundo a opinião de alguns autores, uma das áreas mais negligenciadas em termos de investigação (Noller, 2005).

A relação fraterna assume-se como uma relação imposta e irrevogável (Floyd, 1994) cuja influência ocorre não apenas na infância mas prolonga-se por toda a vida e assume, para muitos, uma importância particular enquanto fonte de suporte (Cicirelli, 1996). A chegada do irmão é a chegada do “estrangeiro”⁷, daquele que perturba o equilíbrio, introduz a ideia de paridade, inaugura a fratria e dá origem ao conflito intrageracional (Goldsmind & Féres-Carneiro, 2007), constituindo-se numa relação única e complexa. A partir do momento em que o casal tem um segundo filho, passa a ter duas crianças com idades diferentes, muitas vezes de géneros diferentes e cada uma com a sua personalidade⁸. Plomin, Asbury e Dunn (2001) consideram que as duas crianças, o primogénito e o segundo, embora educadas no seio da mesma família, não são mais parecidas entre si do que duas crianças escolhidas de forma aleatória na população.

Etimologicamente, a palavra irmão deriva do latim *germanus*, significando: 1) *aquele que, em relação a outrem, é filho do mesmo pai e da mesma mãe, ou só do*

⁷Para (quase) todos os irmãos mais velhos a chegada do irmão recém-nascido traduz-se numa diminuição da atenção e comunicação maternal (Dunn & Kendrick, 1982).

⁸ Esta transição, de estatuto de filho único para filho mais velho, é referenciada na literatura como *transition to siblinghood* (Volling, 2005). Adler (1930/1975) foi o primeiro autor a utilizar a expressão *destronação do primogénito*, aquando do nascimento do irmão.

mesmo pai, ou só da mesma mãe; 2) membro de confraria, da maçonaria, etc.; 3) membro de ordem religiosa; frade; 4) amigo íntimo (Grande Dicionário da Língua portuguesa, 2004)⁹. A palavra *irmão* assume, deste modo, também a designação de “igual”, ultrapassando a questão biológica e entrando na esfera da afinidade. Por exemplo, é bastante frequente descrever-se um amigo como “um irmão”, para significar que é alguém bastante próximo (Lee, Mancini, & Maxwell, 1990). As relações fraternas podem incluir **irmãos biológicos** (partilham os pais biológicos)¹⁰, **meios-irmãos** (partilham apenas um pai biológico)¹¹, **irmãos por afinidade** (unidos através do casamento dos pais)¹² ou **irmãos adotivos** (cujo estatuto é adquirido mediante adoção legal).

Devido à grande quantidade de tempo que passam juntos e à qualidade das suas interações, os irmãos podem, como já foi referido, ser importantes fontes de companhia, apoio emocional, ajuda e afeto (Vandell & Bailey, 1992), ao longo de todo o ciclo vital (Goetting, 1986). Devido à história partilhada e à força dos vínculos existentes, os irmãos podem fornecer suporte, orientação e experiências emocionais únicas (Noller, 2005). Os irmãos são, também, importantes na aquisição de competências morais (Sullivan, 1953) e competências sociais e cognitivas (Furman & Buhrmester, 1985). As relações entre os irmãos ocupam uma posição única entre os outros relacionamentos na família (Lerner, Easterbrooks, & Mistry, 2003) existindo

⁹ Existem ainda algumas classificações, nomeadamente, “irmãos consanguíneos: irmãos que são filhos do mesmo pai e de mães diferentes”; “irmãos de leite: indivíduos que são ou foram amamentados pela mesma mulher (que é ama de um e mãe de outro)”; “irmãos germanos: irmãos que são filhos do mesmo pai e da mesma mãe”; “irmãos uterinos: irmãos que são filhos da mesma mãe e de pais diferentes” (Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 2004).

¹⁰ São os irmãos que partilham entre si, genética e contextualmente, mais as suas vidas (Haskins, 2003), sendo nascidos dos mesmos pais.

¹¹ Na nossa cultura são frequentemente conhecidos por “irmão por parte de pai” ou “irmão por parte de mãe” (Oliveira, 2006).

¹² Também conhecidos por *step-siblings* são aqueles que não possuem pais biológicos em comum, mas que estão ligados pelo pai biológico de um e pela mãe biológica de outro.

várias evidências de que este relacionamento afeta o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos elementos da díade. Também Snyder, Bank e Burraston (2005) encontraram uma forte associação entre a interação entre irmãos e o sentido de bem-estar. Para as crianças que são criadas em casa, os irmãos são os colegas de brincadeiras mais disponíveis, sendo os mais velhos os seus primeiros modelos (Abramovitch, Pepler, & Corter, 1982), vistos frequentemente como uma fonte de conhecimento digna de respeito (Klagsbrun, 1992). Contudo, e apesar das inúmeras evidências empíricas, existem poucas referências, por parte das teorias clássicas da personalidade, à importância dos irmãos enquanto agentes de socialização¹³, sendo a atenção dirigida, sobretudo, e para além dos pais, aos professores e aos pares (Lamb & Sutton-Smith, 1982). O relacionamento entre irmãos parece ser um influente contexto para o desenvolvimento da regulação emocional¹⁴, quer enquanto criança quer mesmo na idade adulta (cf. Bedford & Volling, 2004). Os irmãos assumem muitas vezes a função parental, alimentando, dando atenção, interagindo mais frequentemente com os irmãos do que os adultos fariam¹⁵ (Dunn, 1993), prestando apoio e ajuda, por exemplo, na realização dos trabalhos de casa (Bryant, 1992). Finalmente, mas não menos importante, a relação entre os irmãos pode revestir uma importante função protetora em situações familiares como as de doença, conflito conjugal ou divórcio, assumindo o valor de compensação: os irmãos funcionam como fonte de suporte, compensando pais distantes e pouco envolvidos com os filhos (e.g., Bank & Kahn, 1997; Jenkins, 1992; Stocker, 1994) ou acontecimentos de vida stressantes (Gass,

¹³Vários têm sido os investigadores que têm considerado as relações entre irmãos/ãs como importantes contextos de socialização (e.g., Bank et al., 2004; Criss & Shaw, 2005; Minuchin, 1990).

¹⁴Tomkins (1962) defende quatro objetivos para a regulação emocional: 1) minimizar o efeito negativo; 2) maximizar o efeito positivo; 3) diminuir a inibição do efeito e 4) sentir-se competente numa capacidade para adquirir esses objetivos.

¹⁵Contudo são também mais agressivos (Dunn, 1993).

Jenkins, & Dunn, 2007), operando como um mecanismo de *coping* (Dunn, 1992). Em suma, e parafraseando a pedopsiquiatra e terapeuta familiar Meynckens-Fourez (2004), as principais funções fraternais são: 1) vinculação, segurança e recurso; 2) substituição parental; e 3) aprendizagem de papéis sociais e cognitivos (p. 70).

Nas últimas duas décadas tem aumentado consideravelmente o número de estudos subordinados à temática da família, enquanto agente de mudança e capaz, através de diversos processos dinâmicos, de influenciar a qualidade da relação entre os irmãos. Johnston e Freeman (1989) constataram que, a longo prazo, as relações fraternas positivas têm um efeito benéfico nos seus intervenientes, sendo que, quando a relação é negativa, existe a possibilidade de ocorrer alguma forma de abuso.

Violência entre os irmãos

“Um irmão pode ser o pior inimigo, ou o mais meigo companheiro” (Bank & Khan, 1997, p. xv).

Associada à visão idealista da família, enquanto entidade que cuida e protege, surge a visão idealista dos irmãos, sempre prontos para amar e cuidar uns dos outros. Contudo, este cenário é uma miragem para muitos irmãos cujo relacionamento pode ser marcado pela violência¹⁶. A revisão da literatura permitiu concluir que, apesar de ser um fenómeno com pouca visibilidade (Caspi, 2012), a referência à violência entre irmãos é recorrente em narrativas bíblicas, mitológicas e históricas. Nos nossos dias, contudo, quando as crianças batem nos pares ou nos irmãos, considera-se que tal

¹⁶ Optou-se aqui pela noção de “violência” em vez de “maus tratos”, uma vez que, e seguindo Magalhães (2010), **violência na família** ou **violência doméstica** refere-se a “condutas que estão sempre relacionadas com uma relação familiar ou equiparada; na situação específica dos **maus tratos**, incriminam-se condutas praticadas em meio institucional ou no âmbito de uma relação de cuidado” (pp. 22-23). Para uma leitura mais aprofundada sobre o tema (cf. Fernandes & Relva, 2013).

comportamento não é tão sério como quando os mesmos atos são perpetrados por adultos (Finkelhor, Turner, & Ormond, 2006). Talvez por ser tão comum, a violência entre irmãos tende a ser aceita como uma característica normal da vida em família (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998), muitas vezes considerada pelos pais como “uma brincadeira de crianças” (Stock, 1993), pelo que só atuam quando tais comportamentos escalam para conflitos maiores (Gelles & Cornell, 1985). À negação das experiências de violência entre irmãos (Phillips, Phillips, Grupp, & Trigg, 2009) aliam-se o medo de retaliação, ou de que os membros da família sejam discriminados pelas autoridades (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998), bem como sentimentos de vergonha e culpa associados à proteção do perpetrador, da vítima e da própria família, contribuindo para que muitos dos incidentes não sejam denunciados (Cole, 1982). Este discurso de silêncio é visível no ainda reduzido número de estudos existentes sobre a matéria, em oposição à elevada prevalência da violência a que estes poucos estudos fazem referência.

Os estudos iniciais sobre violência entre irmãos reuniam pequenas amostras clínicas obtidas a partir de casos registados de maus tratos (e.g., Adelson, 1972), incesto (e.g., Gebhard, Gagnon, Pomeroy, & Christenson, 1965) e fratricídio (e.g., Smith, 1965). Nos finais da década de 70 surgem estudos sistemáticos que tentam caracterizar e compreender a dimensão comunitária do fenómeno (e.g., Steinmetz, 1977). Desses destacam-se: a *National Family Violence Survey* (Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980) e a única sondagem (de que temos conhecimento) que avaliou, retrospectivamente, as interações sexuais entre irmãos feita por Finkelhor (1980).

As evidências empíricas apontam no sentido de a violência entre irmãos ser a forma mais prevalente de violência na família. Straus e colaboradores (1980)

conduziram um estudo de âmbito nacional, nos EUA, constituído por 2143 famílias, e constataram, a partir dos relatos dos pais, que 8 em cada 10 crianças cometiam atos de violência contra os irmãos. Um outro estudo realizado por Roscoe, Goodwin e Kennedy (1987), junto de 244 estudantes do ensino básico, encontraram uma incidência anual de vitimização física e emocional por irmãos de 88% para rapazes e 94% para raparigas. Já na década de 90, Goodwin e Roscoe (1990), com uma amostra constituída por 272 estudantes, também do ensino básico, verificaram que mais de 60% dos sujeitos foram vítimas ou perpetradores de violência física por um irmão. Também os dados recolhidos por Graham-Bermann, Cutler, Litzenberger e Schwartz (1994), numa amostra de 1685 estudantes universitários, mostram que aproximadamente metade dos inquiridos foi vítima de violência pelos irmãos durante a infância. E Kettrey e Emery (2006), numa amostra de 200 estudantes universitários, verificaram que a maioria dos participantes (70.5%) tinha sido vítima ou tinha perpetrado violência física severa nas suas relações com os irmãos. Contudo, 83% dos sujeitos que referiram ocorrência de comportamentos violentos não reconheceram esses comportamentos como tal. Recentemente, Button e Gealt (2010) verificaram que perto de metade da amostra (42%), de um total de 812 sujeitos com idades a partir dos 12 anos, tinham experienciado violência na sua relação com o irmão/irmã.

A violência entre irmãos parece ser, então, um fenómeno universal (ou quase), com estudos realizados em diversos países, nomeadamente Inglaterra (e.g., Khan & Cooke, 2008), Israel (e.g., Omer, Schorr-Sapir, & Weinblatt, 2008), Canadá (Bevc & Silverman, 2000), Austrália (Grant et al., 2009) e Estados Unidos da América (e.g., Button & Gealt, 2010; Hardy, 2001; Hardy, Beers, Burgess, & Taylor, 2010; Noland, Liller, Mcdermott, Coutler, & Seraphine, 2004). Num estudo recente, efetuado nos

EUA, em que é avaliada a violência entre irmãos junto de diferentes minorias étnicas provenientes de diversos continentes (África, Europa, Ásia) e também junto de americanos, concluiu-se que, apesar de algumas particularidades, o fenómeno é universal (Rapoza, Cook, Zaveri, & Malley-Morrison, 2010).

Embora sejam em número reduzido, existem alguns instrumentos (de pendor qualitativo ou quantitativo) que podem ser utilizados para avaliar este fenómeno. De entre os quantitativos há a destacar os mais utilizados: as *Conflict Tactics Scales – CTS* (Straus, 1979), as *Revised Conflict Tactics Scales – CTS2-SP* (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996), a *Scale of Negative Family Interactions* (Simonelli, Mullis, Elliot, & Pierce, 2002) e a *Sibling Aggression Scenarios* (Hardy et al., 2010). A *Sibling Abuse Interview – SAI* (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998) destaca-se no campo dos instrumentos qualitativos.

Em suma, os dados provenientes de diversos estudos permitem olhar para o fenómeno da violência entre os irmãos com preocupação e levantar a questão: porque continuamos a ignorar este fenómeno? Entre nós, à escassa literatura sobre os irmãos (Almaça, 2009; Fernandes, 2000, 2002, 2005; Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007; França, 1994, 2000) associa-se uma ausência de investigação na área da violência entre irmãos (Relva, 2005).

Dificuldades no reconhecimento e definição desta problemática

Um ato violento perpetrado por um adulto face a uma criança é frequentemente rotulado como crime, mas quando perpetrado por uma criança relativamente a outra criança é considerado conflito ou rivalidade. Recentemente, Finkelhor e colaboradores (2006) analisaram algumas das razões pelas quais a

violência entre crianças é frequentemente aceita: em primeiro lugar, porque existe a ideia de que é menos ameaçadora do que a violência entre adultos; em segundo, porque parece originar menos sequelas físicas e, finalmente, porque parecem ter menor impacto na dinâmica interpessoal. Os autores advertem, contudo, que estas razões parecem prender-se mais com questões de natureza moral e filosófica, uma vez que, apesar de estarem enraizadas no senso comum, não foram encontradas evidências empíricas (ou justificações na teoria do desenvolvimento) para tais explicações. Aliás, os resultados empíricos apontam para formulações opostas: por exemplo, longe de ser menos ameaçadora ou danosa, a natureza impulsiva das crianças agressoras, combinada com as diferenças físicas, cognitivas e sociais em relação ao(s) irmão(s) vitimado(s), pode fazer delas agressores mais ameaçadores do que os agressores adultos. Quanto à questão da imaturidade, existem algumas evidências (Kendall-Tackett, Williams, & Finkelhor, 1993) de que os crimes sexuais podem trazer mais danos em crianças pequenas, exatamente por causa da sua imaturidade desenvolvimental.

Também Goodwin e Roscoe (1990) consideram que, apesar de se reconhecer que a agressão entre irmãos é bastante frequente nas famílias, estas interações negativas e violentas, quer sejam de natureza física, quer sejam de natureza verbal ou psicológica, têm recebido pouca atenção. Trata-se de comportamentos tidos como normais pelos pais, o que muitas vezes acaba em esquecimento, não sendo, conseqüentemente, reportados às autoridades (Roscoe et al., 1987).

A violência entre irmãos é complexa de definir uma vez que a fronteira entre o relacionamento considerado adequado entre irmãos e a violência entre estes é muito tênue. Fatores como a severidade e a intenção, bem como o impacto

emocional/psicológico, devem ser considerados para determinar se a interação é abusiva ou não, tanto mais que o discurso dominante tende a olhar para a violência entre irmãos como inconsistente, não a assumindo como um problema sério (Kettrey & Emery, 2006) e contribuindo para a sua manutenção (Lloyd & Emery, 2000). Gelles e Cornell (1985) argumentaram que é por ser tão comum os irmãos baterem uns nos outros que poucos olham para esses comportamentos como sendo violentos. Os autores realçaram as normas sociais que encorajam a expressão de comportamentos física e psicologicamente agressivos entre irmãos e referiram que esta questão não tem sido levada a sério como objeto de estudo pela comunidade científica.

Kolko, Kadzin e Day (1996) procuraram examinar as perspetivas das crianças e dos pais na avaliação da violência na família e, curiosamente, verificaram que os pais relatam taxas elevadas de violência entre as crianças (ou seja, violência entre irmãos). Estes resultados parecem traduzir aceitação desta forma de violência, o mesmo não ocorrendo com outras formas de violência, como a exercida pelos pais em relação aos filhos (violência parental).

Para além das razões já apresentadas para justificar a dificuldade de reconhecimento do fenómeno da violência entre irmãos, alguns autores (e.g., Eriksen & Jensen, 2009; Kettrey & Emery, 2006) têm levantado a questão da ambiguidade que rodeia a investigação, dadas as dificuldades de definição do próprio fenómeno. A revisão da literatura (*vide infra* Relva, Fernandes, & Alarcão, no prelo, pp. 35-61) permite verificar que diferentes designações (rivalidade, *bullying*, abuso, conflito e violência) têm sido utilizadas de forma indiscriminada para designar os mesmos comportamentos, tornando pouco clara a delimitação daquilo que realmente é violência. É de salientar que esta ausência de clarificação conceptual tem sido uma das

críticas apontadas no estudo da violência entre os irmãos (Newman, 1994). A definição de conceitos é devesas importante, tanto mais que a presença de diferentes definições influencia as taxas de prevalência referidas na literatura (Mackey, Fromuth, & Kelly, 2010), dificultando, por um lado, a comparação dos resultados e, por outro, a formulação de explicações adequadas para o problema e eventuais programas de intervenção (Cicirelli, 1995). Um contributo fundamental tem sido dado por alguns autores (e.g., Caffaro & Conn-Caffaro, 1998; Eriksen & Jensen, 2009; Wiehe, 1997) ao sugerirem critérios diferenciadores para os comportamentos que poderão ser (ou não) considerados abusivos. Fatores como a diferença de poder entre os irmãos, a (des)adequação desenvolvimental dos comportamentos, a frequência e intensidade das interações, a (in)existência de consequências, a (in)existência de fatores de pressão como as ameaças ou o secretismo, assim como os tipos de intervenção parental, são alguns desses critérios que poderão ser úteis na delimitação do que é ou não abusivo na relação fraterna.

Razões para realizar uma investigação sobre violência entre irmãos

A investigação sobre violência familiar, em Portugal, embora recente, tem-se debruçado sobre a interação violenta entre adultos (violência conjugal e no namoro ou entre filhos adultos e pais idosos) e entre adultos e crianças (violência direta e indireta sobre as crianças). Desconhecem-se dados sistemáticos que caracterizem a violência entre os irmãos, sendo que esta forma de violência é praticamente desconhecida do senso comum, dos meios de comunicação social, de muitos profissionais e investigadores da área psicossocial (Caspi, 2012).

No entanto, pela prevalência que assume noutros países e pelas nefastas consequências que pode ter no desenvolvimento individual, afigurou-se importante o seu estudo. Um maior e melhor conhecimento desta realidade poderá contribuir para ajudar as vítimas e os agressores, mas também para refletir sobre como prevenir as consequências negativas, na personalidade ou no desenvolvimento social das suas vítimas (Cicirelli, 1995).

Procurou-se, com esta investigação: 1) estimar a prevalência dos vários tipos de violência (psicológica, física e sexual) entre irmãos, 2) identificar os comportamentos abusivos/formas de vitimização mais frequentes, por género, 3) avaliar a perceção das vítimas quanto a esses comportamentos e 4) explorar os fatores do meio familiar associados à violência entre os irmãos.

Após uma leitura cuidadosa da literatura existente, verificámos que as poucas investigações estrangeiras existentes sobre este assunto têm estudado, sobretudo, crianças em idade pré-escolar ou nos primeiros anos de escola (Krienert & Walsh, 2011). Em Portugal não encontramos estudos sobre a coocorrência de diferentes formas de violência na família nem, mais especificamente, estudos que se focalizem na violência entre irmãos; deve-se, contudo, fazer referência à investigação que tem sido realizada, nomeadamente na área da violência conjugal (Matos, 2006, 2011), da violência interparental (Sani, 2006; Sani & Almeida, 2011) e da violência sobre as crianças (Alberto, 2006; Azevedo & Maia, 2006; Calheiros, 2006; Calheiros, Garrido, & Santos, 2011; Martins, 2002;), de extrema importância para a compreensão do fenómeno aqui em estudo.

Partindo dos objetivos iniciais e acima delineados, afigurou-se definir o tipo de estudo a realizar, bem como os instrumentos a utilizar e a respetiva amostra, de forma

a investigarmos esta temática da violência entre irmãos. Trata-se então de um estudo exploratório, em que se procura compreender este tipo de violência em Portugal, junto de uma amostra de estudantes universitários. Sendo uma realidade pouco conhecida, pelo menos no nosso país, o tipo de estudo escolhido parece ser o mais adequado.

No que diz respeito aos instrumentos utilizados, foram três: 1) um questionário sócio-demográfico, o *Questionário Sócio-Biográfico (QSB)*, adaptado do *Social Environment Questionnaire* (Toman, 1993), que questiona sobre as características do *sujeito*, as da sua *família* e do seu *subsistema fraternal*; 2) as Escalas de Táticas de Conflito Revisadas - *Revised Conflict Tactics Scales (CTS2 - versões violência pais-filhos, violência interparental e violência no namoro)* (autores), as *CTS2-SP – Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (Straus et al., 1996); 3) finalmente, a Escala de Auto-Rotulagem sobre Violência Doméstica, a *Self-Labeling of Personally Experienced Violence (SLPEV)*; Kettrey & Emery, 2006), que é um questionário desenvolvido a partir do questionário original de Hamby e Gray-Little (2000), que avaliava a percepção das vítimas de violência doméstica face ao carácter abusivo dos comportamentos de que eram alvo.

A opção de escolher uma amostra constituída por estudantes universitários deveu-se, antes de mais, ao facto de trabalharmos numa universidade, tratando-se, então, de uma amostra de conveniência. Apesar das críticas que têm sido feitas ao uso de amostras “universitárias”, por se reportarem a segmentos mais escolarizados da população e a estratos socioculturais mais elevados, parecem não existir grandes diferenças em termos de estrato social quando se toma a violência fraterna como variável dependente (Felson, 1983). O facto de o sistema universitário português

permitir o ingresso de estudantes que concluíram o ensino secundário mas também de adultos com mais de 23 anos de idade, possibilitou recolher uma amostra etariamente dilatada, entre os 17 e os 52 anos, à semelhança do que aconteceu com Hardy em 2001.

A opção pelo contexto escolar deveu-se também ao facto de ser necessário um número considerável de participantes, da comunidade, para adaptação e validação da escala CTS2-SP para a população portuguesa (cf. Relva, Fernandes, & Costa, no prelo, *vide infra* pp. 61-83). Por outro lado, por envolver, sobretudo, participantes adolescentes e jovens adultos, uma amostra deste tipo tinha mais possibilidades de, face às questões retrospectivas das diversas escalas, permitir um maior distanciamento relativamente a possíveis situações abusivas (Graham-Bermann et al., 1994), aspeto particularmente relevante tendo em consideração as íntimas e delicadas temáticas abordadas. Também por essa razão, optou-se por tomar como idade de referência os 13 anos, conforme sugerido pelos autores da escala, por ser uma idade a partir da qual parece existir um decréscimo da violência (cf. Straus et al., 1980). A adaptação e validação das escalas CTS2-SP permitiu caracterizar o fenómeno da violência entre irmãos e os diferentes tipos de violência (psicológica, física e sexual) na faixa etária dos 13 anos de idade (idade para a qual remetemos os participantes), permitindo também analisar a coocorrência dos diversos tipos de violência familiar e a sua ligação com a violência futura, quando se avaliou a violência nas relações de namoro/conjugalidade dos participantes (*vide infra* Relva, Fernandes, & Mota, 2013, pp. 138-170).

Estrutura da tese

Este trabalho organiza-se em três capítulos que integram cinco artigos e uma discussão global dos resultados obtidos, bem como a enumeração das limitações da presente investigação, e, finalmente, algumas propostas para futuras investigações.

O *Capítulo Um* integra dois artigos. O primeiro, de revisão, tem como objetivo descrever as principais questões que envolvem o fenómeno da violência entre irmãos: definição, prevalência, tipos de violência, fatores de risco e suas consequências. Pretende contribuir para a compreensão da violência no subsistema fraternal, alertando para a necessidade de possíveis medidas interventivas. O segundo artigo tem como objetivo o estudo das propriedades psicométricas das *Revised Conflict Tactics Scales* – versão para irmãos (CTS2-SP; Straus et al., 1996), uma vez que não existia nenhum instrumento validado para a população portuguesa que avaliasse os conflitos (e as respetivas táticas de resolução dos mesmos) entre irmãos.

O *Capítulo Dois*, totalmente dedicado à apresentação dos resultados da presente investigação, integra três artigos. O primeiro artigo pretende caracterizar o problema da violência em Portugal, numa amostra de 588 estudantes universitários a quem foram aplicadas as *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version*. São apresentados resultados de incidência para os três tipos de violência (física, psicológica e sexual), identificando-se os comportamentos abusivos/formas de vitimização mais frequentes por género e avaliando-se a influência das características das fratrias na severidade desses comportamentos.

O segundo artigo toma como ponto de partida os resultados do estudo anterior e procura avaliar a perceção dos participantes face à violência sofrida pelo irmão/irmã. Os escassos estudos que incidiram sobre esta questão (cf. Hardy et al., 2010)

verificaram que, surpreendentemente, as vítimas adequam as suas atribuições minimizando o impacto dessas experiências. Os participantes desta investigação classificaram os abusos sofridos com a *Self-Labeling of Personally Experienced Violence*, pronunciando-se sobre até que ponto os desentendimentos ocorridos com o irmão/irmã podem ser considerados “conflito”, “rivalidade”, “agressão”, “violência”, e “abuso”. Finalmente, o último artigo procura analisar a coocorrência de diferentes formas de violência em contexto familiar, nomeadamente, a violência entre irmãos, a violência interparental, a violência pais-filhos e a violência nas relações de intimidade. Analisa-se também se as diferentes formas de violência, além de outros fatores sociodemográficos, são preditores da violência entre irmãos e da violência que ocorre nos relacionamentos mais íntimos.

No *Capítulo Três* faz-se a discussão global e integrada dos vários resultados, equacionando-se as suas implicações, descrevem-se as limitações da presente investigação e apontam-se algumas propostas para trabalhos futuros.

Referências

- Abramovitch, R., Pepler, D., & Corter, C. (1982). Patterns of sibling interaction among preschool-age children. In M. E. Lamb & B. Sutton-Smith (Eds.), *Sibling relationships: Their nature and significance across the lifespan* (pp. 61-86). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Adelson, L. (1972). The battering child. *The Journal of the American Medical Association*, 222(2), 159-161. doi:10.1001/jama.222.2.159
- Adler, A. (1975). *El niño difícil*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe. (Obra original publicada em 1930).
- Alarcão, M. (2000). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alberto, I. M. (2006). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Edições Almedina, S. A.
- Almaça, I. P. (2009). *A constelação fraternal: Auto-estima, padrão de vinculação e percepção das práticas parentais no adolescente* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Amaro, F. (2004). A família portuguesa: Tendências atuais. *Cidade Solidária*, julho, 2-5.
- Ambert, A. M. (1986). Being a stepparent. Live-in and visiting stepchildren. *Journal of Marriage and Family*, 48, 795-804.
- Azevedo, M., & Maia, Â. (2006). *Maus-tratos à criança*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bank, L., Burraston, B., & Snyder, J. (2004). Sibling conflict and ineffective parenting as predictor of adolescent boy's antisocial behavior and peer difficulties: Additive and interactional effects. *Journal of Research on Adolescence*, 14(1), 99-125. doi:10.1111/j.1532-7795.2004.01401005.x
- Bank, S. P., & Kahn, M. D. (1997). *The sibling bond* (15th anniversary ed.). New York: Basic Books. (Obra original publicada em 1982).

- Bedford, V., & Volling, B. (2004). A dynamic ecological systems perspective on emotion regulation development within the sibling relationship. In F. Lang & K. Fingerman (Eds.), *Growing together: Personal relationships across the lifespan* (pp. 76-101). New York: Cambridge University Press.
- Bevc, I., & Silverman, I. (2000). Early separation and sibling incest: A test of the revised Westermarck theory. *Evolution and Human Behavior, 21*, 151-161.
- Boer, F. (1990). *Sibling relationships in middle childhood*. Leiden: University of Leiden Press.
- Bornstein, M. H. (1995). Form and function: Implications for studies of culture and human development. *Culture & Psychology, 1*(1), 123-137. doi:10.1177/135406X9511009
- Bryant, B. (1992). Sibling caretaking: Providing emotional support during middle childhood. In F. Boer & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issues* (pp. 55-69). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Brody, G. H. (1998). Sibling relationship quality: Its causes and consequences. *Annual Reviews Psychology, 49*(1), 1-24. doi:10.1146/annurev.psych.49.1.1
- Buhrmester, D. (1992). The developmental courses of sibling and peer relationships. In F. Boer & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issues* (pp. 19-40). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Button, D. M., & Gealt, R. (2010). High risk among victims of sibling violence. *Journal of Family Violence, 25*(2), 131-140. doi:10.1007/s10896-009-9276-x

Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: Assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: Haworth Press, Inc.

Calheiros, M. (2006). *A construção social do mau trato e da negligência parental: Do senso comum ao conhecimento científico*. Fundação Calouste Gulbenkian: Imprensa de Coimbra.

Calheiros, M., Garrido, M., & Santos, S. (Org.). (2011). *Crianças em risco e perigo: Contextos, investigação e intervenção* (Vol. 1). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Caspi, J. (2012). *Sibling aggression: Assessment and treatment*. New York: Springer Publishing Company.

Cicirelli, V. G. (1995). *Sibling relationships across the life span*. New York: Plenum Press.

Cicirelli, V. G. (1996). Emotion and cognition in attachment. In C. Magai & S. H. McFadden (Eds.), *Handbook of emotions, adult development and aging* (pp. 119-132). San Diego: Academic Press.

Cole, E. (1982). Sibling incest: The myth of benign sibling incest. *Women and Therapy*, 1(3), p. 79-89. doi:10.1300/J015V01N03_10

Criss, M. M., & Shaw, D. S. (2005). Sibling relationships as contexts for sibling training in low-income families. *Journal of Family Psychology*, 4, 592-600. doi:10.1037/0893-3200.19.4.592

Dell, P. F. (1982). Beyond homeostasis: Toward a concept of coherence. *Family Process*, 21(1), 21-41. doi: 10.1111/j.1545-5300.1982.00021.x

Dunn, J. (1988). Sibling influences on childhood development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 29(2), 119-127. doi:10.1111/j.1469-7610.1988.tb00697.x

- Dunn, J. (1992). Sisters and brothers: Current issues in development research. In F. Boer & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issues* (pp. 125-138). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Dunn, J. (1993). *Young children's close relationships*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1982). *Siblings: Love, envy, and understanding*. Cambridge MA: Harvard University Press.
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2006). All in the family? Family environment factors in sibling violence. *Journal of Family Violence, 21*(8), 497-507. doi:10.1007/s10896-006-9048-9
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2009). A push or a punch: Distinguishing the severity of sibling violence. *Journal of Interpersonal Violence, 24*, 183-208. doi:10.1177/0886260508316298
- Felson, R. B. (1983). Aggression and violence between siblings. *Social Psychology Quarterly, 46*(4), 271-285. doi:10.2307/3033715
- Fernandes, O. M. (2000). *Fratria e personalidade* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia, 24*(3), 297-304. doi: 10.1590/S0103-166X2007000300001

- Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2013). *Um contributo para a compreensão da violência na família*. Artigo submetido para publicação.
- Ferreira, C. (2009). *Perceção de conflito na relação de irmãos adultos* (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto.
- Finkelhor, D. (1980). Sex among siblings: A survey of prevalence, variety, and effects. *Archives of Sexual Behavior*, *9*(3), 171-194. doi:10.1007/BF01542244
- Finkelhor, D., Turner, H., & Ormond, R. (2006). Kid's stuff: The nature and impact of peer and sibling violence on younger and older children. *Child Abuse & Neglect*, *30*(12), 1401-1421. doi:10.1016/j.chiabu.2006.06.006
- Floyd, K. (1994). Gender and closeness among friends and siblings. *The Journal of Psychology*, *129*, 193-202. doi: 10.1080/00223980.1995.9914958
- França, R. A. M. (1994). *A dinâmica da relação na fratria da criança com paralisia cerebral* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- França, R. A. M. (2000). *A dinâmica da relação na fratria da criança com paralisia cerebral*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the qualities of sibling relationships. *Child Development*, *56*(2), 448-461. doi:10.2307/1129733
- Garcia, M., Shaw, D., & Yaggi, K. (2000). Destructive sibling conflict and the development of conduct problems in young boys. *Developmental Psychology*, *1*, 44-53. doi:10.1037/0012-1649.36.1.44
- Gass, K., Jenkins, J., & Dunn, J. (2007). Are sibling relationships protective? A longitudinal study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *48*, 167-175. doi:10.1111/j.1469-7610.2006.01699.x

- Gebhard, P. H., Gagnon, J. H., Pomeroy, W. B., & Christenson, C. V. (1965). *Sex offenders: An analysis of types*. New York: Harper & Row.
- Gelles, R. J., & Cornell, C. P. (1985). *Intimate violence in families*. Beverley Hills, CA: Sage Publications.
- Goetting, A. (1986). The developmental tasks of siblingship over the life cycle. *Journal of Marriage and Family*, 48(4), 703-714. doi:10.2307/352563
- Goldsmind, R., & Féres-Carneiro, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, 2, 293-308.
- Goodwin, M. P., & Roscoe, B. (1990). Sibling violence and agnostic interactions among middle adolescents. *Adolescence*, 25, 451-467.
- Graham-Bermann, S., Cutler, S., Litzenberger, B., & Schwartz, W. (1994). Perceived conflict and violence in childhood sibling relationships and later emotional adjustment. *Journal of Family Psychology*, 8(2), 85-97. doi:10.1037/0893-3200.8.2.224
- Grande Dicionário da Língua Portuguesa (2004). (1.ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Grant, J., Indermaur, D., Thornton, J., Stevens, G., Charmarette, C., & Halse, A. (2009). Intrafamilial adolescent sex offenders: Psychological profile and treatment issues. *Trends and Issues in Crime and Criminal Justice*, 375, 1-6.
- Hamby, S. L., & Grey-Little, B. (2000). Labeling partner violence: When do victims differentiate among acts? *Violence & Victims*, 15(2), 173-186.
- Hardy, M. S. (2001). Physical aggression and sexual behavior among siblings: A retrospective study. *Journal of Family Violence*, 16(3), 255-268. doi:10.1023/A:1011186215874

- Hardy, M. S., Beers, B., Burgess, C., & Taylor, A. (2010). Personal experience and perceived acceptability of sibling aggression. *Journal of Family Violence, 25*, 67-71. doi:10.1007/s10896-009-9270-3
- Haskins, C. (2003). Treating sibling incest using a family systems approach. *Journal of Mental Health Counseling, 25*, 337-350.
- Hetherington, E. M. (1994). Siblings, family relationships, and child development: Introduction. *Journal of Family Psychology, 8*(3), 251-253. doi:10.1037/0893-3200.8.3.251
- Jenkins, J. (1992). Sibling relationships in disharmonious homes: Potential difficulties and protective effects. In F. Boer & J. Dunn, (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issues* (pp. 125-138). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Johnston, C., & Freeman, W. (1989). Parent training interventions for sibling conflict. In M. James (Ed.), *Handbook of parent training: Parents as co-therapists for children's behavior problems* (2nd ed., pp. 153-176). New York: Wiley.
- Kendall-Tackett, K. A., Williams, L. M., & Finkelhor, D. (1993). Impact of sexual abuse on children: A review and synthesis of recent empirical studies. *Psychological Bulletin, 11*(1), 164-180. doi:10.1037/0033-2909.113.1.164
- Kettrey, H., & Emery, E. (2006). The discourse of sibling abuse. *Journal of Family Violence, 21*, 407-416. doi:10.1007/s10896-006-9036-0
- Khan, R., & Cooke, D. J. (2008). Risk factors for severe inter-sibling violence: A preliminary study of a youth forensic sample. *Journal of Interpersonal Violence, 23*(11), 1513-1530. doi:10.1177/0886260508314312

- Klagsbrun, F. (1992). *Mixed feelings: Love, hate, rivalry, and reconciliation among brothers and sisters*. New York: Bantam Books.
- Krienert, J. L., & Walsh, J. A. (2011). My brother's keeper: A contemporary examination of reported sibling violence using national level data, 2000-2005. *Journal of Family Violence, 6*(5), 331-42. doi:10.1007/s10896-011-9367-3
- Kolko, D. J., Kadzin, A. E., & Day, B. T. (1996). Children's perspectives in the assessment of family violence: Psychometric characteristics and comparison to parent's reports. *Child Maltreatment, 1*, 156-167. doi: 10.1177/1077559596001002007
- Lamb, M. E., & Sutton-Smith, B. (Eds.) (1982). *Sibling relationships: Their nature and significance across the lifespan*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Laviola, M. (1992). Effects of older brother - younger sister incest: A study of the dynamics of 17 cases. *Child Abuse & Neglect, 16*(3), 409-421. doi:10.1016/0145-2134(92)90050-2
- Lee, T. R., Mancini, J. S., & Maxwell, J. W. (1990). Sibling relationships in adulthood: Contact patterns and motivations. *Journal of Marriage and Family, 52*(2), 431-440. doi:10.2307/353037
- Lerner, R., Easterbrooks, M., & Mistry, J. (Eds.). (2003). *Handbook of psychology: Vol. 6. Developmental Psychology*. New York: John Wiley & Sons.
- Lloyd, S. A., & Emery, B. C. (2000). *The dark side of courtship: Physical and sexual aggression*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Mackey, A. M., & Fromuth, M. E., & Kelly, D. B. (2010). The association of sibling relationship and abuse with later psychological adjustment. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(1), 955-968. doi:10.1037/0012-1649.25.1.36

- Magalhães, T. (2010). *Violência e abuso – Respostas simples para questões complexas, estado da arte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Martins, P. C. (2002). *Maus-tratos a crianças – O perfil de um problema*. Braga: Centro de Estudos da Criança - Universidade do Minho.
- Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Braga.
- Matos, M. (2011). Avaliação psicológica de vítimas de violência doméstica. In M. Matos, R. A. Gonçalves, & C. Machado (coord.), *Manual de psicologia forense: Contextos, práticas e desafios* (pp. 175-202). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Meynckens-Fourez, M. (2004). Frères et soeurs: Entre disputes et complicités, entre amour et haine. *Cahiers Critiques de Thérapie Familiale et de Pratiques de Réseaux*, 32, 68-89.
- Minnett, A. M., Vandell, D. L., & Santrock, J. W. (1983). The effects of sibling status on sibling interaction: Influence of birth order, age spacing, sex of child, and sex of sibling. *Child Development*, 54(4), 1064-1072. doi:10.2307/1129910
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morais, A. C. (2010). *Vinculação em fratrias institucionalizadas juntas e separadas: Revisão da literatura* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

- Newman, J. (1994). Conflict and friendship in sibling relationships: A review. *Child Study Journal*, 24, 119-153.
- Noller, P. (2005). Sibling relationships in adolescence: Learning and growing together. *Personal Relationships*, 12(1), 1-22. doi:10.1111/j.1350-4126.2005.00099.x
- Noland, V. J., Liller, K. D., Mcdermott, R. J., Coutler, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal of Health Behavior*, 28, 13-23.
- Ochoa, G., Sanchez, J., & Fuster, E. (1988). *Família y education. Prácticas educativas de los padres y socialization de los hijos*. Barcelona: Editorial Labor.
- Oliveira, A. (2006). Família e irmãos. In C. M. O. Cerveny (Org.), *Família e... Narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social* (pp. 63-81). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Omer, H., Schorr-Sapir, I., & Weinblatt U. (2008). Non-violent resistance and violence against siblings. *Journal of Family Therapy*, 30(4), 450-464. doi:10.1111/j.1467-6427.2008.00441.x
- Phillips, D., Phillips, K. H., Grupp, K., & Trigg, L. (2009). Sibling violence silenced: Rivalry, competition, wrestling, playing, roughhousing, benign. *Advances in Nursing Science*, 32(2), 1-16.
- Plomin, R., Asbury, K., & Dunn, J. (2001). Why are children in the same family so different? Nonshared environment a decade later. *Canadian Journal of Psychiatry*, 46, 225-233.

- Rapoza, K. A., Cook, K., Zaveri, T., & Malley-Morrison, K. (2010). Ethnic perspectives on sibling abuse in the United States. *Journal of Family Issues, 31*(6) 808-829. doi: 10.1177/0192513X09359158
- Relva, I. C. (2005). *Maus tratos entre irmãos: Um estudo em alunos de Vila Real* (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (no prelo). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Interamerican Journal of Psychology*.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Costa, R. A. (no prelo). Psychometric properties of revised conflict tactics scales: Portuguese sibling version (CTS2-SP). *Journal of Family Violence*.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Mota, C. P. (2013). An exploration of sibling violence predictors. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research, 5*(1), 46-62. doi 10.1108/17596591311290740
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins, A., (no prelo). Estudo exploratório da violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspetiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rodrigues, A. G. (2011). A perturbação mental na fratria: O funcionamento familiar, a vinculação parental e a satisfação com o suporte social (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

- Roscoe, B., Goodwin, M. P., & Kennedy, D. (1987). Sibling violence and agonistic interactions experienced by early adolescents. *Journal of Family Violence*, 2, 121-137. doi:10.1007/BF00977037
- Sameroff, A. J. (1994). Ecological perspectives on longitudinal follow-up studies. In S. Friedman & H. C. Haywoods (Eds.), *Developmental follow-up: Concepts, domains, and methods* (pp. 45-63). New York: Academic Press.
- Sani, A. I. (2006). Vitimação indirecta de crianças em contexto familiar. *Análise Social*, XLI(180), 849-864.
- Sani, A. I., & Almeida, T. (2011). Avaliação psicológica de crianças expostas à violência interparental. In M. Matos, R. A. Gonçalves, & C. Machado (Coord.), *Manual de psicologia forense: Contextos, práticas e desafios* (pp. 159-174). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Santos, A. S. (2010). *O auto-conceito em crianças com e sem irmãos* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Simonelli, C. J., Mullis, T., Elliot, A. N., & Pierce, T. W. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationship. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 103-121. doi:10.1177/0886260502017002001
- Snyder, J., Bank, L., & Burraston, B. (2005). The consequences of antisocial behavior in older male siblings for younger brothers and sisters. *Journal of Family Psychology*, 19(4), 643-653. doi:10.1037/0893-3200.19.4.643
- Smith, S. (1965). The adolescent murderer. *Archives of General Psychiatry*, 13, 310-319.
- Steinmetz, S. K. (1977). *The cycle of violence, assertive, aggressive, and abusive family interaction*. New York: Praeger.

Stock, L. (1993). Sibling abuse: It's much more serious than child's play. *Children's Legal Rights Journal*, 14, 19-21.

Stocker, C. M. (1994). Children's perceptions of relationships with siblings, friends, and mothers: Compensatory processes and links with adjustment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 35(8), 1447-1459. doi:10.1177/0265407592092002

Straus, M. (1979). Measuring intrafamilial conflict and violence: The Conflict Tactics Scales. *Journal of Marriage and Family*, 41, 75-88.

Straus, M. A. (2007). Conflict Tactics Scales. In N. A. Jackson (Ed.), *Encyclopedia of domestic violence* (pp. 190-197). New York: Routledge, Taylor & Francis Group.

Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind closed doors. Violence in the american family*. Garden City: Anchor Books.

Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283-316. doi:10.1177/019251396017003001

Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.

Teti, D. M., & Ablard, K. E. (1989). Security of attachment and infant-sibling relationships: A laboratory study. *Child Development*, 60(6), 1519-1528. doi:10.2307/1130940

Teixeira, V. (2011). *As redes sociais pessoais de crianças e jovens em acolhimento residencial - o papel das fratrias* (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Minho, Braga.

Toman, W. (1993). *Family Constellation: Its effects on personality and social behavior* (4rd. rev.). New York: Springer Publishing Company.

Tomkins, S. S. (1962). *Affect, imagery, consciousness* (Vol. 1, The positive affects). New York: Springer.

Tribuna, F., & Relvas, A. (2002). Famílias de acolhimento e vinculação na adolescência. In A. Relvas & M. Alarcão (Coords.), *Novas formas de família* (pp. 53-119). Coimbra: Quarteto.

Vandell, D. L., & Bailey, M. D. (1992). Conflicts between siblings. In C. U. Shantz & W. W. Hartup (Eds.), *Conflict in child and adolescent development* (pp. 242-269). Cambridge: Cambridge University Press.

Vooring, B. L. (2005). The transition to siblinghood: A developmental ecological systems perspective and directions for future research. *Journal of Family Psychology*, *19*(4), 542-549. doi:10.1037/0893-3200.19.4.542

Wall, K. (2005) (Org.). *Famílias em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Wiehe, V. R. (1997). *Sibling abuse: Hidden physical, emotional and sexual trauma* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Winnicott, D. W. (1989). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1986).

CAPÍTULO 1

PREPARAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Nota introdutória: Os artigos foram submetidos a diferentes revistas, cada uma delas com diferentes normas de redação. Deste modo, os artigos aqui apresentados seguem as normas propostas por cada revista.

1. Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida¹⁷

Resumo

Este é um artigo de revisão da literatura sobre a violência entre irmãos. Embora seja um tema pouco abordado na literatura científica, alguma investigação tem demonstrado que merece mais atenção, dada a sua elevada prevalência e perigosidade. Identificam-se alguns conceitos que têm sido associados a esta problemática e apresentam-se diversos estudos que apontam para a sua elevada ocorrência, bem como os fatores de risco que têm sido sugeridos para explicar esta forma de violência. Fizemos, ainda, uma descrição das várias definições dos diferentes tipos de violência (e.g., violência física, violência psicológica e abuso sexual) e analisámos o seu impacto.

Palavras-chave: irmãos, violência psicológica, violência física, abuso sexual, fatores de risco, impacto psicológico.

Abstract

This article is a review of the literature on sibling violence. Although it is a subject rarely discussed in scientific literature, some research has shown that deserves more attention, given its high prevalence and dangerousness. We have identified some concepts that have been associated with this issue, and presented several studies that point to its high occurrence and risk factors that have been suggested to explain this violence. We, also, do a description of the various definitions of different types of violence (e.g., physical violence, psychological violence and sexual abuse) and analyzed their impact.

Key-words: siblings, physical violence, psychological violence, sexual abuse, risk factors, psychological impact.

¹⁷ Aceite para publicação a 9 de janeiro de 2013, pelo *Interamerican Journal of Psychology*.

A violência na família constitui um grave fenómeno social. Trata-se de um fenómeno de difícil estudo, até pela ressonância que desperta em cada pessoa (Alarcão, 2000). Nos últimos anos, tem-se assistido à divulgação mediática de casos de violência contra mulheres e contra crianças, perpetrada pelos progenitores ou outros familiares (Relva, 2005). Porém, raros são os casos em que a violência exercida pelos próprios irmãos é mediatizada, apesar da importância que o subsistema fraternal assume no sistema familiar (Fernandes, 2002). O presente artigo pretende fazer uma revisão da literatura acerca da violência entre irmãos, procurando indicar a sua prevalência, principais causas, tipos de violência e consequências, a curto e a longo prazo, para as vítimas.

Definição de violência entre irmãos

Diversos autores (e.g., Eriksen & Jensen, 2009; Kettrey & Emery, 2006) têm levantado a questão da ambiguidade que rodeia a investigação no âmbito da violência entre irmãos. Nomeadamente, parece difícil delimitar o que é supostamente “normal” de comportamentos considerados desadequados. Uma simples revisão da literatura permite compreender que a confusão começa, desde logo, na terminologia: os termos **abuso** (e.g., Green, 1984; Wiehe, 1997), **violência** (e.g., Felson, 1983; Goodwin & Roscoe, 1990; Graham-Bermann, Cutler, Litzenberger, & Schwartz, 1994), **agressão** (e.g., Duncan, 1999; Felson, 1983), **conflito** (e.g., Garcia, Shaw, & Yaggi, 2000; Martin & Ross, 2005), **rivalidade** (e.g., Leung & Robson, 1991) e **bullying** (e.g., Duncan, 1999) são, muitas vezes, utilizados de forma indiscriminada para designarem os mesmos comportamentos, tornando pouco clara a delimitação daquilo que realmente é violência. Tenta-se, de seguida, alguma clarificação destes conceitos.

O **abuso** entre irmãos foi descrito como qualquer forma de abuso físico, psicológico ou sexual infligido por um irmão a outro irmão (Haskins, 2003). Também Dekeseredy e Ellis (1997) definiram **violência** física entre irmãos como um comportamento intencional infringido por uma criança a outra. O abuso incluiria, para além da violência física, a psicológica e a sexual, enquanto o comportamento violento designaria apenas o comportamento fisicamente violento. Caffaro e Conn-Caffaro (1998) consideraram que um dado comportamento, ao ser danoso para a vítima, o colocaria na esfera da violência e não da rivalidade. Mais de uma década depois, Eriksen e Jensen (2009) explicaram que a agressão entre irmãos consistiria em formas mais ligeiras (e.g., ameaçar ou bater com alguma coisa, empurrar ou agarrar) enquanto as formas mais severas da agressão (e.g., ameaçar usar ou usar uma arma ou faca, espancar) consubstanciariam violência entre irmãos. Em 2008, mas já na Europa, Khan e Cooke escreveram que a violência severa entre irmãos seria um “ato intencional de violência física perpetrado por um irmão contra outro irmão (biólogico, meio-irmão, adotado ou por afinidade) no qual o papel de perpetrador se distingue do de vítima ao ameaçar de violência grave e/ou agressão com armas potencialmente letais, como objetos pesados, afiados, armas e facas” (p. 3).

O **conflito** pode ser construtivo, envolvendo emoções positivas, negociação e resultados mutuamente satisfatórios, ou destrutivo, envolvendo malevolência, agressão física, afeto negativo, coerção e resultados insatisfatórios (Vandell & Bailey, 1992). Bank e Kahn (1997) chegaram mesmo a defender cinco aspetos “positivos” da **agressão** entre irmãos, nomeadamente: o contacto agressivo entre eles pode ser reconfortante durante o tempo em que os pais estão indisponíveis; forçam as crianças a um laboratório onde podem aprender a gerir e a resolver os conflitos e a desenvolver

competências, moral, coragem e criatividade; ensinam competências que podem ser usadas noutros relacionamentos; promovem sentimentos de lealdade e permitem dirigir a agressividade para um alvo mais apropriado. Pelo contrário, na **violência** entre irmãos, um dos irmãos toma claramente o papel de agressor na relação com outro (Kiselica & Morrill-Richards, 2007). Assim sendo, os conflitos parecem ser normais, embora quase sempre passageiros e contornáveis, até porque os irmãos são constrangidos a aturarem-se e, sobretudo, a amarem-se, mesmo que sintam o contrário (Fernandes, 2002).

A **rivalidade** existe na maioria, senão em todas as famílias (Dunn, 1983). Apesar de este conceito ser frequentemente usado, defini-lo e compreendê-lo é mais difícil do que parece (Mackey, Fromuth, & Kelly, 2010). Tradicionalmente definida em termos de ordem de nascimento e competição, a rivalidade é frequentemente considerada como um problema de ressentimento, de um irmão mais velho em relação ao irmão mais novo, por este lhe ter roubado a atenção dos pais (Felson, 1983), ser mais protegido e mais amado e ter mais privilégios (Autotte, Deangelis, & Howard, 1984), pelo menos na perspectiva do irmão mais velho. Para Taylor (1988), a rivalidade é definida como a competição, entre os irmãos, por amor, afeto e atenção de um ou de ambos os pais. Esta definição não coloca em evidência a ordem de nascimento, mas sim a competição por algo que ambos desejam. Pelo contrário, a violência ou o abuso entre irmãos consiste num padrão repetido de agressão com o intuito de magoar (Caspi, 2012). Essa agressão tem por objetivo fazer com o que o outro irmão se sinta humilhado e indefeso, reforçando deste modo uma solidificação dos papéis, quer de vítima quer de agressor. Podemos então dizer que a rivalidade entre irmãos pode progredir para o abuso entre irmãos.

Finalmente, um conceito que só recentemente tem sido associado à violência entre irmãos é o de **bullying**. Este termo refere-se ao conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetidos, adotados por alguém contra pessoas física ou psicologicamente mais vulneráveis, sobretudo em contexto escolar (Academia das Ciências de Lisboa, 2011). Etimologicamente, deriva da palavra holandesa *Boel*, que, curiosamente, significa “amante, irmão”. Existem diversas definições, mas a maioria dos autores concorda que é um ato que tem por intenção magoar, que ocorre frequentemente e em que existe uma relação desequilibrada de poder entre o agressor e a vítima (Farrington, 1993). O *bullying* inclui abuso físico (e.g., bater, dar socos), abuso psicológico (e.g., ameaçar, gozar, chamar nomes) (Monks et al., 2009) e isolamento social/exclusão (Lagerspetz, Bjorkqvist, & Peltonen, 1988), no qual a pessoa se sente deliberadamente ignorada. Monks e colaboradores (2009) fizeram uma revisão da literatura olhando para a natureza, extensão, características e impacto do *bullying* nas escolas, entre irmãos (Duncan, em 1999, foi um dos primeiros autores a referir-se ao fenómeno do *bullying* em contexto fraternal), em instituições que acolhem crianças, nas prisões e nos locais de trabalho. Para os autores, quando falamos de violência entre irmãos referimo-nos a *bullying* porque os irmãos raramente são iguais em termos de idade, tamanho e força física ou psicológica, pelo que um irmão tem a capacidade de abusar do outro; outro aspeto a considerar é que na infância, e grande parte da adolescência, os irmãos passam muito tempo juntos, muitas vezes na ausência de um adulto, o que fornece oportunidades para a sua ocorrência.

Em suma, a existência de diversos conceitos em torno do mesmo fenómeno tem dificultado o seu reconhecimento, embora assistamos hoje, e de forma gradual, a

uma maior consciencialização e a um despertar de consciências sobre esta problemática.

Prevalência

Os primeiros estudos que dão conta da elevada prevalência da violência entre irmãos datam dos finais da década de setenta do século passado (Steinmetz, 1977; Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980). Estudos posteriores dão também conta da elevada prevalência deste fenómeno (e.g., Goodwin & Roscoe, 1990; Roscoe, Goodwin, & Kennedy, 1987; Simonelli, Mullis, Elliot, & Pierce, 2002). Finkelhor e Dziuba-Leatherman (1994) defendem que a violência contra irmãos deveria ser agrupada numa categoria de vitimização de crianças que designaram de “pandémica”, devido à sua frequência na nossa sociedade. Goodwin e Roscoe (1990), numa amostra de 272 jovens de um liceu, constataram que 65% das raparigas e 64% dos rapazes disseram que foram perpetradores de qualquer forma de violência fraterna e 64% das raparigas e 66% dos rapazes vítimas de violência fraterna. A forma menos perigosa de violência era a mais comum, mas 3.4% destes entrevistados verbalizaram terem sido ameaçados com uma faca ou arma e 2.6% verbalizaram terem ameaçado um irmão/ã com uma faca. Já em 2010, Hardy, Beers, Burgess e Taylor, numa amostra constituída por 506 estudantes universitários, verificaram que a maioria dos participantes (76.6% do sexo masculino e 77.5% do sexo feminino) relataram terem sido vítimas e perpetradores de, pelo menos, um ato de violência verbal ou física para com um irmão/irmã durante a infância.

Na Europa, os poucos estudos realizados dão também conta de uma elevada prevalência. Por exemplo, no estudo efetuado por Khan e Cooke (2008), junto de jovens sob a tutela do sistema criminal escocês ou aos cuidados de instituições,

aproximadamente 90% (89.2%) dos sujeitos com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos verbalizaram terem intencionalmente perpetrado um ou mais atos de violência física severa contra os seus irmãos, enquanto viviam com eles.

Tipos de violência

À semelhança do que acontece noutras formas de violência, sobretudo em contexto familiar, são três os tipos de violência entre irmãos que ocorrem de um modo mais prevalente: a física, a psicológica e o abuso sexual. Recentemente, a violência relacional tem merecido alguma atenção.

A Violência Física. Pode considerar-se que estamos na presença deste tipo de violência quando um membro da díade, não acidentalmente, causa ferimentos físicos, danos ou morte de um irmão ou irmã (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). A violência física envolve um leque de comportamentos variado como empurrar, bater, dar pontapés, usar armas para provocar ferimentos físicos (Goodwin & Roscoe, 1990), dar palmadas, morder, puxar o cabelo, arranhar e beliscar (Wiehe, 1998). Existem ainda formas de brincar (e.g., brincar com almofadas e abafar o irmão ao ponto deste ficar incapacitado de respirar) que podem conduzir a consequências negativas, podendo mesmo resultar em lesões (Wiehe, 1998). Contudo, torna-se importante nunca ignorar o contexto em que ocorrem e qual a sua periodicidade.

As formas de violência física mais severas entre irmãos incluem, nomeadamente, o uso de vassouras, mangueiras, cabides, escovas de cabelo, cintos, facas, lâminas de barbear, de forma a causar ferimentos e dor (Wiehe, 2002), e queimaduras, membros fraturados e perfurações que exigem cuidados de profissionais de saúde (Khan & Cooke, 2008).

A Violência Psicológica. Esta forma de violência em contexto fraternal é uma das mais comuns mas também subidentificada (Whipple & Finton, 1995), sendo talvez por isso a categoria de abuso mais difícil de definir neste contexto (Kiselica & Morrill-Richards, 2007). Pode ser definida incluindo: a negligência, a realização de comentários com o objetivo de ridicularizar, ameaçar, aterrorizar, depreciar, rejeitar, degradar ou explorar e destruir a propriedade pessoal de um irmão (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998), exacerbar o medo (Wiehe, 1997), provocar e gozar (Soanes, 2003). Esta forma de violência parece ser ainda potencialmente mais prevalente e destrutiva do que outras, apesar de frequentemente acompanhar e preceder a violência física e/ou sexual (Claussen & Crittenden, 1991) e de ser difícil de comprovar pela ausência de evidências físicas (Wiehe, 2002).

Se detetar a violência psicológica é uma tarefa difícil, detetá-la em irmãos torna-se ainda mais complexo, pelo facto dos profissionais e pais tenderem a aceitar este tipo de comportamento abusivo como um fenómeno que ocorre com todas as crianças quando elas interagem com os seus irmãos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998), dificultando a determinação da sua prevalência (Rosenthal & Doherty, 1984). Este comportamento é simplesmente desculpado e visto como rivalidade fraterna e, como tal, interiorizado pelas vítimas.

O Abuso Sexual. No que concerne aos comportamentos sexuais, em especial, parece não haver critérios universais que permitam distinguir o contacto sexual abusivo de um comportamento sexual considerado normal. Por exemplo, para Carter e Dalen (1998) só a existência de, pelo menos, cinco anos de diferença entre os irmãos ou de força por parte do irmão perpetrador permitem falar de um comportamento abusivo. Mas as definições variam em função da idade, tipo de comportamento,

motivação e consentimento (Carlson, Maciol, & Schneider, 2006). Também Canavan, Meyer, e Higgs (1992) consideram que o abuso se distingue da simples exploração sexual quando estamos na presença de segredo forçado e existe diferença de poder entre os irmãos.

O abuso sexual por irmãos inclui referências sexuais não desejadas em conversas, fotografias pornográficas ou exposição à pornografia, contacto sexual inapropriado como o tocar, fazer carícias, exposição indecente, masturbação, tentativa de penetração, relações sexuais, violação e sodomia entre irmãos (Adler & Shutz, 1995; Canavan et al., 1992).

Diversos investigadores reconhecem que o incesto entre irmãos é comum (Cole, 1982; Finkelhor, 1979). No entanto, apesar da acumulação de numerosas evidências do incesto entre irmãos (e.g., Carlson et al., 2006; Finkelhor, 1997) e dos seus efeitos nefastos (Laviola, 1992), a sociedade continua a ignorar ou minimizar as suas consequências para as vítimas e suas famílias. Para esta falta de atenção podem ser apresentados alguns fatores: a relutância das famílias em relatar às autoridades a ocorrência do incesto entre irmãos (Adler & Shutz, 1995), a minimização do problema pelos pais, a ameaça sob a qual as vítimas são colocadas quando o abuso ocorre e a percepção de que o contacto sexual entre os irmãos se encontra dentro dos valores normais de aceitação da brincadeira sexual ou exploração entre irmãos (Abrahams & Hoey, 1994; Finkelhor, 1980), não sendo os detalhes desta curiosidade totalmente compreendidos (Mc Veigh, 2003).

No entender de Cole (1982), mesmo na presença de reduzida diferença de idades ou quando os sujeitos verbalizam a experiência como positiva, o incesto entre irmãos não é benigno. A este respeito, Mc Veigh (2003) acrescenta que, apesar da

diferença de idades poder ser relevante, a idade por si só não é um bom indicador quando se avaliam os comportamentos sexuais, uma vez que pode ocorrer manipulação e coerção entre irmãos da mesma idade. Krienert e Walsh (2011b) referiram recentemente a necessidade de expandir critérios de definição relacionados com a idade e com o género, de forma a melhor informar na avaliação do risco e prevenção.

A Violência Relacional. Alguns autores (Ostrov, Crick, & Stauffacher, 2006; Updegraff, Thayer, Whiteman, Denning, & McHale, 2005) têm dedicado atenção ao estudo deste tipo de violência entre os irmãos. Segundo Caspi (2012) é um tipo de agressão frequentemente apelidado de agressão social ou indireta, na medida em que frequentemente a vítima nem sabe das ações do agressor (e.g., ridicularizar perante os pares).

Fatores de risco

A revisão bibliográfica refere um conjunto de fatores de risco que ajudam a explicar a ocorrência de violência entre irmãos. Serão aqui abordados aspetos relativos às características da vítima, do perpetrador, do meio familiar e do contexto social e cultural.

Características da vítima e do perpetrador. A idade parece ser o fator mais consistente enquanto preditor da violência entre irmãos (Button & Gealt, 2010; Eriksen & Jensen, 2006), influenciando as motivações e a severidade da violência (Kiselica & Morrill-Richards, 2007). Crianças com menos de 8 anos tendem a usar a violência física para resolver os conflitos, enquanto adolescentes com idades entre os 9 e os 13 anos utilizam a violência física para definir fronteiras físicas, e adolescentes

com mais de 14 anos utilizam a violência física para lidar com conflitos sobre a responsabilidade e as obrigações sociais (Kiselica & Morrill-Richards, 2007). Pensa-se que a violência entre irmãos atinge o seu pico quando o irmão mais velho tem entre 10 e 14 anos (Straus et al., 1980), ocorrendo um declínio da violência depois dessa idade, em resultando de melhores competências de comunicação e, conseqüentemente, de uma diminuição da necessidade da violência para resolver os conflitos (Noland, Liller, Mcdermott, Coutler, & Seraphine, 2004), bem como do facto dos adolescentes que estão em níveis desenvolvimentais e sociais diferentes dos irmãos (Bank, 1992) passarem mais tempo fora de casa. Contudo, a investigação é ainda pouco clara, sobre se existe ou não um aumento dos conflitos à medida que as crianças crescem.

Quanto às diferenças de idade, Noland e colaboradores (2004) constataram que os irmãos experienciam mais violência quando os irmãos são próximos em idade. Talvez, e como sugere Bank (1992), porque têm de partilhar mais o mesmo território: o quarto (ou até a mesma cama, em famílias com poucos recursos económicos), o quarto de banho, os mesmos brinquedos, os mesmos interesses e a mesma escola. Contudo Caspi (2012) afirmou recentemente que a violência parece estar mais presente em idades cuja diferença de idade é maior.

Relativamente ao género, os resultados são inconsistentes (Button & Gealt, 2010). Gelles (1997) considera que, e apesar de crianças de todas as idades e de ambos os sexos se envolverem em atos de violência contra irmãs e irmãos, existem algumas diferenças para quem a violência é dirigida. Existe a crença, na nossa sociedade, de que os rapazes são fisicamente mais agressivos e de que as raparigas são verbalmente mais agressivas. Eriksen e Jensen (2006) verificaram que os rapazes têm uma maior tendência para exercerem violência sobre irmãos, sobretudo nas interações com

irmãos (ou irmãs) mais novos. Uma das explicações para o facto de os rapazes serem mais perpetradores de violência foi sugerida por Leder (1993), que refere que a sociedade de género cria expectativas e um papel demasiado rígido aos rapazes, pelo que estes devem ser mais agressivos e mais competitivos que as raparigas. Apesar da investigação sobre violência contra irmãos tender a apoiar a crença de que a violência entre irmãos é iniciada pelos rapazes (e.g., Krienert & Walsh, 2011a), alguns estudos não evidenciam diferenças significativas de género na perpetração da violência (Duncan, 1999; Felson, 1983; Hardy et al., 2010; Straus et al., 1980).

O *irmão perpetrador* é muitas vezes caracterizado como tendo sido vítima de abuso parental ou negligência, sendo geralmente o mais velho e substituto parental (Wiehe, 1997). Este irmão muitas vezes retalia contra um irmão percebido como favorito e atua como mecanismo de libertação da raiva (Green, 1984). Recorre frequentemente à violência como forma de exibir poder, em resposta ao facto deles próprios terem sido vitimizados por um irmão mais velho ou alguém fora da família (Whipple & Finton, 1995). Os perpetradores tendem a ser igualmente vítimas e arquitetos do controlo coercivo (Patterson, 1982). Quanto ao *irmão vítima* parece existir uma diferença desenvolvimental (física ou intelectual) em relação ao perpetrador (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998), e ausência de relações de apoio (Wiehe, 1997).

Características do meio familiar. Os estudos apontam fatores capazes de gerar tensão como a monoparentalidade (Hetherington, 1988), o caos em que vivem certas famílias (Kiselica & Morrill-Richards, 2007), a instabilidade financeira, a discórdia conjugal, o consumo de drogas ou álcool, a existência perturbações psicopatológicas nos pais (Wiehe, 2002), o stresse familiar (Hardy, 2001), o divórcio (Hetherington,

1989; Poortman & Voorpostel, 2009) que parecem contribuir para a ocorrência e manutenção da violência entre irmãos. De igual forma, o conflito entre irmãos está positivamente associado a conflitos conjugais (Furman, 1995), nomeadamente violência sobre mulheres e crianças (Eriksen & Jensen, 2006; Hotaling, Straus, & Lincoln, 1990). Mais recentemente, Hoffman, Kiecolt e Edwards (2005) verificaram que testemunhar os pais a discutir e envolver-se em discussões verbais entre si e com os filhos, está relacionado com elevados níveis de violência entre irmãos. Grande parte destes pais apresentam sérios problemas ao nível das competências a modelar ou da utilização de soluções efetivas para resolução dos problemas de comportamentos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998), aspetos que poderão ser aprendidos pelos seus filhos. A ausência de disponibilidade e a falta de supervisão parental estão frequentemente implicadas na ocorrência da violência entre irmãos (Whipple & Finton, 1995). Esta falha de supervisão parental, frequentemente substituída por irmãos mais velhos, nos quais os irmãos mais novos procuram apoio ou validação, aumenta o risco de desenvolvimento de relações incestuosas entre irmãos (Ascherman & Safier, 1990; Daie, Wilztum, & Eleff, 1989). Segundo Bank e Kahn (1997) os pais pouco efetivos podem ser organizados em dois grupos: aqueles que evitam os conflitos e aqueles que os ampliam. Os primeiros negociam pelos filhos, dificultando o desenvolvimento de competências que eventualmente lhes permitiriam alcançar as suas próprias soluções. Os segundos encorajam o conflito, mostrando dificuldade em respeitar as fronteiras dos conflitos entre irmãos, ignorando ou negando qualquer agressão que ocorre em casa.

O tratamento dado pelos pais a cada um dos seus filhos foi também objeto de estudo enquanto potencial causa para o emergir da violência entre os irmãos. Por

vezes as crianças vivem em meios competitivos, isto é, membros da família que julgam, avaliam e comparam umas crianças com as outras. É também frequente a criação de dicotomias, a atribuição de papéis, em que a uma criança é atribuído o papel da “criança má” e ser tratada de forma diferente do irmão “a criança boa” (Furman, 1995), ou os pais descreverem um filho como sendo “o mais esperto” e o outro como o sendo “o menos esperto” (Dunn & Plumin, 1991). Esta identificação aumenta a competição entre os irmãos, que tendem a comparar os objetivos, competências e desejos de cada um. Quando a natureza competitiva dos irmãos é severa, as crianças podem tornar-se abusivas para obter o controlo desses recursos.

O tratamento parental diferenciado, quer materno (Bryant & Crockenberg, 1980) quer paterno (Brody, Stoneman, & Gauger, 1996) parece estar relacionado com posteriores conflitos entre irmãos.

A ausência de fronteiras claras entre os membros da família (Minuchin, 1982), inclusivamente entre os irmãos parece conduzir à violência, sendo que a disfunção na família ocorre sempre que os limites são demasiado rígidos ou demasiado difusos.

Para além dos fatores de risco anteriormente referidos, parecem existir alguns fatores específicos para a ocorrência do abuso sexual perpetrado por irmãos. O adulto, ao modelar o comportamento sexual e atitudes sexuais inapropriadas, contribui para criar o contexto propício à ocorrência do abuso sexual (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). Em alguns estudos (e.g., De Jong, 1989; Smith & Israel, 1987) constatou-se que os filhos tinham sido abusados sexualmente pelos pais, antes de se tornarem vítimas dos seus próprios irmãos. Também Smith e Israel (1987) verificaram que as mães, num terço das famílias estudadas, não só não estimulavam a sexualidade como eram demasiado rígidas e puritanas sobre as matérias sexuais. O medo de culpabilização e a

vergonha, muitas vezes, afastam os sobreviventes de mencionarem que foram vítimas de abuso (O'Brien, 1989).

Em síntese, a indisponibilidade dos pais – que pode tomar várias formas, desde a ausência física, doença física ou mental, à existência de conflito interpessoal com a criança (Bryant, 1992) – parece contribuir fortemente para a ocorrência de violência entre irmãos.

Características do contexto social e cultural. Apesar da violência entre irmãos ser altamente prevalente, conforme já referido anteriormente, alguns pais, professores e a sociedade em geral, aceitam-na e desculpam-na, por considerarem tal comportamento como rivalidade e, como tal, normal (McHale & Gamble, 1987; Phillips, Phillips, Grupp, & Trigg, 2009). Para Kettrey e Emery (2006) a inexistência de investigação diretamente dirigida à existência destes discursos, ou linguagem coletiva, sobre este tipo de violência contribui para que indivíduos que a experienciam possam ignorar a realidade das suas experiências. Esta tolerância face ao abuso pode ter resultados devastadores, quer para vítimas quer para perpetradores (Kiselica & Morrill-Richards, 2007), embora seja essa tolerância social que também facilita a sua emergência e manutenção.

Consequências da violência entre irmãos

Qualquer forma de violência, quer tenha sido perpetrada por adultos quer por crianças, parece deixar marcas devastadoras, a curto e a longo prazo, em diversos níveis. Assim, vítimas de violência por irmãos parecem envolver-se frequentemente em comportamentos delinquentes (Criss & Shaw, 2005; Liu & Chao, 2005), *bullying* a pares (Duncan, 1999), evidenciar baixa autoestima (Graham-Bermann & Cutler, 1994;

Laviola, 1992), depressão (Graham-Bermann & Cutler, 1994; Wiehe, 2002), elevados níveis de ansiedade (Mackey et al., 2010). A longo prazo estas vítimas poderão vir a reproduzir estes comportamentos com os cônjuges e mesmo com os próprios filhos (Green, 1984), a revelarem dificuldades de relacionamento com o sexo oposto (Daie et al., 1989; Noland et al., 2004; Simonelli et al., 2002), ou com qualquer pessoa independentemente do sexo (Laviola, 1992; Wiehe, 1997).

Quanto ao abuso sexual, porque grande parte permanece sem ser denunciado às autoridades, é difícil avaliar o seu impacto a curto e a longo prazo (Krienert & Walsh, 2011b). Contudo, os efeitos parecem diferir em função das várias etapas desenvolvimentais. Na avaliação do impacto do abuso sexual é necessário ter em consideração que as experiências que são traumáticas para um adulto podem não ser percebidas da mesma forma por uma criança. Os efeitos do incesto são exacerbados quando o mesmo decorre durante vários anos, envolve ameaça física (Canavan et al., 1992; Daie et al., 1989) e existe elevada diferença de idade entre os irmãos (Green, 1984). São várias as possíveis consequências, a curto e a longo prazo, do abuso sexual perpetrado por um irmão, nomeadamente, auto-culpabilização pelo abuso sexual (Wiehe, 1998), ocorrência de ataques de ansiedade e *flashbacks* (Kashani, Daniel, Dandoy, & Holcomb, 1992), tristeza, um padrão de sono irregular, ansiedade de separação, mau-humor e verbalização de sentimentos de abandono (Rosenthal & Doherty, 1984) e dificuldades de relacionamento (Daie et al., 1989). Rudd e Herzeberger (1999) consideram que as características e consequências do incesto irmão-irmã são tão sérias como aquelas que ocorrem no incesto pai-filha.

Conclusão

O relacionamento entre os irmãos é dos mais duradouros, senão o mais duradouro, sendo de extrema importância ao longo da vida de um indivíduo. Contudo, tem sido dos relacionamentos cujo estudo tem sido mais negligenciado, nomeadamente no que concerne ao estudo e compreensão da violência. Apesar da dificuldade em aceitar e (re)conhecer este fenómeno, a violência entre irmãos parece ser a forma mais comum de violência no seio familiar. Vários fatores de risco de ordem individual (quer da vítima quer do perpetrador), familiar e contextual parecem contribuir para a sua ocorrência e manutenção. A elevada frequência com que ocorrem os comportamentos abusivos e o seu impacto negativo, a curto e a longo prazo, nomeadamente a nível emocional, comportamental e relacional permitem afirmar que trata de uma realidade que carece de mais atenção.

Referências

- Abrahams, J., & Hoey, H. (1994). Sibling incest in a clergy family: A case study. *Child Abuse & Neglect, 18*(12), 1029-1035. doi:10.1016/0145-2134(94)90128-7
- Academia das Ciências de Lisboa (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (Vol. 2)*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Adler, N. A., & Schutz, J. (1995). Sibling incest offenders. *Child Abuse & Neglect, 19*, 811-819. doi:10.1016/0145-2134(95)00040-F
- Alarcão, M. (2000). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Ascherman, L., & Safier, E. (1990). Sibling incest: A consequence of individual and family dysfunction. *Bulletin of the Menninger Clinic, 3*, 311-321.
- Autotte, P. A., Deangelis, C., & Howard, B. J. (1984). Developmental behavior problems. In C. DeAngelis (Ed.), *Pediatric Primary Care* (pp. 435-57). Boston: Little, Brown and Company.
- Bank, S. (1992). Remembering and reinterpreting sibling bond. In F. Boer, & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issues* (pp. 139-151). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Bank, S. P., & Kahn, M. D. (1997). *The sibling bond* (15th anniversary ed.). New York: Basic Books.
- Bryant, B. (1992). Sibling caretaking: Providing emotional support during middle childhood. In F. Boer, & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issues* (pp. 55-69). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

- Bryant, B. K., & Crockenberg, S. (1980). Correlates and dimensions of prosocial behavior: A study of female siblings with their mothers. *Child Development*, 51(2), 529-544. doi:10.2307/1129288
- Brody, G. H., Stoneman, Z., & Gauger, K. (1996). Parent-child relationships, family problem-solving behavior, and sibling relationship quality: The moderating role of sibling temperaments. *Child Development*, 67(3), 1289-1300. doi:10.2307/1131893
- Button, D. M., & Gealt, R. (2010). High risk among victims of sibling violence. *Journal of Family Violence*, 25(2), 131-140. doi:10.1007/s10896-009-9276-x
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: Assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: Haworth Press, Inc.
- Canavan, M. M., Meyer, W. J., & Higgs, D. C. (1992). The female experience of sibling incest. *Journal of Marital and Family Therapy*, 18(2), 129-142.
- Caspi, J. (2012). *Sibling aggression: Assessment and treatment*. New York: Springer Publishing Company.
- Carlson, B. E., Maciol, K., & Schneider, J. (2006). Sibling incest: Reports from forty-one survivors. *Journal of Child Sexual Abuse*, 15(4), 19-34. doi:10.1300/J070v15n04_02
- Carter, G. S., & Dalen, A. V. (1998). Sibling incest: Time limited group as an assessment and treatment planning tool. *Journal of Child and Adolescent Group Therapy*, 8(2), 45-54. doi:10.1023/A:1022925427087

- Claussen, A. H., & Crittenden, P. M. (1991). Physical and psychological maltreatment: Relations among types of maltreatment. *Child Abuse & Neglect, 15*, 5-18. doi:10.1016/0145-2134(91)90085-R
- Cole, E. (1982). Sibling incest: The myth of benign sibling incest. *Women and Therapy, 1*(3), p. 79-89. doi:10.1300/J015V01N03_10
- Criss, M. M., & Shaw, D. S. (2005). Sibling relationships as contexts for sibling training in low-income families. *Journal of Family Psychology, 19*(4), 592-600. doi:10.1037/0893-3200.19.4.592
- Daie, N., Wilztum, E., & Eleff, M. (1989). Long-term effects of sibling incest. *Journal of Clinical Psychiatry, 50*(11), 428-31.
- De Jong, A. R. (1989). Sexual interactions among siblings and cousins: Experimentation or exploitation? *Child Abuse & Neglect, 13*(2), 271-279. doi:10.1016/0145-2134(89)90014-8
- Dekeseredy, W. S., & Ellis, D. (1997). Sibling violence: A review of Canadian sociological research and suggestions for further empirical work. *Humanity and Society, 21*(4), 397-411.
- Duncan, R. (1999). Peer and sibling aggression: An investigation of intra-and extra-familial bullying. *Journal of Interpersonal Violence, 14*(8), 871-886. doi:10.1177/088626099014008005
- Dunn, J. (1983). Sibling relationships in early childhood. *Child Development, 54*, 787-811. doi:10.2307/1129886
- Dunn, J., & Plomin, R. (1991). Why are siblings so different? The significance of differences in sibling experiences within the family. *Family Process, 30*, 271-283. doi:10.1111/j.1545-5300.1991.00271.x

- Eriksen, S., & Jensen, V. (2006). All in the family? Family environment factors in sibling violence. *Journal of Family Violence, 21*(8), 497-507. doi:10.1007/s10896-006-9048-9
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2009). A push or a punch: Distinguishing the severity of sibling violence. *Journal of Interpersonal Violence, 24*(1) 183-208. doi:10.1177/0886260508316298
- Farrington, D. P. (1993). Understanding and preventing bullying. In M. Tonny & N. Morris (Eds.) *Crime and Justice* (Vol. 17, pp. 199-309). Chicago: University of Chicago Press.
- Felson, R. B. (1983). Aggression and violence between siblings. *Social Psychology Quarterly, 46*(4), 271-285. doi:10.2307/3033715
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Finkelhor, D. (1979). *Sexually victimized children*. New York: The Free Press.
- Finkelhor, D. (1980). Sex among siblings: A survey of prevalence, variety, and effects. *Archives of Sexual Behavior, 9*(3), 171-194. doi:10.1007/BF01542244
- Finkelhor, D. (1997). The victimization of children and youth: Developmental victimology, In R. C. Davis, A. J. Lurigio, & W. G. Skogan (Eds.), *Victims of crime* (pp. 86-107). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Finkelhor, D., & Dziuba-Leatherman, J. (1994). Victimization of children. *American Psychologist, 49*(3), 173-183. doi:10.1037/0003-066X.49.3.173
- Furman, W. (1995). Parenting siblings. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 1, pp. 143-162). Hillsdale, NJ, England: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

- Garcia, M., Shaw, D., & Yaggi, K. (2000). Destructive sibling conflict and the development of conduct problems in young boys. *Developmental Psychology*, 36(1), 44-53. doi:10.1037/0012-1649.36.1.44
- Gelles, R. J. (1997). *Intimate violence in families*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Goodwin, M. P., & Roscoe, B. (1990). Sibling violence and agnostic interactions among middle adolescents. *Adolescence*, 25, 451-467.
- Graham-Bermann, S., & Cutler, S. (1994). The Brother-Sister Questionnaire (BSQ): Psychometric assessment and ability to predict well functioning and dysfunctional childhood sibling relationships. *Journal of Family Psychology*, 8(2), 224-238. doi:10.1037/0893-3200.8.2.224
- Graham-Bermann, S., & Cutler, S., Lizenberger, B., & Schwartz, W. (1994). Perceived conflict and violence in childhood sibling relationships and later emotional adjustment. *Journal of Family Psychology*, 8(1), 85-97. doi:10.1037/0893-3200.8.1.85
- Green, A. H. (1984). Child abuse by siblings. *Child Abuse & Neglect*, 8(3), 311-317. doi:10.1016/0145-2134(84)90072-3
- Haskins, C. (2003). Treating sibling incest using a family systems approach. *Journal of Mental Health Counseling*, 25, 337-350.
- Hardy, M. S. (2001). Physical aggression and sexual behavior among siblings: A retrospective study. *Journal of Family Violence*, 16(3), 255-268. doi:10.1023/A:1011186215874
- Hardy, M. S., Beers, B., Burgess, C., & Taylor, A. (2010). Personal experience and perceived acceptability of sibling aggression. *Journal of Family Violence*, 25(1), 65-71. doi:10.1007/s10896-009-9270-3

- Hetherington, E. M. (1988). Parents, children, and siblings: Six years after divorce. In R. A. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Eds.) *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 311-331). New York: Oxford University Press.
- Hetherington, E. M. (1989). Coping with family transitions: Winners, losers, and survivors, *Child Development*, *60*(1), 1-15. doi:10.2307/1131066
- Hoffman, K. I., Kiecolt, K. J., & Edwards, J. N. (2005). Physical violence between siblings: A theoretical and empirical analysis. *Journal of Family Issues*, *26*(8), 1103-1130. doi:10.1177/0192513X05277809
- Hotaling, G. T., Straus, M. A., & Lincoln, A. J. (1990). Intrafamily violence and crime and violence outside the family. In M. S. Straus, & R. J. Gelles (Eds.), *Physical violence in American families: Risk factors and adaptations to violence in 8,145 families* (pp. 431-470). New Brunswick, NJ: Transaction.
- Kashani, J. H., Daniel, A. E., Dandoy, A. C., & Holcomb, W. R. (1992). Family violence: Impact on children. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, *31*(2), 181-189. doi:10.1097/00004583-199203000-00001
- Kettrey, H., & Emery, E. (2006). The discourse of sibling abuse. *Journal of Family Violence*, *21*(6), 407-416. doi:10.1007/s10896-006-9036-0
- Khan, R., & Cooke, D. J. (2008). Risk factors for severe inter-sibling violence: A preliminary study of a youth forensic Sample. *Journal of Interpersonal Violence*, *23*, 1513-1530. doi:10.1177/0886260508314312
- Kiselica, M., & Morrill-Richards, M. (2007). Sibling maltreatment: The forgotten abuse. *Journal of Counseling & Development*, *85*, 148-160.

- Krienert, J. L., & Walsh, J. A. (2011a). My brother's keeper: A contemporary examination of reported sibling violence using national level data, 2000-2005. *Journal of Family Violence, 26*(5), 331-342. doi: 10.1007/s10896-011-9367-3
- Krienert, J. L., & Walsh, J. A. (2011b). Sibling sexual abuse: An empirical analysis of offender, victim, and event characteristics in National Incident-Based Reporting System (NIBRS) data, 2000-2007. *Journal of Child Sexual Abuse, 20*, 353-72. doi:10.1080/10538712.2011.588190
- Lagerspetz, K. M. I., Bjorkqvist, K., & Peltonen, T. (1988). Is indirect aggression typical of females? Gender differences in aggressiveness in 11- to 12-year-old children. *Aggressive Behavior, 14*(6), 403-414. doi:10.1002/1098-2337(1988)14:6<403::AID-AB2480140602>3.0.CO;2-D
- Laviola, M. (1992). Effects of older brother - younger sister incest: A study of the dynamics of 17 cases. *Child Abuse & Neglect, 16*(3), 409-42. doi:10.1016/0145-2134(92)90050-2
- Leder, J. (1993). Adult sibling rivalry. *Psychology Today, 26*, 56-62.
- Leung, A. K., & Robson, W. L. (1991). Sibling rivalry. *Clinical Pediatrics, 30*(5), 314-317. doi:10.1177/000992289103000510
- Liu, Y., & Chao, H. (2005). The relationships between perceived systemic family violence and children's problematic behaviors. *Bulletin of Educational Psychology, 37*, 197-214.
- Mackey, A. M., & Fromuth, M. E., & Kelly, D. B. (2010). The association of sibling relationship and abuse with later psychological adjustment. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(1), 955-968. doi:10.1037/0012-1649.25.1.36

- Martin, J. L., & Ross, H. S. (2005). Sibling aggression: Sex differences and parent's reactions. *International Journal of Behavioral Development, 20*, 129-138. doi:10.1080/01650250444000469
- McHale, S. M., & Gamble, W. C. (1987). Sibling relationships and adjustment of children with disabled brothers and sisters. *Journal of Children in Contemporary Society, 19*, 131-158.
- Mc Veigh, M. (2003). 'But she didn't say no': An exploration of sibling sexual abuse. *Australian Social Work, 52*(2), 116-126. doi:10.1046/j.0312-407X.2003.00062.x
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monks, C. P., Smith, P. K., Naylor, P., Barter, C., Ireland, J. L., & Coyne, I. (2009). Bullying in different contexts: Commonalities, differences and the role of theory. *Aggression & Violent Behavior, 14*(2), 146-156. doi:10.1016/j.avb.2009.01.004
- Noland, V. J., Liller, K. D., Mcdermott, R. J., Coutler, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal of Health Behavior, 28*, 13-23.
- O' Brien, M. J. (1989). *Characteristics of male adolescent incest offenders*. Orwell, VT: Safer Society Press.
- Ostrov, J. M., Crick, N. R., & Stauffacher, K. (2006). Relational aggression, sibling and peer relationships during early childhood. *Journal of Applied Developmental Psychology, 27*, 241-253. doi:10.1016/j.appdev.2006.02.005
- Patterson, G. R. (1982). *A social learning approach to family intervention: III*. Eugene, Oregon: Castalia.

- Phillips, D., Phillips, K. H., Grupp, K., & Trigg, L. (2009). Sibling violence silenced: Rivalry, competition, wrestling, playing, roughhousing, benign. *Advances in Nursing Science, 32*(2), 1-16.
- Poortman, A., & Voorpostel, M. (2009). Parental divorce and sibling relationships: A research note. *Journal of Family Issues, 30*(1), 74-91.
- Relva, I. C. (2005). *Maus tratos entre irmãs: Um estudo em alunos de Vila Real* (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto.
- Roscoe, B., Goodwin, M. P., & Kennedy, D. (1987). Sibling violence and agonistic interactions experienced by early adolescents. *Journal of Family Violence, 2*, 121-137. doi:10.1007/BF00977037
- Rosenthal, P. A., & Doherty, M. B. (1984). Serious sibling abuse by preschool children. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry, 23*(2), 186-190. doi:10.1097/00004583-198403000-00010
- Rudd, J. M., & Herzberger, S. D. (1999). Brother-sister incest – Father-daughter incest: a comparison of characteristics and consequences. *Child Abuse & Neglect, 23*(9), 915-928. doi:10.1016/S0145-2134(99)00058-7
- Simonelli, C. J., Mullis, T., Elliot, A. N., & Pierce, T. W. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationship. *Journal of Interpersonal Violence, 17*(2), 103-121. doi:10.1177/0886260502017002001
- Smith, H., & Israel, E. (1987). Sibling incest: A study of the dynamics of 25 cases. *Child Abuse & Neglect, 11*(1), 101-108. doi:10.1016/0145-2134(87)90038-X
- Soanes, C. (Ed.) (2003). *Oxford English Dictionary*. Oxford: Oxford University Press.
- Steinmetz, S. K. (1977). *The cycle of violence, assertive, aggressive, and abusive family interaction*. New York: Praeger.

- Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind closed doors. Violence in the American family*. Garden City: Anchor Books.
- Taylor, E. J. (1988). *Dorland's Illustrated Medical Dictionary* (27th ed.). Philadelphia: W. B. Saunders Company.
- Updegraff, K. A., Thayer, S. M., Whiteman, S. D., Denning, D. J., & McHale, S. M. (2005). Relational aggression in adolescents' sibling relationships: Links to sibling and parent-adolescent relationship quality. *Family Relations*, 54(3), 373-385.
- Vandell, D. L., & Bailey, M. D. (1992). Conflicts between siblings. In C. U. Shantz, & W. W. Hartup (Eds.), *Conflict in child and adolescent development* (pp. 242-269). Cambridge: Cambridge University Press.
- Whipple, E. E., & Finton, S. E. (1995). Psychological maltreatment by siblings: An unrecognized form of abuse. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 2, 135-146.
- Wiehe, V. R. (1997). *Sibling abuse: Hidden physical, emotional and sexual trauma* (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Wiehe, V. R. (1998). *Understanding family violence: Treating and preventing partner, child, sibling, and elder Abuse*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Wiehe, V. R. (2002). *What parents need to know about sibling abuse*. Utah: Bonneville Books.

2. Psychometric properties of Revised Conflict Tactics Scales: Portuguese sibling version (CTS2-SP)¹⁸

Abstract

Background – The *Revised Conflict Tactics Scales* (CTS2, Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996) were conceived to measure psychological aggression, physical assault, sexual coercion, injury and the use of negotiation towards a partner in a marital, cohabiting or dating relationship. The third form, CTS2-SP was designed for obtaining data on conflict tactics between siblings. **Objective** – To examine the psychometric properties of the CTS2-SP Portuguese version. **Method** – Data were collected among 590 university students. **Results** – Reliability was assessed through Cronbach’s alpha ranging from .65 to .81 for the perpetration scales and ranging .66 to .84 to victimization scales. Significant correlations between different forms of the CTS2 illustrate its construct validity. **Conclusion** – The psychometric characteristics of CTS2-SP Portuguese version were found to be adequate. The CTS2-SP offers a reliable and valid measure to be used within the Portuguese population.

Keywords: psychometric properties, internal consistency, perpetration, victimization, prevalence, chronicity, CTS2-SP

Resumo

Contexto – As *Escala de Táticas de Conflito Revisadas* (CTS2; Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996) são um instrumento concebido para avaliar a agressão psicológica, o abuso físico (com e sem sequelas), a coerção sexual e o tipo de negociação utilizado pelos parceiros de relações maritais, de coabitação ou namoro. A versão SP das CTS2 (CTS2-SP, Straus et al., 1996) foi concebida especificamente para obter informação relativa ao conflito entre irmãos. **Objetivo** – Examinar as propriedades psicométricas da versão Portuguesa das CTS2-SP. **Método** – os dados foram recolhidos junto de 590 estudantes universitários. **Resultados** – O alpha de Cronbach, em todas as escalas, variou entre .65 e .81, para perpetração, e entre .66 e .84, para a vitimização. Verificámos correlações significativas entre as diferentes formas da CTS2, o que demonstra a validade de constructo. **Conclusão** – Verificou-se que as características psicométricas da versão portuguesa das CTS2-SP parecem ser adequadas. As CTS2-SP são uma medida confiável e válida para ser usada junto da população portuguesa.

Palavras-chave: propriedades psicométricas, consistência interna, perpetração, vitimização, prevalência, cronicidade, CTS2-SP

¹⁸ Aceite para publicação em 3 de outubro de 2012, com data prevista de publicação para julho/setembro de 2013 no *Journal of Family Violence*.

Introduction

Conflict theory (e.g., Straus, 1979) defends that conflict is an inevitable part of all human interaction, whereas violence as a tactic to deal with conflict is not. A key factor differentiating what many professionals in social sciences regard as "high conflict families" is not the existence of conflict *per se*, but rather the tactics used to deal with it within the family (Straus, 2005). Recently, Straus (2007) argued that what is harmful is not the conflict itself, but the use of coercion, namely, force and violence, as a tactic for resolving conflicts.

The CTS

The Conflict Tactics Scales (CTS) was designed based on conflict theory and is the most widely used instrument for identifying domestic violence. It consists of a list of behaviors directed toward a partner or a child and deliberately excludes attitudes, emotions, and cognitive appraisal of the behaviors (Straus, 2007) and can be replicated to any family role-relationship (Straus & Gelles, 1990).

The first study reporting data on intrafamily physical violence obtained by means of the Conflict Tactics Scales (CTS) was published in 1973 (Straus, 1973). Since then, this instrument has been employed worldwide in studies examining the characteristics of violence in families and intimate relationships, abuse by siblings (e.g., Noland, Liller, MsDermott, Coulter, & Seraphine, 2004; Simonelli, Mullis, Elliott, & Pierce, 2002), family violence (e.g., Liu & Chao, 2005), criminal justice research (Straus, 1993), and clinical assessment (Aldarondo & Straus, 1994). For the first National Family Violence Survey conducted in the United States of America (Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980) the CTS questions began with the tactics used by children in conflicts

with siblings. It was then repeated for tactics used in other family relationships. This survey indicated that children were the most violent members within the family, with 82% of children confessing that at some point in their lives they had hit a brother or sister. More recently, Simonelli et al. (2002) in a study involving undergraduate college students found that 71% of male and 88% of female respondents reported being victims of physical aggression by a sibling. Research has illustrated that sibling violence is one of the most prevalent forms of family violence (e.g., Gelles & Cornell, 1985; Roscoe, Goodwin, & Kennedy, 1987; Straus et al., 1980), however it is still underreported. Nonetheless, some studies report short and long-term consequences of sibling violence including difficulties in emotional adjustment (Graham-Bermann, Cutler, Litzenberger, & Swartz, 1994), conduct disorders (Wiehe, 1998), and depression (Hoffman & Edwards, 2004). There is empirical evidence that sibling violence influences other relationships negatively, namely with peers at school (Duncan, 1999) and with intimate partners (Noland et al., 2004).

The CTS2

The *Revised Conflict Tactics Scales* (CTS2) was developed in 1996 as a revision of the original CTS (Straus et al., 1996). The original measure consists of 38 items grouped into three scales: (1) Reasoning (3 items), (2) Verbal Aggression (7 items) and (3) Physical Assault (9 items). Changes were made in the formatting of the measure, within the scales and in the items themselves. It also adds two new scales to measure injury resulting from an assault and sexual coercion by another person. Although the original CTS classified items in the physical assault scale into the categories minor and

severe, the CTS2 provides a better operationalization of the distinction between minor and severe acts and can be divided into cognitive and emotional scales (see table 1.1).

The CTS2 consists of 78 items grouped into five scales: (1) Negotiation (6 items), (2) Psychological Aggression (8 items), (3) Physical Assault (12 items), (4) Sexual Coercion (7 items) and (5) Injury (6 items). The authors (Straus et al., 1996) of the measure define **Negotiation** as actions taken to settle a disagreement through discussion. **Psychological Aggression** includes verbal acts and non-verbal acts that are capable of hurting the other (Straus, 1990). The **Physical Assault** scale describes an act that includes physical violence without causing physical damage. The **Injury** scale measures physical injury that causes damage, a need for medical attention, or pain continuing for a day or more (Straus et al., 1996). The **Sexual Coercion** scale is defined as a behavior that is intended to compel the partner to engage in unwanted sexual activity (Straus et al., 1996).

Table 1.1

Scales Scored on the Original CTS and CTS2

CTS (38 items*)	CTS2 (78 items)
Reasoning (3)	Negotiation (6) <i>Cognitive (3)</i> <i>Emotional (3)</i>
Verbal Aggression (7)	Psychological Aggression (8) <i>Minor(4)</i> <i>Severe(4)</i>
Physical Assault (9) <i>Minor(3)</i> <i>Severe(6)</i>	Physical Assault (12) <i>Minor(5)</i> <i>Severe(7)</i>
	Injury (6) <i>Minor(2)</i> <i>Severe(4)</i>
	Sexual coercion (7) <i>Minor(3)</i> <i>Severe(4)</i>

* One item not scored.

Note: on the CTS and CTS2, all items are asked twice, once about the respondent’s behavior toward a target, and then about the target’s behavior toward the respondent (Straus et al., 2003).

The internal consistency reliability of the CTS2 scales ranges from .79 to .95 (Straus et al., 1996). According to Straus (2007), alpha coefficients of reliability for the CTS2, reported in forty-one articles, ranged from .34 to .94, with a mean of .77. The *Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)* was validated for the Portuguese population by Paiva and Figueiredo (2006) using a sample of 551 university students. The five scales for perpetration and victimization had internal consistency rates ranging from .50 to .78 (Paiva & Figueiredo, 2006). Psychometric findings have been reported for the version of the CTS2 (e.g., Paiva & Figueiredo, 2006; Straus et al., 1996; Vega & O’Leary, 2007); however, there is still insufficient data for examining the psychometric characteristics of the CTS2-SP beyond that performed by the authors.

The aim of this study is to examine the psychometric properties of the Portuguese version of the Revised Conflict Tactics Scales – sibling version (CTS2-SP). The study of sibling violence is of extreme importance because sibling ties are the longest family relationship in a person’s life and its occurrence can be predictive of other forms of violence in other relationships (Duncan, 1999; Noland et al., 2004). Additionally, there is no instrument validated for the Portuguese population, which prevents the development of research to understand this phenomenon in Portuguese siblings.

Method

Participants

A total of 694 Portuguese university students (see table 1.2) were surveyed. Students who did not have siblings were excluded from this analysis (n=104). Therefore, the final sample consisted of 590 students. The age of the participants

ranged from 17 to 52 years old ($M=20.3$; $SD=4.5$) and more than half were female (62.5%). Most of the participants were born in Portugal (91.9%) and more than half of the participants had only one sibling (65.1%). The majority (92.5%) reported their parent’s marital status as “married to one another”, 75.3% of the respondents always lived with their mother and 68.1% always lived with their father. More than half of their fathers (67.5%) and mothers (63.6%) had a basic level of education, and 10.4% of fathers and 12% of mothers had higher education degrees.

Table 1.2
Socio-Demographic Characteristics (N= 590)

Socio-Demographic Characteristics		(%)
Gender	Male	37.5
	Female	62.5
Age Mean (SD) 20.3 (4.5)	17-18	35.9
	19-21	48.8
	22-52	15.3
Country of birth	Portugal	91.9
	Other Europe country	5.6
	Other countries	2.5
Number of brothers/sisters	1	65.1
	2	23.7
	3	7.3
	4	2.7
	≥5	1.2
Parents’ marital status	Divorced	7.5
	Married	92.5
Family aggregate	Always lived with the mother	75.3
	Always lived with the father	68.1
Father’s education	Basic education	67.5
	High school (12 years)	12.8
	Graduate school	10.4
Mother’s education	Basic education	63.6
	High school (12 years)	15.4
	Graduate school	12

Materials and Procedure

Data was collected in three public universities in Portugal. The survey was anonymous, self-administered, and participation was voluntary. In order to accommodate class schedules, survey administration times were pre-arranged with course instructors and the questionnaires were handed by the researcher. The questionnaire took approximately one hour to complete. The procedures were approved by an institutional review board.

Instruments

Revised Conflict Tactics Scales (CTS2-SP Sibling Version). The CTS2-SP is composed of 78 items. Half of the items (39) are about the perpetration of conflict tactics from the participant toward the sibling and the other 39 items are concerned with the participant's victimization of conflict tactics from his/her sibling. The response categories ask for the number of times each action occurred when they have 13 years old, ranging from "Never" to "More than 20 times." When there was more than one sibling involved, participants were instructed to answer concerning the closest sibling in age.

Revised Conflict Tactics Scales (CTS2) assesses dating violence in the last 12 months, using psychological and physical aggression scales.

A modified version of the Revised Conflict Tactics Scales (Parent-to-Child Version). The Conflict Tactics Scale (CTS) was used to measure past experiences of childhood maltreatment by their own parents (Straus, Hamby, Finkelhor, Moore, & Runyan, 1998), during the year when they were 13 years old.

A modified version of the Revised Conflict Tactics Scales (Parent-to-Parent Version) was used to measure testimony of violence between parents when they were 13 years old.

The modified Revised Conflict Tactics Scales parent-to-parent version, parent-to-child version and the CTS2 was used in the current study to assess the construct validity of the CTS2-SP.

Results

Statistical analyses

According to the original model, first order confirmatory factor analyzes (CFA) were conducted for each scale (namely, perpetration and victimization) in order to assure the subsequent psychometric analyses. The performed CFA's were performed using the EQS program (version 6.1.), by means of the maximum likelihood method. In general the results indicated that the original model structure for each scale was replicated for this sample. The fit indices for the perpetration scale were acceptable, namely, $\chi^2=301.61$, d.f.=79, $p=.00$; CFI=.94, SRMR=.06, RMSEA=.07, I.C._{RMSEA} 90% [.06, .08]. As for the victimization scale, the fit indexes attained were not as good as for the latter, although they are within the acceptable bounds: $\chi^2=405.52$, d.f.=78, $p=.00$; CFI=.92, SRMR=.07, RMSEA=.08, I.C._{RMSEA} 90% [.08, .09] (see attachments, figures 2 and 3).

Internal consistency was assessed through item-total correlation, average inter-item correlation and Cronbach's alpha coefficients. Nunnally and Bernstein (1994) suggest that good internal consistency is indicated when Cronbach's alpha is over .70

and mean inter-item correlations exceed .15. Field (2005) also argues that item-total correlation should be over .30.

Descriptive statistics of the factor items was performed, as well as Pearson correlation analyses between the CTS2-SP scales. Construct validity was also evaluated using Pearson correlations between different forms of the CTS2 (Parent-child version; Parent-to-parent version and Dating version).

Internal consistency

Perpetration. The Cronbach's alpha coefficient was calculated for each of the five scales separately (negotiation, psychological aggression, physical assault, sexual coercion and injury). The values ranged from .65 (injury scale) to .80 (physical assault scale) (see table 1.3). On Psychological Aggression scale we have decided to exclude item 65 (*"Accused this brother/ sister of being a lousy lover"*) because in this scale the item-to-total correlations are over .30 in all items except for that item. Additionally, the mean inter-item correlation is over .15 in all items except for items 65 and 61. The authors (Straus et al., 1996) also suggest that item 65 should be dropped. We have decided not to exclude item 61 because the omission of this item would not increase the Cronbach's Alpha of the sub-scale.

Victimization. An internal consistency analysis was also performed using Cronbach's alpha for each of the five scales above mentioned. The values ranged from .66 for the injury scale to .84 to the sexual coercion scale (see table 1.4). We also excluded item 66 of Psychological Aggression scale for the same reasons already presented.

Table 1.3

CTS2-SP Perpetration Scale: Descriptive Statistics of the Items, Item-to-Total Correlation, Cronbach's Alpha and Cronbach's Alpha if Item Deleted

Scale Items	Mean(SD)	ITC*	A	α if item deleted
Negotiation				.79
1. I showed I cared about this brother/sister even though we disagreed.	5.00 (1.64)	.47		.77
13. I showed respect for this brother/sister's feelings about an issue.	4.69 (1.79)	.48		.77
39. I said I was sure I could work out a problem.	3.13 (2.42)	.60		.74
3. I explained my side of a disagreement to this brother/sister.	4.69 (1.90)	.49		.77
59. I suggested a compromise to a disagreement with this brother/sister.	2.51 (2.37)	.59		.74
77. I agreed to try a solution to a disagreement.	2.33 (2.35)	.61		.73
Psychological aggression				.76
5. I insulted or swore at this brother/sister.	2.77 (2.26)	.47		.74
35. I shouted or yelled at this brother/sister.	2.90 (2.29)	.60		.70
49. I stomped out of the room or house or yard when I had a disagreement with this brother/sister.	1.58 (2.03)	.40		.75
67. I did something to spite this brother/sister.	2.14 (2.23)	.57		.71
25. I called this brother/sister fat or ugly.	1.08 (1.89)	.45		.74
29. I destroyed something belonging to this brother/sister.	1.14 (1.93)	.40		.75
69. I threatened to hit or throw something at this brother/sister.	.70 (1.52)	.50		.73
Physical assault				.80
7. I threw something that could hurt at this brother/sister.	1.26 (1.96)	.45		.79
9. I twisted this brother/sister's arm or hair.	1.41 (2.13)	.51		.78
17. I pushed or shoved this brother/sister.	1.66 (2.18)	.50		.78
45. I grabbed this brother/sister.	.60 (1.46)	.63		.77
53. I slapped this brother/sister.	1.29 (1.97)	.49		.78
21. I used a knife or gun on this brother/sister.	.08 (.63)	.35		.80
27. I punched or hit this brother/sister with something that could hurt.	.45 (1.32)	.49		.78
33. I coked this brother/sister.	.09 (.63)	.38		.80
37. I slammed this brother/sister against a wall.	.40 (1.23)	.45		.79
43. I beat up this brother/sister.	.43 (1.30)	.55		.78
61. I burned or scalded this brother/sister on purpose.	.12 (.71)	.18		.81
73. I kicked this brother/sister.	.78 (1.64)	.53		.78
Sexual coercion				.77
15. I made this brother/sister have sex without a condom.	.20 (.99)	.40		.81
51. I insisted on sex when this brother/sister did not want to (but did not use physical force).	.06 (.52)	.60		.73
63. I insisted this brother/sister have oral or anal sex (but did not use physical force).	.05 (.44)	.62		.74
19. I used force (like hitting, holding down, or using a weapon) to make this brother/sister have oral or anal sex.	.11 (.69)	.41		.77
47. I used force (like hitting, holding down, or using a weapon) to make this brother/sister have sex.	.07 (.58)	.63		.73
57. I used threats to make this brother/sister have oral or anal sex.	.04 (.38)	.67		.74
75. I used threats to make this brother/sister have sex.	.06 (.55)	.56		.74
Injury				.65
12. This brother/sister had a sprain, bruise, or small cut because of a fight with me.	.83 (1.67)	.29		.76
72. This brother/sister still felt physical pain the next day because of a fight with me.	.25 (.95)	.47		.57
24. This brother/sister passed out from a hit on the head in a fight with me.	.14 (.80)	.40		.60
32. This brother/sister went to a doctor because of a fight with me.	.10 (.67)	.57		.56
42. This brother/sister needed to see a doctor because of a fight with me, but didn't go.	.07 (.52)	.50		.60
56. This brother/sister had a broken bone from a fight with me.	.07 (.45)	.60		.59

*ITC=Item-to-Total Correlation

Table 1.4

CTS2-SP Victimization Scale: Descriptive Statistics of the Items, Item-to-Total Correlation, Cronbach's Alpha and Cronbach's Alpha if Item Deleted

Scale Items	Mean(SD)	ITC*	A	α if item deleted
Negotiation			.77	
2. This brother/sister showed they cared about me even when we disagreed.	4.84 (1.77)	.44		.76
14. This brother/sister showed respect for my feelings about an issue.	4.34 (1.96)	.44		.76
40. This brother/sister said he was sure they could work out a problem.	3.08 (2.42)	.56		.73
4. This brother/sister explained their side of a disagreement to me.	4.60 (1.96)	.52		.74
60. This brother/sister suggested a compromise to a disagreement with me.	2.40 (2.36)	.57		.72
78. This brother/sister agreed to try a solution to a disagreement suggested by me.	2.35 (2.37)	.57		.72
Psychological aggression			.75	
6. This brother/sister insulted or swore at me.	2.65 (2.25)	.44		.73
36. This brother/sister shouted or yelled at me.	2.86 (2.29)	.60		.70
50. This brother/sister stomped out of the room or house or yard when he had a disagreement with me.	1.46 (2.03)	.40		.74
68. This brother/sister did something to spite me.	2.21 (2.27)	.57		.70
26. This brother/sister called me fat or ugly.	1.19 (2.01)	.45		.73
30. This brother/sister destroyed something belonging to me.	1.22 (2.01)	.45		.73
70. This brother/sister threatened to hit or throw something at me brother/sister.	.68 (1.48)	.53		.72
Physical assault			.80	
8. This brother/sister threw something at me that could hurt.	1.32 (2.03)	.45		.78
10. This brother/sister twisted my arm or hair.	1.45 (2.17)	.44		.78
18. This brother/sister pushed or shoved me.	1.59 (2.14)	.49		.78
46. This brother/sister grabbed me.	.57 (1.67)	.55		.77
54. This brother/sister slapped me.	1.11 (1.88)	.53		.77
22. This brother/sister used a knife or gun on me.	.09 (.64)	.36		.79
28. This brother/sister punched or hit me with something that could hurt.	.44 (1.26)	.48		.78
34. This brother/sister coked me.	.22 (1.01)	.34		.79
38. This brother/sister slammed me against a wall.	.46 (1.42)	.43		.78
44. This brother/sister beat up me.	.37 (1.20)	.55		.77
62. This brother/sister burned or scalded me on purpose.	.09 (.67)	.30		.79
74. This brother/sister kicked me.	.88 (1.73)	.53		.77
Sexual coercion			.84	
16. This brother/sister made me have sex without a condom.	.17 (.85)	.45		.86
52. This brother/sister insisted on sex when I did not want to (but did not use physical force).	.06 (.54)	.71		.80
64. This brother/sister insisted me have oral or anal sex (but did not use physical force).	.05 (.44)	.59		.83
20. This brother/sister used force (like hitting, holding down, or using a weapon) to make me have oral or anal sex.	.08 (.61)	.63		.81
48. This brother/sister used force (like hitting, holding down, or using a weapon) to make me have sex.	.08 (.52)	.77		.80
58. This brother/sister used threats to make me have oral or anal sex.	.07 (.50)	.73		.80
76. This brother/sister used threats to make me have sex.	.12 (.78)	.54		.83
Injury			.66	
11. I had a sprain, bruise, or small cut because of a fight with this brother/sister.	.84 (1.65)	.30		.70
71. I still felt physical pain the next day because of a fight with me.	.32 (1.09)	.48		.58
23. I passed out from a hit on the head in a fight with this brother/sister.	.08 (.57)	.42		.63
31. I went to a doctor because of a fight with this brother/sister.	.16 (.90)	.53		.57
41. I needed to see a doctor because of a fight with this brother/sister, but didn't go.	.18 (.92)	.38		.62
55. I had a broken bone from a fight with this brother/sister.	.13 (.79)	.46		.60

*ITC=Item-to-Total Correlation.

Correlation analyse

Prevalence. The total prevalence for the negotiation (98%) and psychological aggression (90%) scales are very high, with almost everyone reporting at least one instance (see table 1.5). Analyzing the other scales, 70 % of the men and 71% of the women reported at least one instance in which they physically assaulted their brother or sister; 40% of the men and 33% of the woman reported at least one instance in which injury occurred; and 10% of the men and 6% of the woman reported at least one instance of sexual coercion.

Chronicity. Chronicity was calculated only from among those participants who reported at least one act on a given scale and it refers to the sum total of all reported occurrences of all acts from that scale (see table 1.5). Chronicity means for perpetration are higher for the negotiation scale and lower for the injury scales for both men (68.9% and 8.7%, respectively) and women (76.4% and 4.3%, respectively).

Table 1.5
Prevalence and Chronicity Statistics, by Gender of Participants

Scale	Gender of Participant		
	Men	Woman	Total
A. Tactic “expressed”, “enacted”, “perpetrated”, “inflicted”.			
Negotiation			
Prevalence (%)	98	98	98
Chronicity mean (SD)	68.9 (39.4)	76.4 (41.6)	73.6 (40.9)
Psychological aggression			
Prevalence (%)	92	91	92
Chronicity mean (SD)	34.4 (35.5)	26.9 (28.1)	29.7 (31.3)
Physical assault			
Prevalence (%)	72	72	73
Chronicity mean (SD)	30.7 (40.2)	15.2 (24.1)	21.0 (31.9)
Sexual coercion			
Prevalence (%)	11	5	7
Chronicity mean (SD)	22.4 (17.9)	9.1 (12.2)	16.6 (16.9)
Injury			
Prevalence (%)	41	36	38
Chronicity mean (SD)	8.7 (14.5)	4.3 (6.4)	6.1 (10.6)
B. Tactic “experienced”, “received”, “victimized”, “inflicted”			
Negotiation			
Prevalence (%)	98	97	98
Chronicity mean (SD)	66.2 (38.5)	70.6 (41.8)	69.0 (40.6)
Psychological aggression			
Prevalence (%)	90	91	91
Chronicity mean (SD)	33.5 (34.8)	27.1 (28.5)	29.5 (31.1)
Physical assault			
Prevalence (%)	70	71	71
Chronicity mean (SD)	29.6 (38.8)	16.6 (23.8)	11.4 (30.8)
Sexual coercion			
Prevalence (%)	10	6	8
Chronicity mean (SD)	22.6 (21.0)	8.2 (10.6)	15.1 (17.8)
Injury			
Prevalence (%)	40	33	38
Chronicity mean (SD)	7.6 (12.9)	4.4 (10.6)	5.7 (11.7)

Tables 1.6 and 1.7 show the correlation matrix between scales and scales/total. Some scales are significantly inter-correlated and all scales are significantly correlated with the CTS2-SP total score.

Table 1.6
Correlations between CTS2-SP Scales for Self-Report Perpetration

CTS2-SP Scale	Gender	Negotiation	Psychological aggression	Physical assault	Sexual coercion	Injury
Negotiation	Men	-				
	Women	-				
Psychological aggression	Men	.37**	-			
	Women	.34**	-			
Physical assault	Men	.12	.74**	-		
	Women	.15**	.68**	-		
Sexual coercion	Men	.01	.19**	.30**	-	
	Women	-.08	.10*	.14**	-	
Injury	Men	.02	.37	.55**	.31**	-
	Women	-.05	.30**	.48**	.25**	-

* p< 0.05 ** p< 0.001

Table 1.7
Correlations between CTS2-SP Scales for Self-Report Victimization

CTS2-SP Scale	Gender	Negotiation	Psychological aggression	Physical assault	Sexual coercion	Injury
Negotiation	Men	-				
	Women	-				
Psychological aggression	Men	.36**	-			
	Women	.31**	-			
Physical assault	Men	.08	.72**	-		
	Women	.10	.63**	-		
Sexual coercion	Men	-.09	.21**	.36**	-	
	Women	-.07	.13*	.14**	-	
Injury	Men	-.02	.40**	.59**	.43**	-
	Women	-.11*	.33**	.40**	.23**	-

* p< 0.05 ** p< 0.001

Construct Validity. To demonstrate construct validity for a measure “...it is necessary to establish that the measures are appropriately related to measures of the same or similar constructs” (Pulos, 1997; p. 743). Thus, to establish construct validity we have used the revised conflict tactics scale (CTS2) to evaluate violence in family and dating violence. Psychological aggression and physical assault scales were used. The results show a significant correlation between perpetration of sibling violence and testifying father to mother violence ($r=.332, p=.000$) and mother to father violence ($r=.219, p=.000$), as well as being victim of mother violence ($r=.411, p=.000$) and father violence ($r=.453, p=.000$). The results also show a significant correlation between perpetration of sibling violence and perpetration of partner violence ($r=.386, p=.000$) (see table 1.8).

Table 1.8
Correlations between Siblings Violence/ Parent-to-Parent Violence/ Parent-to-Child Violence and Dating Violence

CTS2-SP Scale	Perpetration of sibling violence	Victim of sibling violence
Mother-to-child violence	.41**	.39**
Father-to-child violence	.45**	.37**
Mother-to-father violence	.22**	.23**
Father-to-mother violence	.33**	.19**
Victim of dating violence	.27**	.30**
Perpetrated dating violence	.39**	.32**

* $p < 0.05$ ** $p < 0.001$

Discussion

Several research suggested that sibling violence is highly prevalent and is thought to be the most common form of family violence (e.g., Finkelhor, Turner, & Ormond, 2006; Herzberger, 1996; Straus et al., 1980), however in Portugal, this problem still underreported. Therefore, is extremely important the validation of instruments to Portuguese cultural context on this field.

The current study was designed to establish the reliability and validity of the CTS2-SP in the Portuguese population. Results suggest that the CTS2-SP has good internal consistency and reliability in all scale, except for the injury scale, the Cronbach's alpha for the perpetration and victimization scales indicate levels of consistency above .70. These results are similar to other studies (e.g., Lucente, Fals-Stewart, Richards, & Goscha, 2001), namely to those obtained for the preliminary psychometric data of the CTS2 (Straus et al., 1996), in which the Cronbach's alpha of the perpetration scales ranged from .79 to .95. Anderson and Leigh (2010) also found good internal consistency with 7 of the 10 scales of the CTS2, with Cronbach's alpha above .70. Additionally, in several other studies the CTS2 alpha coefficients ranged from .34 to .94, with a mean of .77 (Straus, 2007). According with Straus (2007) the occasional low alpha coefficient occurred when the behavior measured by some of the items are absent or nearly absent in some samples. In our sample, the incidence of injury is extremely low, and this might be the cause of the low alpha coefficient (Straus, 2007).

Results also revealed that the most used perpetration and victimization tactic was negotiation, followed by psychological aggression, physical assault, injury and sexual coercion. Straus et al. (1996) also found this pattern except that sexual coercion

was used more as a tactic of conflict than injury. Another important finding was the high prevalence rates of physical assault and psychological aggression between siblings. These results are consistent with other studies (e.g., Hardy, 2001; Straus et al., 1980). Despite sibling violence is highly prevalent, little attention has been given to this form of violence because it is considered to be normal (Finkelhor, Ormrod, Turner, & Hamby, 2005) and thus acceptable within the family (Simonelli et al., 2002).

Compared to Straus et al. (1996) findings, this study reveals higher means for chronicity in all the perpetration scales except for sexual coercion and injury, as well in all the victimization scales except for sexual coercion. This study provides evidence that violence between siblings cannot be underestimated.

There is also evidence of construct validity. The correlation between different forms of CTS2 and CTS2-SP (sibling version) shows a positive and statistical association. Sibling violence seems to be high correlated with other forms of violence, namely parent-to-parent and parent-to-child (e.g., Graham-Bermann et al., 1994; Haj-Yahia & Dawud-Noursi, 1998) and this can have impact on later life relationships (e.g., Noland et al., 2004; Simonelli et al., 2002). Indeed, and according with "... social learning perspective, witnessing violent and abusive acts by significant others provide a pattern of behaviors for children to emulate with their siblings" (Hoffman & Edwards, 2004; p. 192).

The Portuguese CTS2-SP version has adequate psychometric properties. However, this study has several limitations, namely the use of a convenient sample limited to university students it is not representative of the Portuguese population and, therefore, additional caution is needed when generalizing from such data. Future

research should analyze the psychometric properties of the CTS2-SP in other samples (e.g., clinic population, younger and older people).

Another limitation, was the use of retrospective reporting, that is not always a reliable assessment, although been use in others studies (e.g., Wiehe, 1998). Because all the measures used a self-report format, the results are dependent of participant's perceptions of the facts. Another limitation was the lack of information regarding the context of the reported violence and there is not possible to know whether the reported violence was offensive or defensive behavior.

As mentioned above, considering that sibling violence can start very early in life and can be predictive of other forms of violence in other relationships, the study of this issue is highly relevant in order to prevent the use of violence as a tactic for solving conflicts. Sibling violence is highly prevalent in many countries, even in Portugal, with short and long term impact as we saw previously. However the first step in this direction it was psychometric validation of the CTS2-SP. The validation of the CTS2-SP for the Portuguese population will place at the disposal of researchers and clinicians (e.g., as a checklist) an instrument that can contribute to a deeper understanding of siblings relationship, and would offer researchers, with others measures, a more comprehensive studying of family violence.

References

- Anderson, M. L., & Leigh, I. W. (2010). Internal consistency and factor structure of the Revised Conflict Tactics Scales in a sample of deaf female college students. *Journal of Family Violence, 25*, 475-483. doi: 10.1007/s10896-010-9308-6
- Aldarondo, E., & Straus, M. (1994). Screening for physical violence in couple therapy: Methodological, practical, and ethical considerations. *Family Process, 33*, 425-439. doi:10.1111/j.1545-5300.1994.00425.x
- Duncan, R. (1999). Peer and sibling aggression: An investigation of intra- and extra-familial bullying. *Journal of Interpersonal Violence, 14*, 871-886. doi:10.1177/088626099014008005
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS*. London: Sage Publications.
- Finkelhor, D., Ormrod, R. K., Turner, H. A., & Hamby, S. L. (2005). The victimization of children and youth: A comprehensive national survey. *Child Maltreatment, 10*, 5-25. doi:10.1177/1077559504271287
- Finkelhor, D., Turner, H., & Ormond, R. (2006). Kid's stuff: The nature and impact of peer and sibling violence on younger and older children. *Child Abuse & Neglect, 30*(12), 1401-1421. doi:10.1016/j.chiabu.2006.06.006
- Gelles, R. J., & Cornell, C. P. (1985). *Intimate violence in families*. Beverley Hills, CS: Sage Publications.
- Graham-Bermann, S., Cutler, S., Litzenberger, B., & Schwartz, W. (1994). Perceived conflict and violence in childhood sibling relationships and later emotional adjustment. *Journal of Family Psychology, 8*, 85-97. doi:10.1037/0893-3200.8.2.224

- Haj-Yahia, M., & Dawud-Noursi, S. (1998). Predicting the use of different conflict tactics among arab siblings in Israel: A study based on social learning theory. *Journal of Family Violence, 13*, 81-103. doi:10.1023/A:1022864801027
- Hardy, M. S. (2001). Physical aggression and sexual behavior among siblings: A retrospective study. *Journal of Family Violence, 3*, 255-268. doi:10.1023/A:1011186215874
- Herzberger, A. D. (1996). *Violence within the family: Social psychological perspectives*. Colorado: Westview Press.
- Hoffman, K. I., & Edwards, J. N. (2004). An integrated theoretical model of sibling violence and abuse. *Journal of Family Violence, 3*, 185-2001. doi:10.1023/B:JOFV.0000028078.71745.a2
- Liu, Y., & Chao, H. (2005). The relationships between perceived systemic family violence and children's problematic behaviors. *Bulletin of Educational Psychology, 37*, 197-214.
- Lucente, S. W., Fals-Stewart, W., Richards, H. J., & Goscha, J. (2001). Factor structure and reliability of the Revised Conflict Tactics Scales for incarcerated female substance abusers. *Journal of Family Violence, 16*, 437-450. doi:10.1023/A:1012281027999
- Noland, V. J., Liller, K. D., McDermott, R. J., Coutler, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal of Health Behavior, 28*, 13-23.
- Nunnally, J., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). New York: McGraw-Hill.

- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das Escalas de Táticas de Conflito Revisadas: Estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39.
- Pulos, S. (2007). Construct validity and measures of processing capacity: A response. *International Journal of Behavioral Development*, 20(4) 743-745.
- Roscoe, B., Goodwin, M. P., & Kennedy, D. (1987). Sibling violence and agonistic interactions experienced by early adolescents. *Journal of Family Violence*, 2, 121-137. doi:10.1007/BF00977037
- Simonelli, C. J., Mullis, T., Elliot, A. N., & Pierce, T. W. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationship. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 103-121. doi:10.1177/0886260502017002001
- Straus, M. A. (1973). A general systems theory approach to a theory of violence between family members. *Social Science Information*, 12, 105-125.
- Straus, M. A. (1979). Measuring intrafamily conflict and violence: The Conflict Tactics Scales. *Journal of Marriage and Family*, 41, 75-88.
- Straus, M. A. (1990). The Conflict Tactics Scales and its critics: An evaluation and new data on validity and reliability. In M. A. Straus & R. J. Gelles (Eds.), *Physical violence in American families: Risk factors and adaptations to violence in 8,145 Families* (pp.49-73). New Brunswick, WJ: Transaction Publishers.
- Straus, M. A. (1993). Identifying offenders in criminal justice research on domestic assault. *American Behavioral Scientist*, 36(5), 587-600. doi:10.1177/0002764293036005004

- Straus, M. A. (2005). Measuring intrafamily conflict and violence. In R. K. Bergen, J. L. Edleson, & C. M. Renzetti. *Violence against women: Classic paper* (pp.195-197). Boston: Pearson Education Inc.
- Straus, M. A. (2007). Conflict Tactics Scales. In N. A. Jackson (Ed.), *Encyclopedia of domestic violence* (pp. 190-197). New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Straus, M. A. & Gelles, R. J. (Eds.) (1990). *Physical violence in American families*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.
- Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind closed doors. Violence in the american family*. Garden City: Anchor Books.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283-316. doi:10.1177/019251396017003001
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Finkelhor, D., Moore, D., & Runyan (1998). Identification of child maltreatment with the Parent-child Conflict Tactics Scales: Development and psychometric data for a national sample of American parents. *Child Abuse & Neglect*, 22(4), 249-270. doi:10.1016/S0145-2134(97)00174-9
- Straus, M. A., Hamby, S. L., & Warren, W. L. (2003). *The Conflict Tactics Scales handbook*. Los Angeles: Western Psychological Services.
- Vega, E. M., & O'Leary, K. D. (2007). Test-retest reliability of the Revised Conflict Tactics Scales (CTS2). *Journal of Family Violence*, 22, 703-708. doi 10.1007/s10896-007-9118-7
- Wiehe, V. R. (1998). *Sibling abuse: Hidden physical, emotional and sexual trauma* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publication.

CAPÍTULO 2

ESTUDO DA VIOLÊNCIA ENTRE IRMÃOS NUMA AMOSTRA PORTUGUESA

3. Estudo exploratório da violência entre irmãos em Portugal¹⁹

Resumo

A violência entre irmãos é uma das formas mais comuns de violência familiar. Este estudo pretendeu caracterizar este problema em Portugal, numa amostra de 588 estudantes universitários. Os diferentes tipos de violência (física, psicológica e sexual) foram avaliados com as “*Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version*”. Procedeu-se a análises descritivas exploratórias das distribuições das principais variáveis, recorreu-se ao teste do χ^2 e a análises de covariância múltipla. Os resultados indicaram que a violência entre irmãos é muito frequente no início da adolescência; os rapazes perpetraram significativamente mais atos de violência física e sexual do que as raparigas, mas foram também, física e sexualmente, mais vitimizados; as díades masculinas apresentaram níveis de violência física e sexual significativamente superiores aos de todas as outras díades. Os resultados foram discutidos segundo perspetivas que explicam a manutenção de comportamentos abusivos entre irmãos e a sua possível transferência para outras relações.

Palavras-chave: violência; irmãos; díades fraternas; diferenças de género

Abstract

Sibling violence is one of the most common forms of family violence. This study aimed characterizes this issue in Portugal, among a sample of 588 undergraduates. The different types of victimization (physical, psychological and sexual) were assessed through the “*Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version*”. Descriptive exploratory analyzes of distributions of the main variables were conducted, and also the χ^2 test and multiple analyzes of covariance. The results indicated that sibling violence is more frequently during early adolescence; boys committed significantly more physical and sexual violent acts than girls, but they were also significantly more victimized than girls, both physically and sexually; the male dyads had higher levels of physical and sexual violence significantly higher than all other dyads. The results are discussed according to perspectives which help to understand the maintenance of abusive behaviours between siblings, as well as their eventual transfer into other relationships.

Keywords: violence; siblings; fraternal dyads; gender differences

¹⁹ O presente artigo foi aceite para publicação pela Revista *Psicologia: Reflexão e Crítica* em 16 de janeiro de 2013, e será publicado no volume 25, nº 2, 2014.

A violência na família é um tema de destaque nos *mídia* e uma realidade preocupante na sociedade em geral. Formas de violência como a conjugal ou o abuso infantil atraem simultaneamente visibilidade acadêmica (ex., Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980; Kiselica & Morrill-Richards, 2007) e mediatismo. A violência exercida entre irmãos, pelo contrário, é raramente referida embora haja evidências de que é a forma mais comum de violência na família (ex., Eriksen & Jensen, 2009; Goodwin & Roscoe, 1990; Wiehe, 1997) e, simultaneamente, a que origina maiores taxas de vitimização durante a infância e adolescência (ver Finkelhor, Turner, & Ormond, 2006).

A maioria dos estudos sobre a fratria, desde os clássicos e pioneiros de Adler (1993)²⁰ e Toman (1959, 1993) até aos mais recentes de Bank e Kahn (1997) e Dunn (1983), tem-se debruçado sobre as variáveis da constelação fraternal e o seu papel (ex., protetor, orientador, facilitador de competências psicossociais e cognitivas) no desenvolvimento de cada um dos irmãos. É inquestionável a influência dos irmãos enquanto agentes socializadores (Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007; Ferreira & Mettel, 1999), sendo a fratria considerada mesmo como o primeiro laboratório social (Minuchin, 1982). No entanto, esta complexa e duradoura relação pode ser também muito perturbadora, porque a rivalidade fraterna é primária e intrínseca à relação entre irmãos, como inúmeros investigadores o têm dito e comprovado (ex., Faber & Mazlish, 1995; Fernandes, 2002; Freud, 1976)²¹, podendo mesmo ir até ao limite da violência mais mortífera, como foi o caso do que aconteceu entre os primeiros irmãos bíblicos Caim e Abel.

Como em qualquer relação interpessoal, a violência entre irmãos pode ter expressão física, psicológica, e/ou sexual. A violência física ocorre quando um irmão

²⁰ A data da 1ª edição é 1930.

²¹ A data da 1ª edição é 1921.

causa deliberadamente ferimentos ou a morte de um outro. São comportamentos que a ilustram: empurrar, puxar cabelos, arranhar, beliscar, pontapear e agredir com objetos (Wiehe, 1997) ou manusear armas (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). A violência psicológica inclui comportamentos de negligência, atitudes e comentários depreciativos para ridicularizar, ameaçar ou aterrorizar o irmão, ou mesmo explorá-lo (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). A violência ou abuso sexual entre irmãos não tem ainda definição consensual. Contudo, Caffaro e Conn-Caffaro (1998) consideram-na como um comportamento sexual para o qual a vítima não está preparada ao nível desenvolvimental; não sendo transitório nem motivado pela curiosidade própria da idade do abusador, pode envolver contacto físico, coerção ou força.

Prevalência e incidência de violência entre irmãos

Violência física e psicológica

As experiências de vitimização física e psicológica entre irmãos foram exploradas por alguns autores, sobretudo nos EUA. Steinmetz (1977) encontrou taxas de prevalência de violência física superiores a 70%. Estudos subsequentes confirmaram índices elevados de comportamentos abusivos entre irmãos, particularmente durante a infância (Goodwin & Roscoe, 1990; Roscoe, Goodwin, & Kennedy, 1987). Mais recentemente, Hardy, Beers, Burgess, e Taylor (2010) verificaram, numa amostra de estudantes universitários, que mais de 75% dos participantes, independentemente do género, tinham perpetrado e sofrido atos de violência física e emocional entre irmãos, durante a infância. De um modo geral, a frequência dos episódios de violência parece decrescer com a entrada na adolescência, quer por resultado de maturação de competências relacionais, quer pelo menor tempo

despendido no contacto entre irmãos (Noland, Liller, McDermott, Coutler, & Seraphine, 2004).

Violência ou abuso sexual

As interações sexuais entre irmãos podem decorrer de uma relação desigual de poder. Esses episódios de abuso têm, frequentemente, uma manutenção duradoura envolta em secretismo e manipulação (Canavan, Meyer, & Higgs, 1992). Quase invariavelmente, os pais desvalorizam o comportamento sexual que ocorre entre irmãos, atribuindo-lhe um rótulo de “inocência” (Smith & Israel, 1987), mas, quando sucede, o abuso sexual entre irmãos não difere das experiências de abuso perpetradas por pais ou padrastos (Cyr, Wright, McDuff, & Perron, 2002). Na realidade, alguns autores acreditam que o abuso sexual entre irmãos pode ser mais prevalente que o abuso sexual parental (Kiselica & Morrill-Richards, 2007; Welfare, 2008) e estar na origem de quase 50% dos casos de incesto (Laurance, 2000).

Consequências da violência entre irmãos

Violência física e psicológica

A violência entre irmãos produz consequências adversas em diversas áreas da vida das vítimas. A curto prazo, os irmãos vitimizados apresentam dificuldades académicas e problemas de comportamento com maior frequência que os irmãos não-vitimizados (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998; Duncan, 1999; Snyder, Bank, & Burraston, 2005). Múltiplos problemas emocionais, como autoestima fragilizada, depressão, ou perturbações alimentares, têm sido também assinalados (Canavan et al., 1992; Wiehe, 1997). Em adolescentes, a experiência de vitimização propicia o uso de violência

dirigida aos pares e parceiros afetivos (Noland et al., 2004; Rothman, Johnson, Azrael, Hall, & Weinberg, 2010; Simonelli, Mullis, Elliot, & Pierce, 2002), o envolvimento em comportamentos pré-delinquentes, como o uso de drogas ou a posse de armas (Rothman et al., 2010), ou manifestamente delinquentes (Button & Gealt, 2010; Garcia, Shaw, Winslow, & Yaggi, 2000). Na idade adulta, as vítimas evidenciam, mais problemas relacionais com os seus irmãos (Bank & Khan, 1997), mas também com os companheiros afetivos (Noland et al., 2004; Simonelli et al., 2002).

Violência ou abuso sexual

O abuso sexual entre irmãos pode perturbar o relacionamento intrafamiliar e afetar a vítima, na sua identidade e desenvolvimento sexual, e no seu funcionamento intrapsíquico (Adler & Schutz, 1995). O abuso sexual na fratria irmão-irmã possui características semelhantes às do abuso sexual pai-filha quanto à ameaça ou uso da força, ou às sequelas físicas provocadas (Rudd & Herzeberger, 1999). Na vida adulta das vítimas, múltiplos problemas de ajustamento (depressão, abuso de drogas ou álcool, perturbação de stresse pós-traumático e promiscuidade sexual) têm sido identificados (Canavan et al., 1992; Cyr et al., 2002; Rudd & Herzberger, 1999). No geral, as consequências a longo prazo da vitimização sexual por irmãos serão tão mais devastadoras quanto maior a diferença de idades entre eles, a cronicidade e extensão do abuso, o uso de agressão e violência, e a ausência de comunicação intra e extrafamiliar (Finkelhor, 1980).

Perspetivas explicativas da violência entre irmãos

Violência física e psicológica

Hoffman e Edwards (2004) evocam as teorias feminista, do conflito e da aprendizagem social para explicar estes tipos de violência. A primeira assenta na organização patriarcal da sociedade, em que os homens têm acesso privilegiado aos recursos (Bograd, 1990). Nesta visão, os irmãos (rapazes) tornam-se perpetradores de violência à semelhança dos pais (homens) (Finkelhor, 1980). Frequentemente, os irmãos utilizam a vantagem física sobre as irmãs para controlar o seu comportamento e demonstrar a sua masculinidade (Wiehe, 1997), o mesmo ocorrendo em relação aos irmãos mais novos e fisicamente menos resistentes. Já a teoria do conflito assume a agressão e a violência como meios de resolução de conflitos em contexto familiar (Felson & Tedeschi, 1993). A violência na díade fraterna funcionaria como veículo de expressão de raiva devido a favoritismo parental, ou a conflitos resultantes de obrigações domésticas (Hoffman & Edwards, 2004). Por seu lado, a teoria da aprendizagem social postula que a violência física e psicológica entre irmãos é aprendida por imitação e reforço, a partir de modelos que as interações negativas entre pais e entre pais e filhos fornecem às crianças (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998; Noller, 2005). Esses comportamentos seriam posteriormente replicados pelos filhos em situações similares, favorecendo a transmissão intergeracional da violência na família (Wiehe, 1997).

Globalmente, estas teorias avançam explicações etiológicas para o fenómeno, mas não para a sua severidade/frequência. Para tal compreensão devem ser considerados fatores inerentes ao contexto familiar e às características particulares de vítimas e perpetradores. A indisponibilidade parental ou a falta de competências na

supervisão das crianças, os desequilíbrios de poder entre os irmãos, a indefinição de fronteiras dos seus espaços físicos e psicológicos, a par de tratamento diferencial por parte dos pais, têm sido associados a episódios mais frequentes ou mais graves de violência entre irmãos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998; Wiehe, 1997). Outras variáveis sistêmicas implicadas são as situações de stresse familiar, como sejam as dificuldades financeiras ou a doença (Hardy, 2001).

Violência ou abuso sexual

As principais teorias explicativas do abuso sexual entre irmãos assentam sobretudo em particularidades dos perpetradores. A “teoria do bloqueio” postula que os abusadores têm um marcado défice de competências sociais e interpessoais que os impede de cultivar relações significativas com os pares e os impele a satisfazer as suas necessidades com irmãos (irmãs) mais jovens, naturalmente vulneráveis (O’Brien, 1991). Uma outra perspetiva é conhecida como “síndrome do vampiro”, por remeter a explicação do abuso sexual entre irmãos para um padrão intergeracional de abuso. Esta visão encontra suporte empírico no número de abusadores que foram eles próprios vítimas de abuso sexual pelos familiares diretos (Smith & Israel, 1987). Inquestionavelmente, certas características intrafamiliares, sugestivas de algum grau de disfunção, propiciam a ocorrência de abuso sexual entre irmãos. Frequentemente, este surge no contexto de relações de poder ou de enorme dependência, sendo o perpetrador encoberto por um certo favoritismo parental (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998; Russell, 1986). Tais aspetos relacionais, associados à vergonha, culpa, repressão, ou mesmo dissociação, contribuem para o silêncio das vítimas (Wiehe, 1997). Também a exposição à atividade sexual de familiares (O’Brien, 1991), ou o acesso a materiais

pornográficos (Seto & Lalumière, 2010), parece desempenhar uma função etiológica no fenómeno.

Em suma, a violência entre irmãos é uma realidade muito comum, que pode originar sequelas emocionais e psicossociais duradouras, mas paradoxalmente tem sido vista como trivial e está mal quantificada. Em Portugal, são ainda desconhecidos dados sistemáticos que a caracterizem pelo que o presente estudo é pioneiro ao pretender: (a) Estimar a ocorrência de vários tipos de violência (i.e., emocional, física, e sexual) entre irmãos numa amostra de estudantes universitários; (b) Identificar os comportamentos abusivos/tipos de vitimização mais frequentes por género; e (c) Avaliar a influência das características das fratrias na severidade desses comportamentos.

Método

Participantes

588 estudantes universitários (219 do sexo masculino), com idade média de 20 anos (± 4), todos com irmãos, consentiram em participar no estudo. Cerca de 65% da amostra possuía apenas um irmão, 24% tinha dois, 7% três, e os restantes 4% tinham quatro ou mais. Foi solicitado aos participantes que indicassem o sexo do irmão com quem experimentaram mais conflitos durante o período de referência etária dos 13 anos de idade. De igual modo, solicitou-se que indicassem a idade que o irmão tinha nesse período. Com base nestas informações, determinou-se a composição das díades fraternas e a posição do participante na fratria.

Instrumentos

Questionário Sociobiográfico (QSB). Questionário de informação sociodemográfica adaptado do *Social Environment Questionnaire* (Toman, 1993), que incide sobre características do *sujeito*, da sua *família* e do seu *subsistema fraternal*.

Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (CTS2-SP; Straus et al., 1996).

Questionário de 78 itens já aferido para a população portuguesa (Relva, Fernandes, & Costa, no prelo) que permite avaliar as táticas de conflito preferencialmente utilizadas no relacionamento entre irmãos. Como as CTS2-SP se cingem à conflitualidade na *díade* fraterna, quando o sujeito tem *mais do que um irmão* é convidado a responder em relação ao que lhe é *mais próximo em idade*. As CTS2-SP são compostas por cinco escalas: *negociação* (6 itens), *agressão psicológica* (8 itens; nesta escala decidiu excluir-se um dos itens porque na validação portuguesa das CTS2-SP (Relva et al., no prelo) todos os itens apresentavam uma correlação item-total acima de .30, exceto um, pelo que todas as análises foram feitas considerando apenas 7, e não 8, itens), *agressão física sem sequelas* (12 itens), *coerção sexual* (7 itens) e *agressão física com sequelas* (6 itens). Cada item é representado por duas questões, a primeira referindo um determinado comportamento emitido pelo sujeito em relação ao irmão/irmã, e a segunda referindo o mesmo comportamento em sentido inverso (do irmão/irmã em relação ao sujeito). O questionário começa por avaliar táticas de conflito convencionais (ex., *negociação*), passando gradualmente para comportamentos mais coercivos e desaprovados socialmente. A escala de resposta traduz a frequência de cada comportamento num determinado período de tempo: de 0 (“nunca aconteceu”) a 7 (“não naquele ano, mas já aconteceu”). A escala de *negociação* não foi utilizada na

presente investigação uma vez que o objeto de estudo era a violência entre irmãos, isto é, o uso de táticas de conflito coercivas nas díades fraternas.

Procedimentos

Após obtenção de autorizações institucionais, os questionários, anónimos, foram autoadministrados em turmas de diferentes universidades portuguesas. O seu preenchimento foi voluntário e sem incentivos. O horário de administração foi previamente acordado com os responsáveis das turmas, normalmente antes ou depois das aulas. Foram explicitados os objetivos do estudo em cada turma e realizou-se o *briefing* dos participantes após a recolha dos instrumentos. Para evitar homogeneidade amostral, os participantes foram recrutados em cursos de diferentes áreas de conhecimento.

Procedimentos de análise e de redução de dados

Conduziram-se análises descritivas exploratórias (coeficientes de assimetria, curtose e inspeção de “boxplots”) das distribuições das principais variáveis. A determinação das prevalências dos vários tipos de violência perpetrada/sofrida foi acompanhada da estimativa de intervalos de confiança a 95% para proporções segundo o método de aproximação da distribuição binomial à normal. Para a análise das frequências dos itens das CTS2-SP recorreu-se ao teste do χ^2 com a correção de Yates. Os somatórios das pontuações nas escalas das CTS2-SP constituíram três pontuações totais de severidade de violência, a saber, psicológica (escala de “agressão psicológica”), física (escalas de “agressão física sem sequelas” e “agressão física com sequelas”), e sexual (escala de “coerção sexual”), respetivamente, para perpetradores

e para vítimas. Os vários tipos de violência perpetrada e/ou sofrida foram comparados por gênero através do teste *t* de *student* para amostras independentes. O *d* de Cohen, medida de magnitude do efeito (Cohen, 1992), é reportado em cada comparação efetuada. Cada díade fraterna foi classificada a partir da combinação “sexo do participante/sexo do irmão”, constituindo a variável “composição da díade”. O estudo da severidade de violência perpetrada/sofrida nas díades efetuou-se por análises de covariância múltipla (MANCOVAs) das pontuações totais de violência para cada composição de díade, controlando a diferença absoluta de idades entre os irmãos (covariável). Seguindo as recomendações de Field (2009) e de Peat e Barton (2005), os pressupostos da MANCOVA foram testados a partir da distância de Mahalanobis, de coeficientes de correlação de Pearson, do teste M de Box, e da análise da interação entre a covariável e cada variável dependente (homogeneidade do declive da reta de regressão). A violação do pressuposto da homogeneidade da matriz de covariâncias (testes M de Boxcom $p < .05$) implicou a ponderação da standardização das pontuações totais de violência (escores Z), dada a marcada assimetria das distribuições das pontuações totais de violência (curva “L-shaped”), pois com a sua transformação obter-se-ia a normalização mais eficaz através do uso da recíproca de cada variável seguindo a fórmula “ $1 / (\text{variável} + 1)$ ”; no entanto, optou-se por não seguir esta transformação pois comprometeria a compreensão dos resultados em testes post-hoc; por outro lado utilizou-se o uso do traço de Pillai (em vez do Λ de Wilks) para avaliação da significância multivariada dos efeitos (Tabachnick & Fidell, 2007). O eta-quadrado (η^2_p) parcial multivariado ($\eta^2_p = 1 - V_{\text{Pillai}}^{1/s}$) foi considerado como medida de magnitude dos efeitos. O seguimento de efeitos significativos realizou-se através de testes post-hoc com ajustamento de Bonferroni para comparações múltiplas. O

tratamento estatístico foi feito com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences* (versão 18).

Resultados

Violência psicológica, física e sexual

Cerca de 88% (intervalo de confiança a 95% = [85.8% – 91.0%]), 69% (intervalo de confiança a 95% = [65.5% – 72.9%]), e 6% (intervalo de confiança a 95% = [4.3% – 8.3%]) dos participantes admitiram ter perpetrado, respetivamente, atos de violência psicológica, física e sexual aos seus irmãos durante o período de referência dos 13 anos de idade. Comparativamente, as frequências de vitimização psicológica, física e sexual por irmãos para o mesmo período foram, respetivamente, 87% (intervalo de confiança a 95% = [84.5% – 89.9%]), 69% (intervalo de confiança a 95% = [65.5% – 72.9%]), e 8% (intervalo de confiança a 95% = [5.4% – 9.6%]). As taxas de perpetração e de vitimização dos participantes foram muito semelhantes, pelo que se estimou a taxa de *coocorrência* de perpetração e vitimização para cada tipo de abuso: 87% (intervalo de confiança a 95% = [83.9% – 89.4%]), 66% (intervalo de confiança a 95% = [61.7% – 69.3%]) e 4% (intervalo de confiança a 95% = [2.1% – 5.1%]) dos participantes admitiram ter simultaneamente perpetrado e sofrido atos de violência psicológica, física, e sexual na relação fraterna durante esse período.

Comparação, por género, da violência perpetrada e sofrida

A Tabela 2.1 apresenta as pontuações totais das CTS2-SP para cada tipo de violência perpetrada ou sofrida entre irmãos, separadamente, por género.

Tabela 2.1

Comparação, por Género, das Pontuações Totais das CTS2-SP Reportadas pelos Participantes

Pontuações totais CTS2-SP	Género Masculino	Género Feminino	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
	<i>n</i> = 219 (Média ± DP)	<i>n</i> = 369 (Média ± DP)				
<i>Tipos de violência perpetrada</i>						
Psicológica	11.7 (9.7)	10.3 (8.2)	1.87	399.8	.06	.19
Física	10.9 (14.9)	6.1 (8.7)	4.35	306.9	< .001	.50
Sexual	1.1 (4.1)	0.2 (1.0)	3.21	233.5	.002	.42
<i>Tipos de violência sofrida</i>						
Psicológica	11.3 (9.6)	10.1 (8.3)	1.60	406.8	.11	.16
Física	10.5 (14.8)	6.4(8.4)	3.76	301.9	< .001	.43
Sexual	1.1 (4.3)	0.2 (1.0)	3.04	232.5	.003	.40

Nota. CTS2-SP = *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (Portuguese)*; DP = Desvio-padrão; *gl* = Graus de liberdade; *d* = *d* de Cohen, estimado a partir dos valores de *t* e dos respectivos graus de liberdade. *N* = 588.

Perpetração de violência. O recurso à violência psicológica foi ligeiramente mais reportado pelos rapazes; no entanto, esta diferença não atingiu significância estatística ($p = .06$). Já o recurso à violência “física” ($p < .001$) e “sexual” ($p < .05$) foi significativamente mais frequente entre os rapazes.

Vitimização de violência. Não ocorreram diferenças de género quanto à experiência de violência psicológica sofrida pelos irmãos ($p = .11$). No entanto, os participantes masculinos referiram níveis de vitimização “física” ($p < .001$) e “sexual” ($p < .05$) significativamente superiores aos dos participantes femininos.

Comportamentos de vitimização mais frequentes por gênero

A Tabela 2.2 descreve os comportamentos abusivos sofridos pelos participantes e reportados nas CTS2-SP para cada tipo de violência entre irmãos. As respectivas frequências foram comparadas por gênero, separadamente, para respostas de “vitimização”.

Perpetração de violência²². Relativamente à forma psicológica de violência, os atos mais comuns perpetrados pelos participantes contra os seus irmãos foram, os insultos, os gritos e as provocações. À exceção da maior tendência ($p < .10$) dos rapazes em usar comentários depreciativos, nenhuma diferença de gênero foi detetada. Quanto aos comportamentos de violência física, os rapazes revelaram frequências significativamente aumentadas de perpetração de vários atos de violência *com* sequelas físicas (provocar fraturas, desmaios ou atendimento hospitalar) e *sem* sequelas físicas (atirar objetos, torcer o braço/puxar o cabelo, agarrar à força, usar uma faca ou arma, esmurrar ou bater, tentar sufocar o irmão, entre outros). Apesar destas diferenças, comportamentos como atirar objetos, torcer o braço ou puxar o cabelo, empurrar ou apertar, e dar uma bofetada parecem ser comuns entre irmãos. Finalmente, diversos comportamentos sexualmente abusivos (forçar relações sexuais sem preservativo, insistir em ter relações sexuais ou sexo oral/anal, usar a força para ter relações sexuais, recorrer a ameaças para ter relações sexuais ou sexo oral/anal) foram também significativamente mais frequentes entre os rapazes.

²² A pedido da revista foi reduzido o número de tabelas. A tabela 5.1 encontra-se na secção dos anexos.

Tabela 2.2

Comparação, por Género, das Frequências de Comportamentos Violentos Sofridos Pelos Participantes

Itens CTS2-SP	Género Masculino n (%)	Género Feminino n (%)	χ^2	R	IC _{95%}
<i>Violência Psicológica</i>					
Insultar ou dizer palavrões	161 (73.5)	267 (72.4)	0.04	1.06	0.73-1.55
Gritar ou berrar	162 (74.0)	275 (74.5)	0.03	0.97	0.66-1.42
Sair abruptamente da sala	95 (43.4)	173 (46.9)	0.55	0.87	0.62-1.22
Fazer algo para irritar	124 (56.6)	229 (62.1)	1.48	0.80	0.57-1.12
Chamar de gordo/a ou feio/ a	79 (36.1)	125 (33.9)	0.20	1.10	0.78-1.56
Destruir algo	91 (41.6)	142 (38.5)	0.42	1.14	0.81-1.60
Ameaçar ferir ou atirar algo	61 (27.9)	73 (19.8)	4.64*	1.57	1.06-2.31
<i>Violência Física</i>					
Atirar alguma coisa	105 (47.9)	142 (38.5)	4.67*	1.47	1.05-2.07
Torcer o braço ou puxar o cabelo	104 (47.5)	141 (38.2)	4.49*	1.46	1.04-2.05
Empurrar ou apertar	100 (45.7)	170 (46.1)	0.01	0.98	0.70-1.38
Agarrar à força	55 (25.1)	52 (14.1)	10.49**	2.04	1.34-3.12
Dar uma bofetada	84 (38.4)	139 (37.7)	0.01	1.03	0.73-1.45
Usar uma faca ou uma arma	14 (6.4)	5 (1.4)	9.60**	4.97	1.77-14.00
Esmurrar ou bater	49 (22.4)	48 (13.0)	8.09**	1.93	1.24-2.99
Tentar sufocar	18 (8.2)	13 (3.5)	5.17*	2.45	1.18-5.11
Atirar contra a parede	38 (17.4)	38 (10.3)	5.47*	1.83	1.13-2.97
Dar uma tarefa	36 (16.4)	38 (10.3)	4.17*	1.71	1.05-2.80
Queimar ou escaldar	11 (5.0)	1 (0.3)	13.24**	19.46	2.50-151.81
Dar pontapés	76 (34.7)	101 (27.4)	3.17 [†]	1.41	0.98-2.02
Provocar entorse, ferida ou pequeno corte	78 (35.6)	111 (30.1)	1.69	1.29	0.90-1.83
Provocar dor física, que se manteve no dia seguinte	32 (14.6)	39 (10.6)	1.75	1.45	0.88-2.39
Provocar desmaio	11 (5.0)	3 (0.8)	8.75**	6.45	1.78-23.39
Provocar ida ao médico	18 (8.2)	8 (2.2)	10.52**	4.04	1.73-9.46
Provocar ida ao médico, mas não ter ido	17 (7.8)	12 (3.3)	5.04*	2.50	1.17-5.35
Provocar fratura	13 (5.9)	10 (2.7)	3.00 [†]	2.27	0.98-5.26
<i>Violência Sexual</i>					
Forçar a relações sexuais sem preservativo	16 (7.3)	11 (3.0)	4.92*	2.57	1.17-5.63
Insistir em ter relações sexuais	7 (3.2)	1 (0.3)	6.72**	12.15	1.49-99.44
Insistir em ter sexo oral/ anal	8 (3.7)	1 (0.3)	8.31**	13.95	1.73-112.33
Usar a força para ter relações sexuais	12 (5.5)	3 (0.8)	10.24**	7.07	1.97-25.35
Usar a força para ter sexo oral/ anal	10 (4.6)	1 (0.3)	11.57**	17.61	2.24-138.51
Recorrer a ameaças para ter sexo oral/ anal	10 (4.6)	5 (1.4)	4.48*	3.48	1.18-10.33
Recorrer a ameaças para ter relações sexuais	9 (4.1)	6 (1.6)	2.48	2.59	0.91-7.39

Nota. CTS2-SP = Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (Portuguese); OR = Odds Ratio; IC_{95%} = Intervalo de Confiança a 95%. [†]p < .10; *p < .05; **p < .01. N = 588.

Vitimização de violência. À semelhança dos resultados descritos para a violência psicológica perpetrada, os insultos, os gritos e as provocações foram os atos abusivos mais comuns que os participantes, independentemente do gênero, sofreram dos seus irmãos. Os rapazes foram, no entanto, alvos significativamente mais frequentes ($p < .05$) de ameaças. Considerando os atos de violência física, os rapazes foram significativamente mais vitimizados por alguns comportamentos *com* sequelas físicas (provocar desmaios ou atendimento hospitalar) e *sem* sequelas físicas (atirar objetos, torcer o braço/puxar o cabelo, agarrar à força, usar uma faca ou arma, esmurrar ou bater, tentar sufocar o irmão, entre outros). Uma vez mais, atirar objetos, torcer o braço ou puxar o cabelo, e empurrar ou apertar revelaram-se comuns entre as vítimas, apesar da diferença de gênero assinalada para os dois primeiros comportamentos. Por fim, e algo surpreendentemente, também os rapazes foram as vítimas significativamente mais frequentes para a maioria dos comportamentos sexualmente abusivos.

Influência das características das díades fraternas na severidade dos vários tipos de violência

Violência perpetrada. O cálculo exploratório de correlações bivariadas indicou que a diferença absoluta de idade entre os irmãos era a única variável sociodemográfica significativamente associada às pontuações totais de violência psicológica ($r = -.26$; $p < .001$) e física ($r = -.20$; $p < .001$), pelo que esta foi controlada na análise. Uma MANCOVA foi conduzida nas notas estandardizadas de violência perpetrada (psicológica, física e sexual) para a composição das díades, controlando a diferença absoluta de idade entre os irmãos, e indicou um efeito multivariado da

composição das díades na combinação linear das pontuações de violência, $V^{Pillai} = .08$, $F(9,1719) = 4.88$, $p < .001$, $\eta^2 = .03$. Testes univariados confirmaram um efeito da composição das díades para as pontuações de violência física, $F(3,573) = 10.78$, $p < .001$, $\eta^2 = .05$, e sexual, $F(3,573) = 8.23$, $p < .001$, $\eta^2 = .04$, mas não para as pontuações de violência psicológica, $F(3,573) = 1.08$, $p = .356$, $\eta^2 < .01$. A Tabela 2.3 apresenta as médias marginais estimadas para as pontuações de violência perpetrada em cada tipo de díade, quando controlada a diferença absoluta de idade entre os irmãos.

Tabela 2.3

Pontuações Estandarizadas de Violência Perpetrada pelos Participantes (CTS2-SP) em Cada Tipo de Díade, Quando Controlada a Diferença Absoluta de Idade Entre os Irmãos

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
Pontuações totais de violência (notas z)	Masculino/ Masculino <i>n</i> = 103	Masculino/ Feminino <i>n</i> = 112	Feminino/ Masculino <i>n</i> = 180	Feminino/ Feminino <i>n</i> = 183
<i>Violência Psicológica</i>				
Média (EP)	.15 (.10)	-.02 (.09)	-.06 (.07)	-.02 (.07)
IC 95%	[-.04; .34]	[-.20; .16]	[-.20; .09]	[-.16; .12]
<i>Violência Física</i>				
Média (EP)	.47 (.09)	-.01 (.09)	-.10 (.07)	-.17 (.07)
IC 95%	[.29; .66]	[-.18; .17]	[-.24; .04]	[-.31; -.03]
<i>Violência Sexual</i>				
Média (EP)	.42 (.10)	.00 (.09)	-.10 (.07)	-.14 (.07)
IC 95%	[.23; .61]	[-.18; .18]	[-.24; .05]	[-.29; 0]

Nota. EP = Erro-padrão da média. IC_{95%} = Intervalo de Confiança a 95%. *N* = 578.

Testes post-hoc com ajustamento de Bonferroni indicaram pontuações de violência física significativamente superiores para as díades M-M, quando comparadas com díades M-F ($p < .01$), F-M ($p < .001$) e F-F ($p < .001$) [M de masculino e F de feminino]. De igual modo, as pontuações de violência sexual das díades M-M foram

substancialmente superiores às de díades M-F ($p = .01$), F-M ($p < .001$) e F-F ($p < .001$).

Nenhuma outra diferença foi detetada.

Violência sofrida²³. Como anteriormente, apenas a diferença absoluta de idade entre os irmãos se associou significativamente às pontuações totais de violência psicológica ($r = -.28$; $p < .001$) e física ($r = -.23$; $p < .001$) sofridas. Através da MANCOVA, as pontuações estandardizadas de violência sofrida (psicológica, física e sexual) foram comparadas entre as diferentes díades, controlando novamente a diferença absoluta de idade entre os irmãos. Um efeito multivariado da composição das díades na combinação linear das pontuações de violência foi detetado, $V^{\text{Pillai}} = .08$, $F(9,1719) = 5.28$, $p < .001$, $\eta^2 = .03$. Testes univariados indicaram que a composição das díades influenciou significativamente as pontuações de violência física, $F(3,573) = 10.50$, $p < .001$, $\eta^2 = .05$, e sexual, $F(3,573) = 6.80$, $p < .001$, $\eta^2 = .03$, mas não as de violência psicológica, $F(3,573) = 0.97$, $p = .406$, $\eta^2 < .01$.

Uma vez mais, as comparações post-hoc indicaram pontuações de vitimização física significativamente superiores entre as díades M-M, quando comparadas com as díades M-F ($p < .01$), F-M ($p < .001$) e F-F ($p < .001$). Relativamente à vitimização sexual, as pontuações das díades M-M foram também significativamente superiores às de díades M-F ($p < .05$), F-M ($p < .001$) e F-F ($p < .001$). Nenhuma outra diferença foi assinalada entre as diversas díades.

²³ A pedido da revista foi reduzido o número de tabelas. A tabela 5.2 encontra-se na secção dos anexos.

Discussão

A violência entre irmãos é provavelmente a forma de violência mais comum nas famílias (Goodwin & Roscoe, 1990), mas, e, paradoxalmente, a mais ignorada. O presente estudo estimou, retrospectivamente, as frequências de violência psicológica, física e sexual entre irmãos, pela administração das escalas CTS2-SP a estudantes universitários, comparando-as, por gênero e em termos de violência sofrida e perpetrada. Adicionalmente, a violência entre irmãos foi analisada segundo a composição de gênero e diferenças de idade das díades fraternas. Os resultados obtidos indicam que a violência entre irmãos é altamente prevalente no início da adolescência, especificamente para a idade de referência dos 13 anos, sendo maioritariamente expressa por comportamentos de abusos psicológicos e físicos sem sequelas (cf. Hardy, 2001; Simonelli et al., 2002), comportamentos esses ora perpetrados ora sofridos particularmente pelos irmãos rapazes. Além disso, os resultados sugerem que a composição de gênero das fratrias e as idades aproximadas (cf. Hardy et al., 2010) parecem contribuir para a expressão do fenômeno da violência entre irmãos. No entanto, variáveis do contexto familiar como o tratamento diferencial por parte dos pais, a indisponibilidade parental, a par de outras variáveis sistêmicas (ex., exposição à violência parental e conjugal, doença, problemas financeiros) não abordadas no presente estudo, deverão ser tidas em consideração na compreensão do fenômeno.

As prevalências de violência psicológica e de violência física aqui reportadas aproximam-se dos valores indicados por diversos estudos internacionais (ex., Graham-Bermann, Cutler, Litzenberger, & Schwartz, 1994; Roscoe et al., 1987). O presente estudo demonstra ainda que a coocorrência de violência perpetrada e de violência

sofrida parece ser a “regra” na relação fraterna, indicando que a violência entre irmãos é um fenómeno claramente recíproco (cf. Krienert & Walsh, 2011a). Paralelamente, as percentagens de violência sexual aqui reportadas (inferiores a 10%) são também semelhantes às descritas pelos escassos estudos retrospectivos desta forma de abuso, nomeadamente 7% (Hardy, 2001), 13% (Finkelhor, 1980) e 16% (Russell, 1986). No entanto, é difícil o contraponto com a literatura existente; por um lado, nem sempre são recrutados participantes de ambos os sexos (Russell, 1986), por outro, as frequências variam substancialmente quando a amostragem assenta em casos de abuso sexual identificados em contextos clínicos ou judiciais (ex., Wiehe, 1997). De todo modo, o presente estudo testemunha que esta dimensão de abuso fez também parte da realidade intrafamiliar de jovens universitários portugueses, embora esta não seja uma amostra representativa da população portuguesa, mas talvez uma amostra de “elite” dado que apenas uma parte dos jovens frequentam o ensino superior em Portugal, o que pode levar a pressupor que estas frequências possam ser diferentes noutras franjas menos escolarizadas e de outro nível socioeconómico.

A comparação por género dos diferentes tipos de violência e perfis de comportamento abusivo merece diversas considerações. A violência psicológica revelou-se o tipo de abuso e de vitimização mais frequente entre irmãos independentemente do género, tal como o reportado noutros estudos (ex., Goodwin & Roscoe, 1990; Noland et al., 2004). Adicionalmente, a diferença absoluta de idade entre os irmãos associou-se significativa e negativamente a este tipo de violência, sugerindo que as agressões verbais são uma “trivialidade” entre irmãos com idades aproximadas. Por seu lado, a perpetração de violência física foi significativamente mais comum entre os participantes masculinos, resultado compatível com evidências

empíricas de que os rapazes recorrem mais frequentemente à violência física para resolver conflitos com os irmãos (Eriksen & Jensen, 2006; Hoffman, Kiecolt, & Edwards, 2005). Esta tendência pode refletir, por um lado, a necessidade dos rapazes serem mais agressivos e competitivos do que as raparigas, para que se adequem a expectativas de uma “sociedade de género” (Leder, 1993); por outro lado, se as práticas educativas parentais forem elas próprias diferenciadas, poderão também justificar esta diferença. Além disso, as punições físicas são mais frequentemente dirigidas aos rapazes, o que permite que a agressão física seja modelada entre irmãos (Lytton & Romney, 1991). Tal visão é aqui parcialmente suportada pelo facto dos atos de violência física severa (ex., dar uma tarefa, tentar sufocar o irmão, provocar fraturas, desmaios ou idas ao médico) terem sido sobretudo perpetrados por participantes masculinos. De igual modo, também os participantes do sexo masculino reportaram um número significativamente superior de vitimizações físicas, tratando-se de algo sobre o qual a literatura é pouco consistente. Há estudos que indicam que as raparigas são significativamente mais vitimizadas na relação fraterna (Goodwin & Roscoe, 1990; Kettrey & Emery, 2006; Krienert & Walsh, 2011a), outros que não encontram diferenças de género nas vitimizações (Duncan, 1999; Hardy, 2001), e ainda outros que documentam os rapazes como vítimas mais frequentes de abusos físicos (Hardy et al., 2010; Noland et al., 2004). Estudos futuros deverão elucidar o motivo destas discrepâncias, mas influências metodológicas estarão certamente implicadas; como exemplo, não será por acaso que as raparigas apresentam significativamente mais vitimizações físicas quando a respetiva amostragem contabiliza queixas judiciais formalizadas contra irmãos (ex., Kettrey & Emery, 2006; Krienert & Walsh, 2011a). Esta aparente diferença de género poderá derivar mais da “dinâmica de género” no

comportamento de denúncia (Krienert & Walsh, 2011a) do que do fenómeno de violência *per se*, desconhecendo-se se está também implicada na forma sexual de violência entre irmãos.

No presente estudo, a perpetração de comportamentos sexualmente abusivos foi significativamente mais frequente entre os participantes masculinos, mas também o foram as experiências de vitimização sexual. De facto, parece consensual que os comportamentos de coerção sexual são mais frequentemente perpetrados por rapazes (cf. Caffaro & Conn-Caffaro, 2005; Hardy, 2001), mas há um hiato na literatura quanto à distribuição das vitimizações, por género. Como a maior parte dos estudos que registam abusos sexuais por irmãos decorrem de amostras clínicas (Adler & Schutz, 1995; Canavan et al., 1992), agrupam sobretudo casos de incesto irmão-irmã e raramente incluem vítimas (ou perpetradores) de ambos os sexos (Krienert & Walsh, 2011b). Apesar disso, foram pontualmente encontradas prevalências superiores a 20% de vitimizações sexuais em participantes masculinos (Caffaro & Conn-Caffaro, 2005; Krienert & Walsh, 2011b), valor preocupante e eventualmente compatível com a “síndrome do vampiro”, anteriormente referida, na explicação da perpetuação de abusos sexuais em díades masculinas.

A comparação entre díades, para os vários tipos de violência perpetrada/sofrida, permite várias considerações. Primeiro, a associação significativa da diferença absoluta de idade entre os irmãos com as formas psicológica e física de violência (quer perpetrada, quer sofrida) implicou o ajuste estatístico para este fator através da MANCOVA. Por um lado, alguns estudos sugerem que as agressões físicas são mais frequentes entre irmãos com diferença de idade inferior a três anos (ex., Felson & Russo, 1988; Straus et al., 1980). Por outro, a idade é um *confounder* muito

recorrente no estudo de díades (Krienert & Walsh, 2011a), particularmente porque as díades são o produto do desenvolvimento de cada um dos irmãos e estão sujeitas a influências ambientais que variam ao longo do tempo. Segundo, a violência psicológica (quer perpetrada, quer sofrida) parece independente da composição de gênero das díades, algo que os resultados anteriores já prenunciavam e que encontra paralelo no estudo de *bullying* entre irmãos (Duncan, 1999). De facto, as táticas psicológicas de abuso parecem ser um lugar-comum entre as estratégias de intimidação nas fratrias (ex., Wiehe, 1997). Terceiro, as díades masculinas foram as que apresentaram índices mais severos de violência física, tanto perpetrada como sofrida. Se, para alguns autores (Goodwin & Roscoe, 1990; Roscoe et al., 1987), os atos de violência física mais graves ocorrem em díades masculinas, como aqui observado, para outros (Pepler, Abramovitch, & Corter, 1981) vigoram sobretudo em díades masculino-feminino, particularmente se constituídas por irmãs mais novas e irmãos mais velhos (Hoffman & Edwards, 2004). Questões metodológicas poderão estar implicadas nesta discrepância (ex., os efeitos de idade acima referidos, as dinâmicas do comportamento de denúncia), mas é razoável conjecturar uma dinâmica mais complexa em que fatores socioculturais e ambientais interajam. Por outras palavras, a exposição a fatores ambientais de risco (ex., o tempo que os irmãos passam juntos, a supervisão parental, a exposição a outras formas de violência familiar) pode variar entre culturas e gerações. Relativamente à forma sexual de violência, os dados comparativos entre díades são praticamente inexistentes pelas razões amostrais anteriormente evocadas. Não obstante, um estudo nos EUA, cuja amostragem se baseou em mais de 10000 denúncias oficiais de ofensas sexuais entre irmãos, atribuiu mais de 60% delas a ofensores masculinos e vítimas femininas; contudo, as díades masculinas foram a

segunda díade mais frequente, responsável por 25% dos registos (Krienert & Walsh, 2011b). Importa referir que a amostragem destes dois estudos assentou em denúncias, pelo que se desconhecem dados retrospectivos de amostras comunitárias. No entanto, no presente estudo, as díades com maior frequência de comportamentos sexualmente abusivos foram coincidentes, numa magnitude inversa.

Considerações finais

Este foi o primeiro estudo a estimar as taxas de ocorrência de vários tipos de violência entre irmãos numa grande amostra de estudantes universitários portugueses, caracterizando por género e composição das díades fraternas os abusos e vitimizações mais frequentes. As elevadas frequências encontradas, a par da evidente coocorrência de abusos e vitimizações, alertam para a sua reciprocidade na relação fraterna. Diversas experiências de vitimização diferiram por género, salientando a necessidade do estudo de perfis diferenciais para sustentar estratégias de prevenção, práticas profissionais e políticas institucionais.

Algumas limitações do presente estudo devem ser reconhecidas. Por um lado, um desenho transversal retrospectivo impede extrapolações de causalidade. Por outro lado, o recrutamento exclusivo de universitários impediu a generalização de resultados dada a homogeneidade amostral produzida. Todavia, nenhuma destas generalizações era pretensão deste estudo. São sobretudo instrumentais as fragilidades que aqui importa discutir. Primeiro, as instruções das CTS2-SP referem-se a episódios (eventualmente) ocorridos quando o participante tinha “aproximadamente 13 anos”; ao fazê-lo, o questionário enquadra as respostas numa espécie de “incidência retrospectiva”. Este período temporal poderá ser limitativo, não só pelas complexas

influências da idade na dinâmica de violência das fratrias, mas também por propiciar viés de memória (i.e., o participante evocar erroneamente episódios que julga terem ocorrido precisamente aos 13 anos, ou o inverso). Por estas razões, o período temporal de resposta deverá ser mais extenso, por exemplo, “dos 10 aos 14 anos”, tal como o utilizado por Noland e colaboradores (2004). Segundo, as CTS2-SP cingem-se à conflitualidade de uma só díade fraterna (i.e., quando o sujeito tem mais do que um irmão é convidado a responder em relação ao que lhe é mais próximo em idade), o que resulta, tal como noutros estudos (ex., Kettrey & Emery, 2006; Noland et al., 2004), na exclusão de dados sobre violência que ocorra noutras díades. Isto poderá ser particularmente preocupante no estudo da violência sexual: à luz dos dados de Krienert e Walsh (2011b), 13% dos incidentes foram perpetrados por um ofensor a múltiplas vítimas e 10% dos registos foram perpetrados por múltiplos ofensores a uma mesma vítima; ora esta realidade escaparia às CTS2-SP. Estudos futuros deverão implementar metodologias que privilegiem o cruzamento de informação, integrando várias fontes (ex., outros familiares, professores, registos hospitalares e judiciais), uma vez que as taxas reportadas de violência entre irmãos tendem a ser superiores quando os jovens são diretamente questionados (Goodwin & Roscoe, 1990). Por outro lado, o fenómeno carece de estudos longitudinais que abranjam diferentes faixas etárias e comparem diferentes amostras (i.e., clínicas *versus* comunitárias) de modo a documentar as interações ao longo do desenvolvimento das fratrias e o modo como se transpõem para as relações adultas. Necessariamente, as eventuais influências dos “novos” fatores ambientais (ex., exposição à violência na *internet* e redes sociais) devem também ser contempladas. Seria igualmente interessante abordar o fenómeno da violência entre irmãos junto de famílias em que um dos membros da díade fraterna

é possuidor de necessidades educativas especiais, uma vez que, segundo Nunes e Aiello (2008), torna-se mais complexa a análise desse relacionamento quando estamos na presença destas situações problemáticas. Ou seja, e em suma: ainda há muito a investigar e a conhecer sobre os irmãos e, especificamente, sobre a violência neste subsistema familiar.

Referências

- Adler, A. (1993). *El carácter neurótico* (2ª ed.). Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica. (Obra original publicada em 1930).
- Adler, N. A., & Schutz, J. (1995). Sibling incest offenders. *Child Abuse & Neglect*, 19, 811-819.
- Bank, S. P., & Kahn, M. D. (1997). *The sibling bond* (15th anniversary ed.). New York: Basic Books.
- Bograd, M. (1990). Feminist perspectives on wife abuse: An introduction. In K. Yllo & M. Bograd (Eds.), *Feminist perspectives on wife abuse* (pp. 11-26). Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Button, D. M., & Gealt, R. (2010). High risk among victims of sibling violence. *Journal of Family Violence*, 25(2), 131-140.
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: Haworth Press, Inc.
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (2005). Treating sibling abuse families. *Aggression and Violent Behaviour*, 10, 604-623.
- Canavan, M. M., Meyer, W. J., & Higgs, D.C. (1992). The female experience of sibling incest. *Journal of Marital and Family Therapy*, 18(2), 129-142.
- Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychological Bulletin*, 112, 155-159.
- Cyr, M., Wright, J., McDuff, P., & Perron, A. (2002). Intrafamilial sexual abuse: brother-sister does not differ from father-daughter and stepfather-step-daughter incest. *Child Abuse & Neglect*, 26, 957-973.

- Dunn, J. (1983). Siblings relationships in early childhood. *Child Development, 54*, 787-811.
- Duncan, R. (1999). Peer and sibling aggression: an investigation of intra-and extra-familial bullying. *Journal of Interpersonal Violence, 14*, 871-886.
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2006). All in the family? Family environment factors in sibling violence. *Journal of Family Violence, 21*, 497-507.
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2009). A push or a punch: distinguishing the severity of sibling violence. *Journal of Interpersonal Violence, 24*, 183-208.
- Faber, A., & Mazlish, E. (1995). *Jalousies et rivalités entre frères et sœurs*. Paris: Éditions Stock. (Obra original publicada em 1987).
- Felson, R. B., & Russo, N. F. (1988). Parental punishment and sibling aggression. *Social Psychology Quarterly, 51*(1), 11-18.
- Felson, R., & Tedeschi, J. (1993). Social interactionist perspectives on aggression and violence: An introduction. In R. Felson & J. Tedeschi (Eds.), *Aggression and violence: social interactionist perspectives* (pp. 1-10). Washington: American Psychological Association.
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia, 24*(3), 297-304.
- Ferreira, E. A. P., & Mettel, T. P. L. (1999). Interação entre irmãos em situação de cuidados formais. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 12*(1), 133-146.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3rd ed.). London: Sage Publications.

Finkelhor, D. (1980). Sex among siblings: a survey of prevalence, variety, and effects.

Archives of Sexual Behavior, 9, 171-194.

Finkelhor, D., Turner, H., & Ormond, R. (2006). Kid's stuff: the nature and impact of

peer and sibling violence on younger and older children. *Child Abuse & Neglect, 30*(12),

1401-1421.

Freud, S. (1976). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Edição Standard Brasileira

(Vol. XVIII, pp. 89-179). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada

em 1921).

Garcia, M., Shaw, D., & Yaggi, K. (2000). Destructive sibling conflict and the

development of conduct problems in young boys. *Developmental Psychology, 1*,

44-53.

Goodwin, M. P., & Roscoe, B. (1990). Sibling violence and agnostic interactions among

middle adolescents. *Adolescence, 25*, 451-467.

Graham-Bermann, S., Cutler, S., Litzenberger, B., & Schwartz, W. (1994). Perceived

conflict and violence in childhood sibling relationships and later emotional

adjustment. *Journal of Family Psychology, 8*, 85-97.

Hardy, M. S. (2001). Physical aggression and sexual behavior among siblings: a

retrospective study. *Journal of Family Violence, 3*, 255-268.

Hardy, M. S., Beers, B., Burgess, C., & Taylor, A. (2010). Personal experience and

perceived acceptability of sibling aggression. *Journal of Family Violence, 25*, 67-

71.

Hoffman, K. I., & Edwards, J. N. (2004). An integrated theoretical model of sibling

violence and abuse. *Journal of Family Violence, 3*, 185-2001.

- Hoffman, K. I., Kiecolt, K. J., & Edwards, J. N. (2005). Physical violence between siblings: a theoretical and empirical analysis. *Journal of Family Issues, 26*, 1103-1130.
- Kettrey, H., & Emery, E. (2006). The discourse of sibling abuse. *Journal of Family Violence, 21*, 407- 416.
- Kiselica, M., & Morrill-Richards, M. (2007). Sibling maltreatment: the forgotten abuse. *Journal of Counseling & Development, 85*, 148-160.
- Krienert, J. L., & Walsh, J. A. (2011a). My brother's keeper: a contemporary examination of reported sibling violence using national level data, 2000–2005. *Journal of Family Violence, 26*, 331-342.
- Krienert, J. L., & Walsh, J. A. (2011b). Sibling sexual abuse: an empirical analysis of offender, victim, and event characteristics in National Incident-Based Reporting System (NIBRS) data, 2000-2007. *Journal of Child Sexual Abuse, 20*, 353-72.
- Laurance, J. (2000). Revealed: the truth about child sex abuse in Britain's families. Child maltreatment in the United Kingdom. *The Independent on Sunday*, 19 November.
- Leder, J. (1993). Adult sibling rivalry. *Psychology Today, 26*, 56-62.
- Lytton, H., & Romney, D. M. (1991). Parents' differential socialization of boys and girls: a meta-analysis. *Psychological Bulletin, 109*, 267-296.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias, funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1974).
- Noland, V. J., Liller, K. D., McDermott, R. J., Coutler, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal of Health Behavior, 28*, 13-23.

Noller, P. (2005). Sibling relationships in adolescence: learning and growing together.

Personal Relationships, 12(1), 1-22.

Nunes, C. L., & Aiello, A. L. (2008). Interação entre irmãos: deficiência mental, idade e

apoio social da família. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 42-50.

O'Brien, M. (1991). Taking sibling incest seriously. In M. Patton (Ed.), Family sexual

Abuse – Frontline research and evaluation, pp. 75-92, Newbury Park, CA: Sage

Publications.

Peat, J., & Barton, B. (2005). *Medical statistics: a guide to data analysis and critical*

appraisal. India: BMJ Books, Blackwell Publishing.

Pepler, D., Abramovitch, R., & Corter, C. (1981). Sibling interaction in the home: a

longitudinal study. *Child Development*, 52, 1344-1347.

Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Costa, R. (no prelo). Psychometric properties of

Revised Conflict Tactics Scales: Portuguese sibling version (CTS2-SP). *Journal of*

Family Violence.

Roscoe, B., Goodwin, M. P., & Kennedy, D. (1987). Sibling violence and agonistic

interactions experienced by early adolescents. *Journal of Family Violence*, 2,

121-137.

Rothman, E., Johnson, R., Azrael, D. Hall, D. H., & Weinberg, J. (2010). Perpetration of

physical assault against dating partners, peers, and siblings among a locally

representative sample of high school students in Boston, Massachusetts.

Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine, 164(12), 1118-1124.

Rudd, J. M., & Herzberger, S. D. (1999). Brother-sister incest – father-daughter incest: a

comparison of characteristics and consequences. *Child Abuse & Neglect*, 23,

915-928.

Russell, D. (1986). *The secret trauma: incest in the lives of girls and women*. New York: Basic Books.

Seto, M. C., & Lalumière, M. L. (2010). What is so special about male adolescent sexual offending? A review and test of explanations through meta-analysis. *Psychological Bulletin, 136*(4), 526-575.

Simonelli, C. J., Mullis, T., Elliot, A. N., & Pierce, T. W. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationship. *Journal of Interpersonal Violence, 17*, 103-121.

Snyder, J., Bank, L., & Burraston, B. (2005). The consequences of antisocial behavior in older male siblings for younger brothers and sisters. *Journal of Family Psychology, 19*, 643-653.

Smith, H., & Israel, E. (1987). Sibling incest: A study of the dynamics of 25 cases. *Child Abuse & Neglect, 11*, 101-108.

Steinmetz, S. K. (1977). *The cycle of violence, assertive, aggressive, and abusive family interaction*. New York: Praeger.

Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind closed doors. Violence in the american family*. Garden City: Anchor Books.

Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues, 17*, 283-316.

Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics* (5th ed.). Boston: Allyn and Bacon.

Toman, W. (1959). Family constellation as a basic personality determinant. *Journal of Individual Psychology, 18*, 48-51.

Toman, W. (1993). *Family constellation: its effects on personality and social behavior*.

New York: Springer Publishing Company.

Welfare, A. (2008). How qualitative research can inform clinical interventions in

families recovering from sibling sexual abuse. *ANZ Journal of Family Therapy*

29(5), 139-147.

Wiehe, V. R. (1997). *Sibling abuse: hidden physical, emotional and sexual trauma* (2nd

ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

4. Rivalidade ou violência? A percepção de estudantes universitários vítimas de violência por parte de irmãos²⁴

Resumo

Este estudo pretende avaliar a percepção das vítimas relativamente a comportamentos de cariz físico, sexual e psicológico, perpetrados por irmãos. Faz parte de uma investigação mais vasta na qual foram avaliados os diferentes tipos de violência e a sua frequência no início da adolescência. Neste estudo, os participantes classificaram os abusos sofridos com recurso ao *Self-Labeling of Personally Experienced Violence*. Os resultados indicam que os jovens que sofreram *todos* os tipos de vitimizações (físicas, psicológicas e sexuais) atribuíram os incidentes à “rivalidade entre irmãos”, de modo significativo, quando comparados com os jovens que só sofreram *um* ou *dois* tipos de vitimização (psicológicas, físicas, psicológicas+físicas ou psicológicas+sexuais). Os resultados são discutidos segundo perspectivas de ‘normalização de agressões’, as quais explicam a manutenção de comportamentos abusivos contra irmãos.

Palavras-chave: rivalidade; violência; irmãos; percepção

Abstract

This study aimed to evaluate the perception of victims of sibling violence (physical, sexual and psychological). It is part of a larger investigation, which evaluated the different types of violence and its frequency in early adolescence. In this study specifically, the participants classified the mistreatments they suffered on the *Self-Labeling of Personally Experienced Violence*. In the explanation of the occurrences, youngsters enduring all types of sibling victimization (physical, psychological and sexual) attributed “sibling rivalry” significantly more importance than their colleagues that where only victims of one or two violence type(s) (physical, psychological, or psychological+physical+ or psychological+sexual). The results are discussed according to ‘normalization of aggression’ perspectives, which help to understand the maintenance of abusive behaviours towards siblings.

Keywords: rivalry; violence; siblings; perception

²⁴ Submetido para publicação.

Foi só nos finais da década de 70 que surgiram os primeiros estudos sistemáticos que tentam caracterizar e compreender o fenómeno da violência entre irmãos. Desses destacam-se: a *National Family Violence Survey* (Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980) e a única sondagem que avaliou, retrospectivamente, as interações sexuais entre irmãos (Finkelhor, 1980).

Diversos estudos confirmaram frequências elevadas de comportamentos violentos entre irmãos, particularmente durante a infância (Graham-Bermann, Cutler, Litzenberger, & Schwartz, 1994; Hardy, 2001; Hardy, Beers, Burgess, & Taylor, 2010; Straus et al., 1980), e, apesar de parecerem decrescer com a entrada na adolescência (Noland, Liller, McDermott, Coutler, & Seraphine, 2004), a gravidade das vitimizações parece ser independente da idade (Finkelhor, Turner, & Ormond, 2006) e estes comportamentos abusivos parecem iniciar-se desde muito cedo. Turner, Finkelhor, Ormrod e Hamby (2010) reuniram dados de 503 crianças com idades até aos 2 anos, a partir dos seus cuidadores, e verificaram uma taxa anual de vitimização de 15,4% às mãos de irmãos mais velhos ou de idades aproximadas.

Embora escassos, os dados disponíveis relativos à violência extrema entre irmãos são preocupantes. Num estudo junto de crianças ($n= 323$) provenientes de contextos clínicos e não-clínicos verificou-se uma taxa de vitimização por parte dos irmãos de aproximadamente 80% (Kolko, Kazdin, & Day, 1996). Nos anos mais recentes, também Kettrey e Emery (2006) reportaram percentagens superiores a 70% de vitimização grave perpetrada por irmãos. Na sociedade norte-americana, estes dados podem contribuir para explicar as incidências anuais, entre 7,6% (Underwood & Patch, 1999) e 10% (Dawson & Langan, 1994), de homicídios ocorridos em contexto familiar que são perpetrados por irmãos da vítima.

No que concerne às interações sexuais entre irmãos, a única sondagem comunitária de que temos conhecimento e que avaliou este problema, numa amostra de 796 estudantes universitários, revelou que 15% das raparigas e 10% dos rapazes haviam interagido sexualmente com irmãos e que, destes, 25% tinham sido coagidos a tal (Finkelhor, 1980). Já Wiehe (1997) recrutou 150 adultos através de anúncios e obteve uma frequência de 67% de vítimas de abuso sexual perpetrado por irmãos, predominantemente durante a infância. Claramente, os aspetos metodológicos de amostragem e recolha de dados justificam a variabilidade destas taxas. Anos mais tarde, Caffaro e Conn-Caffaro (1998) estudaram 73 adultos vitimizados por irmãos e verificaram que 39% dos participantes tinham sofrido abusos sexuais recorrentemente. Se considerado a partir de processos judiciais de vitimização sexual, o número de crianças que são forçadas por um irmão a ter relações sexuais oscila entre os 3% (Alpert, 1997) e os 13% (Finkelhor, 1980), frequências compreensivelmente baixas devido à relutância de pais e vítimas em oficializar uma denúncia.

Contudo, e apesar da elevada prevalência da violência entre os irmãos, os discursos em torno desta forma de violência (que pode assumir diferentes tipos: física, psicológica e/ou sexual) têm sido ignorados por grande parte da comunidade científica, mas também pela comunidade em geral (Phillips, Phillips, Grupp, & Trigg, 2009). Continua a presumir-se que quando as crianças ou adolescentes batem nos pares ou irmãos não é tão sério como quando os mesmos atos são perpetrados por adultos (Finkelhor et al., 2006), apesar de diversos estudos sugerirem que a violência entre irmãos é a forma mais prevalente de violência na família (ex., Eriksen & Jensen,

2009; Wiehe, 1997) e que pode, até, ter consequências fatais (Kiselica & Morrill-Richards, 2007).

São vários os constrangimentos ao estudo sistemático deste fenómeno. Primeiro, as crenças de que a violência entre irmãos constitui uma experiência normativa do desenvolvimento ou uma oportunidade de aprendizagem de resolução de conflitos (Finkelhor et al., 2006) têm ainda grande aceitação cultural e perpetuam a “reinterpretação” do comportamento violento entre irmãos como mera manifestação de rivalidade (Kettrey & Emery, 2006). Pais, educadores, agentes sociais, mas também, surpreendentemente, as próprias vítimas (Hardy, 2001), adequam as suas atribuições minimizando o impacto dessas experiências (Hardy et al., 2010). Consequentemente, é rara a criminalização da violência quando esta ocorre entre irmãos (Kiselica & Morrill-Richards, 2007; Krienert & Walsh, 2011a).

Desta forma, os episódios de violência entre irmãos são subdeclarados, o que dificulta a obtenção de uma casuística populacional. Este facto acarreta várias consequências perversas. Por um lado, resulta num número limitado de estudos que examinam o fenómeno na comunidade, tornando quase impraticável o estudo da incidência do fenómeno (Finkelhor et al., 2006; Krienert & Walsh, 2011a). Consequentemente, pela não deteção de casos, perde-se a oportunidade de intervenção direta com essas crianças (vítimas e perpetradores, e, eventualmente, testemunhas desses atos violentos) e, também, indireta, noutros tipos de violência perpetrados pelos abusadores (ex., *bullying* aos colegas). Por outro lado, a escassez de estudos sistemáticos contribui para o não reconhecimento social do problema (Eriksen & Jensen, 2009).

Finalmente, algumas limitações metodológicas enfraquecem os estudos disponíveis sobre a violência entre irmãos. Questões de poder amostral decorrentes de amostras clínicas pequenas e da ausência de grupos de comparação (ex., Smith & Israel, 1987), défices na representatividade amostral das várias faixas etárias (ex., Daie, Witztum, & Eleff, 1989), métodos de recolha de dados suscetíveis de viés (ex., sondagens telefónicas tomando exclusivamente os pais das crianças como informantes; Finkelhor et al., 2006), entre outras, estarão seguramente implicadas na discrepância das frequências anteriormente referidas. Se a estas se juntarem questões conceptuais de base, como o uso de definições inconsistentes das várias formas de violência entre irmãos (Krienert & Walsh, 2011a; Krienert & Walsh, 2011b), compreende-se que este fenómeno tenha “contornos ambíguos”, que seja difícil o controlo estatístico dos vários fatores causais envolvidos (Stock, 1993) e que, com algumas exceções (ex., Hardy, 2001; Krienert & Walsh, 2011a; Krienert & Walsh, 2011b), ocorra um hiato na literatura quanto à caracterização de vítimas, perpetradores e incidentes de violência. Alguns autores (ex., Eriksen & Jensen, 2009; Kettrey & Emery, 2006) têm levantado esta questão da ambiguidade conceitual que rodeia a investigação no âmbito da violência entre irmãos. A revisão da literatura permite confirmar que termos como abuso, violência, agressão, conflito, rivalidade e *bullying* têm sido utilizados, de forma pouco diferenciada, para se referirem aos mesmos comportamentos (Relva, Fernandes, & Alarcão, no prelo).

Num estudo anterior (Relva, Fernandes, Alarcão, & Martins, no prelo) verificou-se que a frequência da violência entre os irmãos, numa amostra comunitária de estudantes universitários portugueses, é muito elevada no início da adolescência. Os participantes admitiram ter *perpetrado* atos de violência psicológica, física e sexual

(88.4%, 69.2% e 6.3% respetivamente) para com os irmãos, durante o período de referência considerado (13 anos de idade). Para o mesmo período, as taxas de *vitimização* psicológica, física e sexual por irmãos foram, respetivamente, 87.2%, 69.2% e 7.5%. Para ambas as formas de violência (física e psicológica) os resultados aproximam-se dos valores indicados por diversos estudos internacionais (ex., Graham-Bermann et al., 1994), sugerindo que se trata de um fenómeno transcultural (Relva et al., no prelo). No que concerne à violência sexual, as percentagens do abuso sexual reportadas foram semelhantes às verificadas noutros estudos (Finkelhor, 1980; Hardy, 2001).

Deste modo, o presente estudo, partindo das frequências de vitimização acima referidas, pretende avaliar a perceção das vítimas quanto aos comportamentos de natureza psicológica, física e/ou sexual de que foram alvo.

Método

Participantes

588 estudantes universitários (219 do sexo masculino), com idade média de 20 anos (± 4), todos com irmãos, consentiram em participar no estudo. Cerca de 65% da amostra possuía apenas um irmão, 24% tinha dois, 7% três, e os restantes 4% tinham quatro ou mais. Foi solicitado aos participantes que indicassem o sexo do irmão com quem experimentaram mais conflitos durante o período de referência etária – 13 anos. De igual modo, solicitou-se que indicassem a idade que o irmão tinha nesse período. Com base nestas informações, determinou-se a composição das díades fraternas e a posição do participante na fratria. As principais variáveis sociodemográficas estão descritas na tabela 3.1.

Tabela 3.1
Características Sociodemográficas dos Participantes

<i>Variável</i>		<i>n (%)</i>
Sexo	Masculino	219 (37.2%)
	Feminino	369 (62.8%)
Idade, média (DP)		20.3 (4.4)
Número de irmãos	Um	383 (65.1%)
	Dois	139 (23.6%)
	Três	43 (7.3%)
	Quatro ou mais	23 (4.0%)
Posição na fratria	Mais velho que o irmão	285 (48.5%)
	Mais novo que o irmão	293 (49.8%)
	Gêmeos	10 (1.7%)
Diferença de idade entre irmãos, média (DP)		5.5 (3.2)
Tipo de díade fraterna	Ambos rapazes	95 (16.2%)
	Ambas raparigas	147 (25.0%)
	Mista	346 (58.8%)
Estado civil dos pais*	Casados / em união	515 (87.6%)
	Divorciados / separados	45 (7.7%)
Escolaridade do pai*	Sem escolaridade	2 (0.3%)
	Primeiro ciclo	210 (35.7%)
	Segundo ciclo	102 (17.3%)
	Terceiro ciclo	81 (13.8%)
	Ensino secundário	76 (12.9%)
	Ensino superior	55 (9.4%)
Escolaridade da mãe*	Sem escolaridade	4 (0.7%)
	Primeiro ciclo	169 (28.7%)
	Segundo ciclo	100 (17.0%)
	Terceiro ciclo	101 (17.2%)
	Ensino secundário	90 (15.3%)
	Ensino superior	70 (11.9%)

Nota. * Esta variável denota não-respostas; DP = Desvio-padrão. *N* = 588.

Instrumentos

As *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (CTS2-SP)*; Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996) foram utilizadas para estimar a frequência dos vários tipos de violência entre irmãos. Trata-se de um conjunto de cinco escalas, com um total de 78 itens, já aferidas para a população portuguesa (Relva, Fernandes, & Costa, no prelo), que permite avaliar as táticas de conflito preferencialmente utilizadas no relacionamento entre irmãos. As cinco escalas são: *negociação* (6 itens), *agressão psicológica* (8 itens), *agressão física sem sequelas* (12 itens), *coerção sexual* (7 itens) e *agressão física com sequelas* (6 itens). Cada item é representado por duas questões, a primeira referindo um comportamento emitido pelo sujeito em relação ao irmão/irmã (perpetração), e a segunda referindo o mesmo comportamento em sentido inverso, do irmão/irmã em relação ao sujeito (vitimização). Para este estudo foram apenas utilizadas as questões relativas à vitimização.

O *Questionário Sociobiográfico (QSB)* é um questionário de informação sociodemográfica, adaptado do *Social Environment Questionnaire* (Toman, 1993), que pesquisa as características do *sujeito* (ex., idade, sexo, nacionalidade, doenças, hospitalizações), da sua *família* (ex., com quem vive, ocupação, escolaridade e situação conjugal dos pais, condições habitacionais), e do seu *subsistema fraternal* (ex., número de irmãos, posição na fratria, sexo, ocupação, doenças).

O *Self-Labeling of Personally Experienced Violence (SLPEV)*; Kettrey & Emery, 2006) é um questionário de 8 itens desenvolvido a partir do original de Hamby e Gray-Little (2000), que avalia a percepção das vítimas de violência doméstica face ao caráter abusivo dos comportamentos de que foram alvo. Na versão de Kettrey e Emery (2006) é pedido ao sujeito que classifique, numa escala de 1 (“Definitivamente não”) a 10

(“Definitivamente sim”), até que ponto os desentendimentos ocorridos com o irmão/irmã podem ser considerados “conflito”, “rivalidade”, “agressão”, “violência” e “abuso”. O estudo original indicou um valor de alfa de Cronbach de .65 para a escala total (Kettrey & Emery, 2006); no presente estudo, a fiabilidade da escala total traduziu-se num alfa de .73, sugerindo uma boa consistência interna (Nunnally & Bernstein, 1994).

Procedimentos

Após obtenção de autorizações institucionais, os questionários, anónimos, foram autoadministrados em turmas de diferentes universidades portuguesas. O seu preenchimento foi voluntário e sem incentivos. O horário de administração foi previamente acordado com os responsáveis das turmas, normalmente antes ou depois das aulas. A primeira autora explicitou os objetivos do estudo em cada turma e realizou o *briefing* dos participantes após a recolha dos instrumentos. Para evitar homogeneidade amostral, os participantes foram recrutados em cursos de diferentes áreas de conhecimento.

Procedimentos de análise e de redução de dados

Os participantes vitimizados foram classificados consoante o tipo de violência sofrida e foram estudadas as suas respostas aos itens “conflito”, “rivalidade”, “agressão”, “violência” e “abuso” através da prova de Kruskal-Wallis. A análise de efeitos significativos realizou-se através da prova U de Mann-Whitney com ajustamento de Bonferroni para o número de comparações. Em todas as análises foi

considerado um nível de significância estatística de 5%. No tratamento estatístico foi utilizado o *Statistical Package for the Social Sciences* (versão 18).

Resultados

Percepção das vítimas quanto ao caráter abusivo dos comportamentos

Os participantes vitimizados ($N = 522$; 88.8% da amostra total) foram classificados a partir das CTS2-SP consoante o(s) tipo(s) de violência sofrida (P= violência psicológica; F= violência física; P+F= violência psicológica e física; P+S= violência psicológica e sexual; P+F+S= violência psicológica, física e sexual) o que resultou em grupos com frequências desiguais. Em função do(s) tipo(s) de violência sofrida foram analisadas as respostas dos participantes aos itens “conflito”, “rivalidade”, “agressão”, “violência” e “abuso”. Dos resultados há a destacar o grupo que sofreu *todas* as formas de vitimização (P+F+S) que atribuiu significativamente mais importância à “rivalidade” para explicar os incidentes ocorridos com os irmãos. A Tabela 3.2 descreve as medianas e amplitudes das pontuações dos grupos de vítimas nos diferentes itens do *SLPEV*.

Tabela 3.2

Medianas e Amplitudes das Pontuações dos Grupos de Vítimas nos Itens do SLPEV

Itens	Grupo 1 (P) $n = 92$	Grupo 2 (F) $n = 8$	Grupo 3 (P+F) $n = 335$	Grupo 4 (P+S) $n = 3$	Grupo 5 (P+F+S) $n = 35$
Conflito	2 (1-10)	2 (1-8)	3 (1-10)	7 (1-8)	5 (1-10)
Rivalidade	1 (1-10)	1.5 (1-6)	1 (1-10)	1 (1-8)	2.5 (1-10)
Agressão	1 (1-10)	1 (1-2)	1 (1-10)	1 (1-10)	1 (1-10)
Violência	1 (1-10)	1 (1-2)	1 (1-10)	1 (1-10)	1 (1-10)
Abuso	1 (1-10)	1 (1-1)	1 (1-10)	1 (1-10)	1 (1-10)

Nota. As estatísticas apresentadas são medianas (mínimo-máximo). As escalas denotaram 49 não-respondentes; P = Violência Psicológica; F = Violência Física; P+F = Violência Psicológica e Física; P+S = Violência Psicológica e Sexual; P+F+S = Violência Psicológica, Física e Sexual. $N = 522$.

O desvio à normalidade das distribuições dos itens do *SLPEV* e as frequências dos grupos justificaram o uso da prova de Kruskal-Wallis nas suas pontuações estandardizadas (escores Z). A Figura 1 resume a distribuição das pontuações estandardizadas dos participantes para cada item (“conflito”, “rivalidade”, “agressão”, “violência” e “abuso”), considerando o tipo de vitimização sofrida.

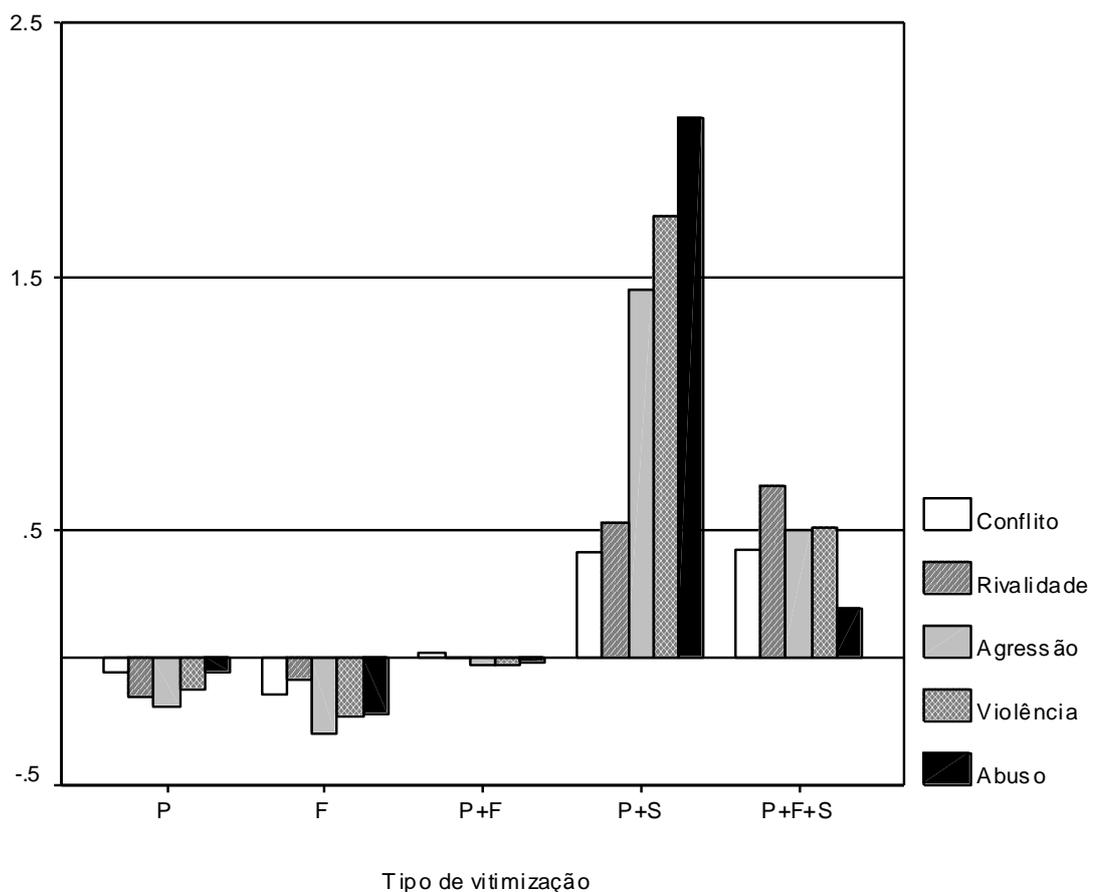


Figura 1

Pontuações estandardizadas das dimensões da *SLPEV* consoante o tipo de vitimização sofrido pelos participantes ($N = 522$).

Nota. As escalas da *SLPEV* denotaram perda de dados (49 não-respondentes); P = Violência Psicológica ($N = 92$); F = Violência Física ($N = 8$); P+F = Violência Psicológica e Física ($N = 335$); P+S = Violência Psicológica e Sexual ($N = 3$); P+F+S = Violência Psicológica, Física e Sexual ($N = 35$).

Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos na avaliação do caráter de “conflito” [$\chi^2(4, 473) = 7.66, p = .11$] e de “abuso” [$\chi^2(4, 473) = 6.12, p = .19$] dos comportamentos do irmão, sugerindo que a avaliação destas dimensões é relativamente independente do tipo de vitimização sofrida. Quanto à “rivalidade”, a prova de Kruskal-Wallis sinalizou uma diferença estatisticamente significativa entre as medianas dos grupos, $\chi^2(4, 473) = 14.54, p < .01$. Indagou-se este efeito comparando os vários pares de grupos através da prova de U de Mann-Whitney. Para controlar erros do tipo I nas dez comparações a efetuar, o nível de significância adotado passou a ser de $p < .005$. O grupo de vitimização psicológica, física e sexual (grupo P+F+S) atribuiu significativamente mais importância (*rank* médio = 79.90) à rivalidade na explicação dos comportamentos abusivos do que o grupo de vitimização psicológica (grupo P; *rank* médio = 56.69), $U = 972.50, Z = -3.71, p < .001, r = 0.33$, o mesmo acontecendo (*rank* médio = 231.81) em relação ao grupo de vitimização psicológica e física (grupo P+F; *rank* médio = 179.68), $U = 4069.50, Z = -3.09, p < .005, r = 0.16$. Relativamente à dimensão de “agressão”, foram também detetadas diferenças significativas entre os grupos, $\chi^2(4, 473) = 18.81, p < .01$. O seu seguimento pelo U de Mann-Whitney indicou novamente que o grupo P+F+S (*rank* médio = 79.86) se distinguia significativamente do grupo P (*rank* médio = 57.97), $U = 1055.0, Z = -4.25, p < .001, r = 0.38$, e era igualmente distinto (*rank* médio = 225.0) do grupo P+F (*rank* médio = 181.37), $U = 4480.0, Z = -3.02, p < .005, r = 0.16$, pelo maior reconhecimento do caráter agressivo do comportamento do irmão abusador. Finalmente, apesar dos grupos não terem diferido significativamente na avaliação do item “violência”, $\chi^2(4, 473) = 8.44, p = .08$, a tendência da prova de Kruskal-Wallis para a significância estatística poderá resultar de uma maior valorização desta dimensão pelo grupo P+F+S (*rank* médio = 72.89) quando

comparado com o grupo P (*rank* médio = 60.62), $U = 1299.0$, $Z = -2.705$, $p = .007$, $r = 0.24$.

Discussão

A violência entre irmãos é, provavelmente, a forma de violência mais comum nas famílias (ex., Straus et al., 1980) e, paradoxalmente, a mais ignorada. O presente estudo avaliou a percepção das vítimas quanto à violência reportada entre irmãos, pela administração do *Self-Labeling of Personally Experienced Violence* a estudantes universitários. Os resultados sugerem que alguma “dissonância cognitiva” (Hardy et al., 2010) contribui para a manutenção do fenômeno da violência entre irmãos.

A percepção dos participantes quanto ao caráter das vitimizações sofridas é globalmente consistente com os resultados obtidos por Kettrey e Emery (2006) e por Hardy e colaboradores (2010). Por um lado, as dimensões de “conflito”, “abuso” e “violência” foram valorizadas de modo semelhante entre os participantes vitimizados, independentemente das formas de violência implicadas. Por outro lado, o grupo que sofreu *todas* as formas de vitimização (P+F+S) reconheceu significativamente melhor o caráter agressivo dos incidentes, mas, paradoxalmente, atribuiu significativamente mais importância à “rivalidade” entre irmãos para a sua explicação. Estes resultados corroboram as premissas das teorias de normalização da violência (Hoffman, Kiecolt, & Edwards, 2005), que preveem o uso frequente da força física como forma culturalmente aceite de resolução de problemas. De facto, a violência entre irmãos é comumente aceite como uma experiência benigna e normativa da infância, e como uma oportunidade de serem desenvolvidas competências sociais (Finkelhor et al., 2006). Para tal crença social contribuem também as práticas educativas parentais que,

ao tolerarem as interações agressivas ou sexuais entre irmãos, perpetuam nas vítimas a mensagem de que “o comportamento não é realmente abusivo” (Wiehe, 2002). Desse modo, pelo caráter dos abusos ser socialmente validado como “inócuo” e os ofensores desresponsabilizados aos olhos dos pais e agentes educativos, resta aos irmãos violentados “reinterpretarem” a realidade e a frequência dos abusos, respondendo assim às expectativas que as normas sociais lhes incutem (Kettrey & Emery, 2006). Ao referirem-se aos incidentes como “rivalidade”, os participantes mais vitimizados passam a considerá-los como normativos (Fernandes, 2002). No entender de Hardy e colaboradores (2010), através desta normalização das experiências de vitimização, as vítimas permitem-se reduzir a dissonância cognitiva que duas atitudes de valências opostas lhes provocam: simultaneamente acreditar que os irmãos se amam e sofrer/temer ser violentado por eles. Consequentemente, não só os vários tipos de abuso deixam de ser considerados como “violência”, como as próprias vítimas passam a ter dificuldade em reconhecer-se como tal, perdurando o estereótipo de que a violência entre irmãos é simplesmente uma forma “pueril” de agressão (Finkelhor et al., 2006). Estudos futuros e programas de prevenção/intervenção que sejam delineados devem ter em conta esta discrepância que dificulta a avaliação do impacto da violência entre irmãos e contribui para o desconhecimento do fenómeno (Straus, 2007).

Finalmente, algumas limitações do presente estudo devem ser tidas em consideração. Por se tratar de um estudo transversal retrospectivo impede, desde logo, extrapolações de causalidade e pode introduzir um viés que não deve ser ignorado, uma vez que se solicita um recuo temporal relativamente importante. O recrutamento de uma amostra unicamente universitária, dada a sua homogeneidade, não permite

também a generalização de resultados. O facto de os participantes serem instruídos a classificar as suas respostas de acordo com os cinco termos (isto é, “conflito”, “rivalidade”, “agressão”, “violência” e “abuso”) condiciona naturalmente as suas respostas (Kettrey & Emery, 2006), pelo que futuros estudos deverão ter este aspeto em consideração. A título de exemplo, os participantes podem ser convidados a rotularem as experiências que têm com os seus irmãos (Kettrey & Emery, 2006), sem lhes ser dado qualquer instrução. Uma outra limitação prende-se com a deseabilidade social. Os participantes podem ter respondido de acordo com o que é desejável socialmente, considerando os comportamentos como “rivalidade” (Hardy et al., 2010) e não de acordo com o que efetivamente aconteceu. Nesse sentido, em posteriores trabalhos, recomenda-se o estudo e controlo da deseabilidade social que possa estar associada às respostas dadas.

Conclusão

Em suma, este estudo alerta para a elevada prevalência de violência entre irmãos, numa grande amostra comunitária portuguesa. Particularmente, é crucial que se considere o facto das próprias vítimas atribuírem os abusos à “rivalidade fraterna”, contribuindo assim, para o desconhecimento dos limites da violência entre irmãos e, indiretamente, na família. Deste modo, parece-nos que seria importante o desenvolvimento de campanhas de sensibilização sobre o fenómeno, à semelhança do que tem sido feito com outras formas de violência doméstica (conjugal e parental), com o intuito de alertar para a sua elevada ocorrência. Deste modo, os profissionais estariam mais predispostos para detetar/sinalizar eventuais situações de risco. Uma outra implicação prende-se com o facto de a rivalidade ser utilizada para explicar

comportamentos abusivos entre os irmãos, pelo que esta justificação poderá ser um sintoma de alerta para profissionais (de diversas áreas) sempre que surja nas narrativas de adultos ou crianças/jovens. Será igualmente útil alargar a avaliação da perceção de violência aos outros subsistemas familiares (ex., conjugal, parental), de forma a percebermos se a dissonância cognitiva é específica do relacionamento entre os irmãos ou se também acontece nesses subsistemas. Finalmente, investigações futuras devem privilegiar estudos longitudinais que abranjam diferentes faixas etárias e comparem diferentes amostras (i.e., clínicas *versus* comunitárias) de modo a compreender a forma como as fratrias evoluem. Este fenómeno carece igualmente de estudos qualitativos, sobretudo centrados na análise dos significados atribuídos aos diversos conceitos utilizados na explicação do fenómeno: rivalidade, conflito, agressão, violência ou abuso.

Referências

- Alpert, J. L. (1997). Sibling child sexual abuse research review and clinical implications. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 1*(1), 263-275. doi:10.1300/J146v01n01_14
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: Assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: Haworth Press.
- Daie, N., Witztum, E., & Eleff, M. (1989). Long-term effects of sibling incest. *Journal of Clinical Psychiatry, 50*, 428-31.
- Dawson, J. M., & Langan, P. A. (1994). *Murder in families*. Washington DC: Bureau of Justice Statistics.
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2009). A push or a punch: Distinguishing the severity of sibling violence. *Journal of Interpersonal Violence, 24*, 183-208. doi:10.1177/0886260508316298
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Finkelhor, D. (1980). Sex among siblings: A survey of prevalence, variety, and effects. *Archives of Sexual Behavior, 9*, 171-194. doi:10.1007/BF01542244
- Finkelhor, D., Turner, H., & Ormond, R. (2006). Kid's stuff: The nature and impact of peer and sibling violence on younger and older children. *Child Abuse & Neglect, 30*, 1401-1421. doi:10.1016/j.chiabu.2006.06.006
- Graham-Bermann, S., Cutler, S., Litzenberger, B., & Schwartz, W. (1994). Perceived conflict and violence in childhood sibling relationships and later emotional

- adjustment. *Journal of Family Psychology*, 8, 85-97. doi:10.1037/0893-3200.8.2.224
- Hamby, S. L., & Grey-Little, B. (2000). Labeling partner violence: When do victims differentiate among acts? *Violence & Victims*, 15(2), 173-186.
- Hardy, M. S. (2001). Physical aggression and sexual behavior among siblings: A retrospective study. *Journal of Family Violence*, 3, 255-268. doi:10.1023/A:1011186215874
- Hardy, M. S., Beers, B., Burgess, C., & Taylor, A. (2010). Personal experience and perceived acceptability of sibling aggression. *Journal of Family Violence*, 25, 67-71. doi:10.1007/s10896-009-9270-3
- Hoffman, K. I., Kiecolt, K. J., & Edwards, J. N. (2005). Physical violence between siblings: A theoretical and empirical analysis. *Journal of Family Issues*, 26(8), 1103-1130. doi:10.1177/0192513X05277809
- Kettrey, H., & Emery, E. (2006). The discourse of sibling abuse. *Journal of Family Violence*, 21, 407-416. doi:10.1007/s10896-006-9036-0
- Kiselica, M., & Morrill-Richards, M. (2007). Sibling maltreatment: The forgotten abuse. *Journal of Counseling & Development*, 85(2), 148-160. doi:10.1002/j.1556-6678.2007.tb00457.x
- Kolko, D. J., Kadzin, A. E., & Day, B. T. (1996). Children's perspectives in the assessment of family violence: Psychometric characteristics and comparison to parent's reports. *Child Maltreatment*, 1, 156-167. doi: 10.1177/1077559596001002007
- Krienert, J. L., & Walsh, J. A. (2011a). My brother's keeper: A contemporary examination of reported sibling violence using national level data, 2000-2005. *Journal of Family Violence*, 26, 331-342. doi:10.1007/s10896-011-9367-3

- Krienert, J. L., & Walsh, J. A. (2011b). Sibling sexual abuse: An empirical analysis of offender, victim, and event characteristics in National Incident-Based Reporting System (NIBRS) data, 2000-2007. *Journal of Child Sexual Abuse, 20*(4), 353-72. doi:10.1080/10538712.2011.588190
- Noland, V. J., Liller, K. D., McDermott, R. J., Coutler, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal of Health Behavior, 28*, 13-23.
- Nunnally, J., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Phillips, D., Phillips, K. H., Grupp, K., & Trigg, L. (2009). Sibling violence silenced: Rivalry, competition, wrestling, playing, roughhousing, benign. *Advances in Nursing Science, 32*(2), 1-16.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (no prelo). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Interamerican Journal of Psychology*.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins, A. (no prelo). Estudo exploratório da violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Costa, R. A. (no prelo). Psychometric properties of Revised Conflict Tactics scales: Portuguese sibling version (CTS2-SP). *Journal of Family Violence*.
- Smith, H., & Israel, E. (1987). Sibling incest: A study of the dynamics of 25 cases. *Child Abuse & Neglect, 11*, 101-108. doi:10.1016/0145-2134(87)90038-X
- Stock, L. (1993). Sibling abuse: It's much more serious than child's play. *Children's Legal Rights Journal, 14*, 19-21.

- Straus, M. A. (2007). Conflict Tactics Scales. In N. A. Jackson (Ed.), *Encyclopedia of domestic violence* (pp. 190-197). New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind closed doors. Violence in the american family*. Garden City: Anchor Books.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues, 17*, 283-316. doi:10.1177/019251396017003001
- Toman, W. (1993). *Family constellation: Its effects on personality and social behavior*. New York: Springer Publishing.
- Turner, H. A., Finkelhor, D., Ormrod, R., & Hamby, S. L. (2010). Infant victimization in a nationally representative sample. *Pediatrics, 126*(1), 44-52. doi:10.1542/peds.2009-2526
- Underwood, R. C., & Patch, P. C. (1999). Siblicide: A descriptive analysis of sibling homicide. *Homicide Studies, 3*(4), 333-348. doi:10.1177/1088767999003004005
- Wiehe, V. R. (1997). *Sibling abuse: Hidden physical, emotional and sexual trauma* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Wiehe, V. R. (2002). *What parents need to know about sibling abuse*. Utah: Bonneville Books.

5. An exploration of sibling violence predictors²⁵

Abstract

Purpose – Sibling violence is generally considered to be the most prevalent form of family violence. This paper aims to examine the association between sibling violence and other forms of violence: parent-to-parent violence, parent-to-child violence and dating violence.

Design/methodology/approach – Data were collected from 590 Portuguese university students.

Findings – There was a strong positive association between sibling violence and other forms of family violence. Psychological and physical aggression is highly prevalent among siblings. Results also show that sibling violence is the most prevalent form of family violence. Regression models demonstrated that parent-to-child violence is a substantial predictor of sibling violence.

Originality/value – The results of this study point to the importance of studying the co-occurrence of different forms of family violence.

Keywords Sibling violence, Parent-to-parent violence, Parent-to-child violence, Dating violence, Family life, Problem families, Portugal

Resumo

Objetivo - A violência entre os irmãos é considerada a forma de violência mais prevalente na família embora continue subestimada. Este artigo procurou examinar a associação entre a violência entre irmãos e outras formas de violência: violência intraparental; violência pais-filhos; e violência no namoro.

Método – Os dados foram recolhidos numa amostra de 590 estudantes universitários portugueses.

Resultados – Verificou-se uma forte associação entre a violência entre os irmãos e outras formas de violência na família. A violência psicológica e a violência física são altamente prevalentes entre os irmãos. Os resultados também evidenciam que a violência entre os irmãos é a forma de violência mais prevalente na família

Originalidade/ valor Os resultados evidenciam a importância do estudo da coocorrência de diferentes formas de violência na família. As regressões lineares demonstraram que a violência pais-filhos é um preditor substancial da violência entre irmãos.

Palavras-chave Violência entre irmãos, violência intra-parental, violência pais-filhos, violência no namoro, vida familiar, famílias problemáticas, Portugal

²⁵ Este artigo já se encontra publicado. Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Mota, C. P. (2013). An exploration of sibling violence predictors. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 5(1)47-61. doi 10.1108/17596591311290740

Introduction

Human history is replete with violence, exercised either individually or collectively, and it remains a constant in our days. However, it seems that the way it is perceived has changed: the violence between humans no longer is seen as a normal aspect of their condition and is now considered a disease that can threaten our existence (Rapoport, 1997) and constitutes a serious social problem. Today, issues involving family violence, namely spouse abuse, child abuse and elderly abuse are researched in an attempt to better understand why it happens. Indeed, the study of different forms of family violence permits a better understanding of how to assess, prevent and intervene (Tolan, Gorman-Smith, and Henry, 2006). Nevertheless, sibling violence remains underreported.

Research concerning this problem suggests that sibling violence is highly prevalent and is thought to be the most common form of family violence (e.g. Finkelhor, Turner, and Ormond, 2006; Herzberger, 1996; Straus, Gelles, and Steinmetz, 1980). Since Straus *et al.* (1980) have alerted to this problem, several studies have been conducted on sibling violence, and it still remains underestimated. Roscoe, Goodwin, and Kennedy (1987) found that 88% of the males and 94% of the females reported to be victims of sibling violence in the previous year. In a more recent study, Hardy (2001) suggested that aggressive and sexual contact among siblings is frequent. Almost half of the sample in this study was physically assaulted by a sibling and 7.4% reported some sexual behavior with a sibling. Graham-Bermann, Cutler, Litzenberger, and Schwartz (1994) found a high level of conflict and violence among siblings in a large sample of college-aged participants (N=1685). Kolko, Kazdin, and Day (1996) found that 79% of the children aged between 6 and 13 years old, reported being

assaulted by siblings. Recently Kettrey and Emery (2006) found that 83% in a sample of 200 college students perpetrated or were victims of mild or severe physical violence by siblings in their sibling relationships. Mackey, Fromuth, and Kelly (2010) also show that sibling violence is highly prevalent.

Sibling violence is often seen as a normal process of rivalry and thus it is difficult to acknowledge. According to Finkelhor *et al.* (2006), this is stereotyped in the society as a less serious form of aggression. Indeed, most victims do not recognize these behaviors as a form of violence (Kettrey and Emery, 2006). But how can sibling violence be recognized? Many factors, such as the severity and intent of an act, as well as the emotional impact must be taken into account to determine whether a sibling interaction is abusive (Kiselica and Morrill-Richards, 2007).

As in other relationships, sibling violence may include physical aggression (e.g. hitting, biting, slapping, shoving, tickling), psychological abuse (e.g. teasing, ridiculing, insulting) and sexual abuse or incest (e.g. attempted penetration, intercourse, rape). Physical aggression occurs when a sibling intentionally hurts or kills the other sibling, including also behaviors such as pushing, pulling hair, scratching and pinching, kicking, beating with objects (Wiehe, 1997) or weapons handling (Caffaro and Conn-Caffaro, 1998). Psychological abuse is nonphysical behaviors that intend to psychologically or emotionally harm (e.g. lower self-esteem, raise anxiety), such as name calling, teasing, and threatening injury the person, pets, or property (Caspi, 2012). However, because of the absence of physical evidence psychological abuse is difficult to detect (Wiehe, 2002). No generally accepted definition of sibling incest is available (Carlson, 2011). Moreover, this type of sibling violence has received scant attention in the research and, as such, little is understood about the complexities of sexual interaction among

siblings (Caspi, 2012). Sibling incest has been described as including inappropriate behaviors such as: fondling or sexual contact; indecent exposure; masturbation; oral sex; anal sex; exposure to pornography (Adler and Schutz, 1995; Wiehe, 1997). Cole (1982) distinguishes between coercive abuse and natural curiosity and exploration.

Some studies reports a strong association between sibling violence and other forms of family violence, namely spouse abuse (e.g. Graham-Bermann *et al.*, 1994; Haj-Yahia and Dawud-Noursi, 1998; Straus *et al.*, 1980), parent-child abuse (Caffaro and Conn-Caffaro, 1998; Simonelli, Mullis, Elliot, and Pierce 2002; Straus *et al.*, 1980), and also with dating abuse (Noland, Liller, McDermott, Coutler, and Seraphine, 2004; Simonelli *et al.*, 2002). Linares (2006) found that most siblings experienced multiple (65%) as compared to single (35%) type familial victimization. According to several studies (Gelles, 1997; Hotalling and Sugarman, 1986), witnessed interparental aggression increases the likelihood of dating or marital violence as an adult (intergenerational transmission of violence hypothesis). More recent studies (e.g. Richmond, Elliott, Pierce, Aspelmeier, and Alexander, 2009) argue that exposure to multiple types of childhood victimization is common. This is called “poly-victimization” by some authors (e.g. Finkelhor, Ormrod, and Turner, 2007). According to Finkelhor *et al.* (2007) the concepts of poly-victimization and poly-victim help target and understand a group of children who suffer from particularly high levels of different types of victimization. Other studies have identified other factors that may contribute to the occurrence of sibling violence, namely, the lack of parental supervision (Whipple and Finton, 1995), the lack of stable parental value system (Rosenthal and Doherty, 1984), inappropriate expectations by parents that let an older sibling in charge of a younger one, parents overwhelmed by their own problems (drug, alcohol abuse,

mental and physical illness) (Wiehe, 1997). Boys and girls are at equal risk of being involved in future criminal activities (Graham-Bermann *et al.*, 1994). Although, gender is likely a factor in sibling aggression, findings have been generally inconsistent (Caspi, 2012). Some studies (Dunn and Kendrick, 1982; Eriksen and Jensen, 2009) demonstrate gender differences, boys more than girls engage in violence between siblings. The couple Caffaro (1998) reported that boys are twice more often perpetrators than girls. Gelles and Cornell (1990) also suggest that girls are less violent towards siblings than boys, but the difference is relatively small. Roscoe and colleagues (1987) found few differences between boys and girls regarding the use, or experience of violent behavior. While some have reported that older brother-younger sister pairs represent the most common pair for sibling violence (Button and Gealt, 2010; Graham-Bermann *et al.*, 1994). Hoffman, Kiecolt, and Edwards (2005) have found that boys with brothers committed more types of violence than any other dyad. One explanation for the boys to be perpetrators of most violence was suggested by Leder (1993), stating that society creates gender role expectations which are too hard for boys, so they should be more aggressive and more competitive than girls. Parents also actively encourage physical play and play with toys that can promote more physical activity among boys than girls (Block, 1983). Also According to Hoffman and colleagues (2005), the patterns of violence among male siblings appear to reflect the cultural acceptance of violence among men and to a lesser extent the prohibition of violence against women. Parents being less involved when in the presence of male dyads, compared to other dyads, may also contribute to gender being a risk factor for the occurrence of this form of violence.

Sibling violence has short-term and long-term consequences. Some studies have demonstrated that sibling violence, especially the chronic one, contributes to the development of traumatic symptoms (Finkelhor *et al.*, 2006), depression in child and adult survivors, lowered self-esteem (Wiehe, 1997), anxiety (Graham-Bermann *et al.*, 1994; Mackey *et al.*, 2010), eating disorders, problems with drugs and alcohol (Wiehe, 1998), school violence (Duncan, 1999) aggression and delinquency among boys (Garcia, Saw, Winslow, and Yaggi, 2000). Additionally, sibling assault survivors are at risk for repeating dysfunctional patterns and roles in other relationships (Caffaro and Conn-Caffaro, 1998). Rudd and Herzberger (1999) found that brother-sister sexual abuse was identical to father-daughter sexual abuse, and has the same psychological consequences as depression, drug or alcohol problems, Post Traumatic Stress Disorder symptoms, and sexual promiscuity. Another potential consequence of being abused by a sibling is an increased likelihood of later victimization or perpetration of violence in a dating relationship (Simonelli *et al.*, 2002) and other forms of adult violence (Mangold and Koski, 1990). Also, Whipple and Finton (1995) *draw our attention to the fact that victims of sibling abuse may also have the tendency to repeat the role of the victim in others relationships.*

The Portuguese reality

Portuguese women, children, and the elderly have historically possessed few rights guaranteeing their health and welfare. Only in the last three decades have some changes occurred in the way we see them. Unfortunately, fundamental social and cultural changes may be required before there can be substantial reductions in family

violence. Portugal remains, to a large extent, a patriarchal society in which males are expected to display dominance and control over women (Santos and Mercurio, 2004).

The first study conducted in Portugal about child and partner abuse using a representative survey and the first to address both forms of abuse was carried out recently (Machado, Gonçalves, Matos, and Dias, 2007). According to the authors, the results suggested that physical and emotional abuse of children and/or partners may affect nearly one in four families in the north of Portugal. The prevalence of physical abuse was approximately 12% for both forms of abuse. In 2004, Figueiredo *et al.* examined the self-reported prevalence of childhood physical and sexual abuse in a large sample of Portuguese parents and results show that the prevalence of abuse was 73%. Prevalence rates from both studies are high, however caution must be exercised when comparing data, given the different definitions, time intervals and methods of data collection. Concerning elderly abuse, because it is a relatively new topic very little research regarding rates of abuse against the aging population can be found (Ferreira-Alves and Santos, 2011). Few studies have been carried out on sibling violence (Relva, 2005). Results also suggest high prevalence rates: approximately 92% and 73% of subjects reported being victims of psychological and physical aggression, respectively, by a sibling (Relva, Fernandes, and Costa, in press).

This brief overview of the research published in Portugal illustrates the limited number of studies on family violence, the non-representativeness of the sampling, and the absence of an attempt to correlate different forms of abuse.

Because in Portugal there is systematic data characterizing co-occurrence of different forms of family violence, this study is a pioneer in attempting to do the following: (1) Examine the prevalence of different forms of violence; (2) Analyze

gender differences according to violence forms (perpetration and victimization scales between siblings, parent-to-parent, parent-to-child and dating relationships); (3) Analyze possible predictors of sibling violence; 4) Verify significant differences among several forms of violence (siblings, parents, and parents-child) according to the presence or absence of types of violence (psychological and physical).

Method

Participants

The sample was composed of 590 Portuguese university students who have siblings. The age of participants ranged from 17 to 52 years old ($M=20.3$; $SD=4.5$) and more than half were female (62.6%). Most of the participants were born in Portugal (91.9%), 5.6% were born in other European countries and 2.5% in other countries. More than half of the participants have only one sibling (65.1%), 23.7% have two, 7.3% have three, only 2.7 have four and 1.2% have five or more siblings. More than half of their fathers (67.5%) and mothers (63.6%) have basic schooling and only 10.4% of the fathers and 12% of the mothers of participants have a higher education.

Procedure

After obtaining institutional commitments, anonymous questionnaires were self-administered in classes of different Portuguese universities. Its completion was voluntary and there were no incentives. The administration schedule was agreed upon with the leaders of the groups, usually before or after school. The first author stated the objectives of the study in each group and conducted the debriefing of the participants after collecting the instruments. To avoid sample homogeneity, participants were recruited from courses in different fields of study. The pack of

questionnaires delivered to each group was counterbalanced to control effects of practice / fatigue.

Instruments

The Revised Conflict Tactics Scales CTS2-SP (Sibling Version). The *Conflict Tactics Scales* (CTS) have been used for decades to evaluate violence within families and intimate relationships (Straus, Hamby, and Warren, 2003). The CTS2-SP (Straus, Hamby, Boney-McCoy, and Sugarman, 1996) was used to measure violence among siblings and participants were instructed to answer about the sibling closest in age. Participants were invited to report when they were 13 years old. The CTS2-SP consists of 78 items grouped into five scales: (1) Negotiation (6 items), (2) Psychological Aggression (8 items), (3) Physical Assault (12 items), (4) Sexual Coercion (7 items) and (5) Injury (6 items) but for the purposes of this study we only used the psychological aggression and physical assault scales. Regarding Psychological Aggression we decided to exclude one of the items because for the Portuguese validation of CTS2-SP (Relva *et al.*, in press) in all items, except one, the item-to-total correlations are over .30. The psychometric validation for the Portuguese population was found to be adequate, Cronbach's alpha was performed for the psychological aggression scale with a reliability coefficient of .76 and .75, for perpetration and victimization respectively; and Cronbach's alpha for physical assault was also performed with a reliability coefficient of .80, the same for victimization and perpetration scales. The CTS2-SP questions are presented in relationship pairs (experiences of received and expressed psychological and physical assault). The scale of response reflects the frequency of each behavior over a period of time (0) this has never happened, (1) once a year, (2)

twice a year, (3) 3-5 times a year, (4) 6-10 times a year, (5) 11-20 times a year, (6) more than 20 times a year, (7) not that year, but it happened.

The Revised Conflict Tactics Scales (Parent-to-Child Version). This modified version of the Revised Conflict Tactics Scale (CTS2) was used to examine experiences by adults of childhood maltreatment by parents (subjects have to report for when they were 13 years old). For this study the psychological aggression and physical assault scales were used. For the sample presented, a Cronbach's alpha was performed with a reliability coefficient of .67 for psychological aggression, perpetrated by both parents, and a reliability coefficient of .74 and .76 for physical assault perpetrated by the mother and father respectively. The scale of response reflects the frequency of each behavior over a period of time (0) this has never happened, (1) once a year, (2) twice a year, (3) 3-5 times a year, (4) 6-10 times a year, (5) 11-20 times a year, (6) more than 20 times a year, (7) not that year, but it happened.

The Revised Conflict Tactics Scale (Parent-to-Parent Version). This modified version of Revised Conflict Tactics Scale (CTS2) was used to examine experiences by adults of witnessed violence between parents when they were 13 years old. For this study, psychological aggression and physical assault scales were used. For the presented sample, a Cronbach's alpha was performed with a reliability coefficient of .70 for psychological aggression, perpetrated by the mother, and a reliability coefficient of .79 for the psychological aggression, perpetrated by the father. For the physical assault scale the reliability coefficient was .79 and .92, when perpetrated by the mother and father respectively. The scale of response reflects the frequency of each behavior over a period of time (0) this has never happened, (1) once a year, (2)

twice a year, (3) 3-5 times a year, (4) 6-10 times a year, (5) 11-20 times a year, (6) more than 20 times a year, (7) not that year, but it happened.

The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2). Participants were asked how many times during the past 12 months psychological and physical aggression was used by or against him in their dating relationship. For the sample presented, a Cronbach's alpha was performed with a reliability coefficient of .80 for psychological aggression perpetrated by the subject, and a reliability coefficient of .79 for psychological aggression perpetrated by partner. For the physical assault scale the reliability coefficient was .82 and .83, when perpetrated by the subject and the partner respectively. The scale of response reflects the frequency of each behavior over a period of time (0) this has never happened, (1) once in the past year, (2) twice in the past year, (3) 3-5 times in the past year, (4) 6-10 times in the past year, (5) 11-20 times in the past year, (6) more than 20 times in the past year, (7) not that year, but it happened.

Results

Statistical analyses

Statistical analysis was performed with SPSS – version 16. Frequencies analyses were used to determine the prevalence of psychological and physical aggression in different forms of violence (siblings, parent-to-parent, parent-to-child and dating violence). Descriptive statistics, t-test, multiple hierarchical regression, and univariate variance analyze (ANOVA) were conducted to determine statistically significant relationships.

An independent-sample t-test was conducted to compare the different forms of violence according to gender. Besides, multiple hierarchical regression analysis was developed to explore the relation between dependent variables (sibling and dating violence) and independent or predictor variables (parent-to-parent violence, parent-to-child violence, gender and number of siblings). Additionally univariate variance analyze (ANOVA) was performed in order to understand if factors under study have a statistically significant effect on the occurrence of sibling violence and dating violence.

Descriptive Analyses

Prevalence rates

Data from table 4.1 show that more than 90% and 70% of participants received and perpetrated at least one instance of psychological aggression and physical assault from a sibling, respectively. The most frequently reported acts as a victim and as a perpetrator of sibling violence were insulting, doing something to irritate, yelling and slapping. A high percentage of participants witnessed at least one violent behavior between parents (65.6%). The participants also report that they have witnessed their father being a victim of psychological aggression (61.8%) and physical assault (9.1%) perpetrated by their mother. Reports of the mother being a victim of the same type of violence by the father (61.3% and 13% respectively) were also evident. The most frequently reported acts witnessed between parents by the participant were insulting, yelling, doing something to irritate, and stomping out of the room. In the present study, a high percentage (85.3%) of participants was a victim of at least one aggressive behavior from their parents. Also a high percentage (77%) of participants received at least one instance of psychological aggression and 42% received at least one instance

of physical assault perpetrated by the mother. Approximately 70.6% and 46.6% of participants were victims of at least one instance of psychological aggression and physical assault respectively perpetrated by the father. The most frequent acts reported were yelling, slapping, insulting and biting. Finally, approximately half of the sample reported receiving and perpetrating at least one instance of psychological aggression by and against a date (49.2% and 53.7%, respectively). Also 11% of participants were victims, at least once, of physical assault from a partner they were dating and 13.3% of participants perpetrated at least one instance of physical assault against a date. The most frequently reported acts were insulting, yelling, stomping out of the room and grabbing.

Table 4.1

Percentage of Subjects Receiving and Perpetrating Psychological and Physical Assault in Siblings, Parent-to-parent, Parents-to-child and Dating relationships

	<i>Psychological aggression</i>	<i>Physical assault</i>
Perpetrated sibling violence	91.5%	72.5%
Victim of sibling violence	90.5%	70.7%
Mother-to-father violence	61.8%	9.1%
Father-to-mother violence	61.3%	13%
Mother-to-child violence	77%	42%
Father-to-child violence	70.6%	46.6%
Perpetrated dating violence	53.7%	13.3%
Victim of dating violence	49.2%	11%

Differences of gender according to violence forms

An independent-sample t-test (see table 4.2) was conducted to compare the different forms of violence according to gender. There was a significant difference in scores of perpetrated sibling violence, where males ($M= 1.28$, $SD= 1.102$) present a significant high value compared to females ($M=.95$, $SD= .824$), [$t(367) = 3.284$; $p=$

.001]. There were also significant differences in scores of mother-to-father violence, with significantly higher values for females (M=.31, SD= .426) compared to males (M=.19, SD= .396) [t (473) = -3.425; p= .001]. Finally, father-to-mother violence scores show significant differences, where female values (M=.42; SD= .782) were also higher than males (M=.23; SD=.569), [t (549) = -3.490; p= .001].

Table 4.2
Mean and Standard Deviations of Violence Forms for Males and Females

Violence Forms	1 – Male		2 – Female		Significative Differences
	M	SD	M	SD	
Perpetrated sibling violence	1.28	1.102	.99	.824	.001
Victim of sibling violence	1.27	1.055	1.11	.837	
Mother-to-child violence	.54	.690	.51	.556	
Father-to-child violence	.47	.719	.38	.491	
Mother-to-father violence	.19	.396	.31	.426	.001
Father-to-mother violence	.23	.569	.42	.782	.001
Perpetrated dating violence	.20	.563	.24	.411	
Victim of dating violence	.14	.516	.20	.379	

Prediction of sibling and dating violence forms – Hierarchical multiple regression models

Multiple hierarchical regression analysis was conducted to explore the relation between dependent variables (sibling and dating violence) and independent or predictor variables (parent-to-parent violence, parent-to-child violence, gender and number of siblings). Multiple regressions imply not only a technique, but a family of techniques based on the principles of correlation, although with a more sophisticated exploration of the relationship between variables. Regression analysis give us three types of information, namely the possibility that a number of variables can predict a given outcome, in which the variable represents the greatest contribution to the result, and still the possibility to predict a result from a variable when the effect of

another variable is being controlled (for further statistical control variables introduced) (Pallant, 2001). For the present study, multiple hierarchical regression analysis was used to analyze the effects of gender, the number of siblings, parent-to-parent and parent-to-child violence as predictors of sibling and dating violence, separately.

In this analysis six blocks were introduced according to a predetermined order. Gender and number of siblings were initially introduced, allowing to control its explanatory power over the individual model. It is noteworthy that in the case of the analyses in the present sample, it was necessary to create a dummy-coded gender variable (encoding the female gender as "one" and the male as "zero"), which was inserted in the same block of the hierarchical regression analysis. Each dummy represents the comparison of the effect between groups to explain the variance of the model against the dependent variables (Cohen, Cohen, West, and Alken, 2003).

In the first model (perpetration of sibling violence), the results of the regression indicated that three predictors explained 27% of the total explained variance, by order of importance: **mother-to-child violence** [$F(5,568)=38.42$; $p=.000$] ($R^2= .253$ / R^2 change=.148) ($\beta=.345$); **father-to-child violence** [$F(6,567)=34.90$; $p=.000$] ($R^2= .519$ / R^2 change=.017) ($\beta=.195$) and **gender** [$F(1,572)=12.09$; $p=.001$] ($R^2= .021$ / R^2 change=.021) ($\beta=-.122$), highlighting the role predictor of boys (table 4.3). For the second model, being a victim of sibling violence, two predictors explained 29, 88% of total variance namely, **mother-to-child violence** [$F(5,568)=29.88$; $p=.000$] ($R^2= .208$ / R^2 change=.127) ($\beta=.299$); and **father-to-child violence** [$F(6,567)=34.90$; $p=.000$] ($R^2= .299$ / R^2 change=.021) ($\beta=.216$) (see table 4.3). Concerning dating violence, results shows that perpetration of dating violence has a significant contribution from three variables, with 34,2% of total explained variance, by order of importance: **mother-to-child**

violence [F(5,476)=49.38; p=.000] ($R^2 = .342/R^2$ change=.061) ($\beta = .285$); **father-to-mother violence** [F(4,477)=46.43; p=.000] ($R^2 = .280/R^2$ change=.038) ($\beta = .260$), and **mother-to-father violence** [F(3,478)=51.07; p=.000] ($R^2 = .243/R^2$ change=.241) ($\beta = .154$) (table 4.4).

Table 4.3

Hierarchical Multiple Regression Analyses Predicting Perpetration and Victimization of Sibling Violence

	R2	R2 Change	B	SE	β	Sig.
Step 1	.021/.007	.021/.007				
Gender			-.239/-.114	.072/.073	-.122 /-.059	.001/.117
Step 2	.021/.007	.000/.000				
Number of siblings			-.024/-.104	.031/.031	-.027/-.017	.450/.046
Step 3	.101/.080	.080/.073				
Mother-to-father violence			-.076/-.004	.123/.124	-.034/-.002	.536/.976
Step 4	.105/.081	.004/.001				
Father-to-mother violence			.047/-.012	.066/.067	.036/-.002	.476/.857
Step 5	.253/.208	.148/.127				
Mother-to-child violence			.537/.455	.085/.085	.345/.299	.000/.000
Step 6	.519/.229	.017/.021				
Father-to-child violence			.314/.341	.086/.087	.195/.216	.000/.000

Finally, another variable for being a victim of dating violence was predicted. The results are similar to those verified for perpetration of dating violence. For this model, three explanatory variables with 30,8% of total explained variance, were statistically significant: **mother-to-child violence** [F(5,474)=41.83; p=.000] ($R^2 = .306/R^2$ change=.056) ($\beta = .269$); **father-to-mother violence** [F(4,475)=39.63; p=.000] ($R^2 = .250/R^2$ change=.036) ($\beta = .249$), and **mother-to-father violence** [F(3,476)=43.37; p=.000] ($R^2 = .215/R^2$ change=.213) ($\beta = .131$) (see table 4.4).

Table 4.4

Hierarchical Multiple Regression Analyses Predicting Perpetration and Victimization of Dating Violence

	R2	R2 Change	B	SE	β	Sig.
Step 1	.002/.001	.002/.001				
Gender			-.002/-.011	.038/.036	-.002/-.012	.956/.760
Step 2	.002/.002	.000/.001				
Number of siblings			-.006/.000	.016/.015	-.014/.000	.073/.984
Step 3	.243/.215	.241/.213				
Mother-to father violence			.174/.136	.064/.061	.154/.131	.007/.025
Step 4	.280/.250	.038/.036				
Father-to-mother violence			.172/.151	.035/.033	.260/.249	.000/.000
Step 5	.342/.306	.061/.056				
Mother-to-child violence			.222/.193	.046/.043	.285/.269	.000/.000
Step 6	.342/.307	.000/.001				
Father-to-child violence		.001/.000	-.011/.029	.046/.043	-.014/.040	.810/.465
Step 7	.343/.307	.				
Perpetrated sibling violence			-.007/.028	.047/.045	.0137/.059	.890/.535
Step 8	.343/.308	.001/.001				
Victim of sibling violence			.031/-.033	.048/.015	.062/-.071	.514/.472

Differences of psychological and physical aggression among siblings according to total parent-to-parent and parent-to-child violence

An ANOVA between groups was conducted to explore the impact of **total parent-to-parent violence** (mother-to-father/ mother-to-father violence) on perpetration and victimization of psychological and physical violence between siblings. Subjects were divided in two groups according to the absence or presence of violence. The results shows that there wasn't a statistical effect on development of both cases: perpetrating or being a victim of sibling violence, respectively: in terms of psychological and physical violence [F(1,574)=.484; p=.487; η2=.001]/ [F(1,574)=.071;

$p=.790$; $\eta^2=.000$] and $[F(1,574)=.710$; $p=.790$, $\eta^2=.000$]/ $[F(1,574)=3.25$; $p=.072$; $\eta^2=.006$] (see table 4.5).

Regarding, **total parent-to-child violence** (mother-to-child/ father-to-child) the analysis of variance shows statistically significant differences in the development of psychological and physical aggression on being a victim of sibling violence $[F(1,580)=7.24$; $p=.007$, $\eta^2=.012$]/ $[F(1,580)=6.82$; $p=.009$; $\eta^2=.012$] respectively, and in both cases (psychological and physical aggression) there are superior levels of aggression when compared with the absence of aggression (see table 4.5). The same happens for the development of perpetration of sibling violence (psychological and physical aggression), respectively, $[F(1,580)=6.70$; $p=.009$; $\eta^2=.013$]/ $[F(1,580)=24.59$; $p=.000$; $\eta^2=.041$], and the level of aggression is also higher than the absence of aggression (see table 4.5).

Differences in psychological and physical aggression on dating, according to total sibling violence

A one-way analysis of variance (ANOVA) was also carried out for **total sibling violence** (subject-to-sibling; sibling-to-subject) and results show a statistical effect on the development of perpetrated psychological and physical aggression on dating $[F(1,587)=16.49$; $p=.000$, $\eta^2=.027$]/ $[F(1,587)=15.88$; $p=.000$; $\eta^2=.026$] respectively, and in both cases (psychological and physical aggression) there are higher levels of aggression when compared with the absence of aggression (see table 4.6). There were also statistically significant differences on the development of being a victim of dating violence (psychological and physical aggression) respectively $[F(1,587)=13.17$; $p=.000$; $\eta^2=.022$]/ $[F(1,587)=18.88$; $p=.000$; $\eta^2=.031$], and the level of aggression is also higher than the absence of aggression (see table 4.6).

Table 4.5

One-Way Analysis of Variance – ANOVA Between Total Parent-to-Child Violence / Total Parent-to-Parent Violence and Psychological and Physical Aggression Between Siblings

	SOURCE - TYPE OF AGGRESSION																Direction of Significance
	1 Psychological Aggression participant-to-sibling		2 ABSENCE Psychological Aggression participant-to-sibling		3 Psychological Aggression sibling-to-participant		4 ABSENCE Psychological Aggression sibling-to-participant		5 Physical Assault participant-to-sibling		6 ABSENCE Physical Aggression participant-to-sibling		7 Physical Assault sibling-to-participant		8 ABSENCE Physical Assault sibling-to-participant		
	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	M	M	SD	M	SD	
Total parent-to-child violence	.49	.56	.28	.40	.49	.53	.27	.40	.54	.59	.29	.38	.49	.56	.29	.40	1>2; 3>4; 5>6; 7>8
Total parent-to-parent violence	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	NON- SIG.

Table 4.6

One-Way Analysis of Variance – ANOVA Between Total Violence Between Siblings and Psychological and Physical Assault In Dating Relationship

		SOURCE - TYPE OF AGGRESSION																Direction of Significance
		1 Psychological Aggression participant-to- dating		2 ABSENCE Psychologic al Aggression participant- to-dating		3 Psychologic al Aggression dating -to- participant		4 ABSENCE Psychological Aggression dating -to- participant		5 Physical Assault participant- to-dating		6 ABSENCE Physical Assault participant- to-dating		7 Physical Assault dating -to- participant		8 ABSENCE Physical Assault dating-to- participant		
		M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	
Total sibling violence		1.26	.92	.945	.88	1.37	1.07	1.06	.85	1.38	1.07	1.04	.84	1.28	.92	.95	.88	1>2; 3>4; 5>6; 7>8

Discussion

Several research reports (e.g. Gelles and Straus, 1988; Roscoe *et al.*, 1987) have indicated sibling abuse as the most common form of family violence. Results from this study show that violence among siblings is relatively common (more than two thirds of the sample report psychological and physical aggression). Regarding the others forms of violence, namely parent-to-parent, parent-to-child and dating violence, the results are also worrisome. The family setting should be a place of love and nurturing, the opposite of violence. But any combination of family members' violence can turn a home into a chaotic, disruptive place (Herron, Javier, McDonald, and Adlerstein, 1994).

More than half of the participants reported witnessing a parent's psychological aggression, and were victims of some kind of psychological aggression and physical assault respectively by their father. The results permit us to conclude that among the participants all forms of relationship violence are prevalent; however, psychological aggression was the most prevalent one, experienced and perpetrated. Because psychological violence is not a primary focus of violence prevention, it can cause poor outcomes and may predispose victims to other forms of violence (Forke, Myers, Catalozzi, and Schwarz, 2008). The results show that the occurrence of different forms of family violence are common, being consistent with previous studies (e.g. Finkelhor, Turner, and Hamby, 2005; Richmond *et al.*, 2009) which have found that participants who experienced one form of childhood victimization were at risk of experiencing other forms of violence. As Krienert and Walsh (2011) defend, other forms of family violence may aggravate sibling altercations causing an increased likelihood of overall violence and increase the risk of violence later in life.

Evidence suggests that young infants can be affected intensely by exposure to this trauma of witnessing parental violence than previously believed (Osofsky, 2004). Several studies (e.g. Finkelhor *et al.*, 2005; Finkelhor *et al.*, 2007) argue that to better understand childhood victimization, clinicians and researchers should study different types of violence rather than a single one in isolation.

The prediction of sibling violence (perpetrated or victimized), described in models of hierarchical multiple regressions suggest a significant role of parent-to-child violence on sibling violence. These results are similar to those found by several authors (Noland *et al.*, 2004; Simonelli *et al.*, 2002). Those put in evidence the quality of early relationships with parental figures as an important factor in how the subjects experience their relationships with siblings. It's clear that children of parents who avoid physical and psychological aggression as tactics for problem solving are more able of creating positive images such as deserving care and affection, and extending that to sibling relationships.

Gender is also a significant predictor of sibling violence. Males reported higher scores in perpetration of sibling violence. Although the literature is inconclusive regarding which gender experienced more sibling violence, some studies (Eriksen and Jensen, 2009; Noland *et al.*, 2004) found a higher prevalence of male sibling violence. Leder (1993) argues that society builds expectations and creates a role which is too hard for boys, so they should be more aggressive and competitive than girls.

Regarding dating violence prediction, results show significant levels of mother-to-child violence as a factor of major importance. We believe that the subjects who maintained a close bond with the maternal figure internalized personal patterns for dealing with anxiety, which seems to have implications on perpetration and

victimization of dating violence. However, but not linearly, we believe that observation and learning of conflicting relational patterns in parent-to-parent and parent-to-child relationships may be used by subjects in other relationships, including siblings and dating partners (see Bandura, Ross, and Ross, 1961).

The ANOVA (one-way) showed that results were not statistically significant between witnessed parent-to-parent violence and perpetration or being a victim of sibling violence (psychological and physical aggression), corroborating earlier results. It is somewhat surprising, however that this finding is in agreement with a Noland *et al.* (2004) study which showed that parent-to-parent violence have a low impact on sibling violence. It seems possible that these results are due to the existence of some protective factors, namely the need for mutual support and companionship in order to manage the experiences of interparental aggression. This may make sense in siblings closest in age, with similarity and reciprocity of experiences, as well as in siblings with significant age differences, where the oldest sibling can have a moderate role on violent families (Gass, Jenkins, and Dunn, 2007).

On the other hand, parent-to-child violence seems to have the greatest impact on sibling violence (psychological and physical aggression). Indeed, direct violence from parents toward a child seems to give the young internal insecure models, so integrating a negative role of self and others may lead to a significant difficulty in future relationships, and accepting their aggressiveness as a normal pattern of conflict resolution. Finally, the results from the last one analyze the relation between sibling violence and perpetration or victimization on dating relationship. The results are consistent with what would be expected from sibling relationships because experiences among siblings were considered as the first social laboratory, enabling

children and young people to internalize patterns of conflict resolution. Sibling violence seems to make a difference in how individuals develop their relationships in a romantic context, bringing their experience to this early stage. On dating relationships the younger ones have the opportunity to repeat relationship experiences of maltreatment, and repeat the role of the victim or as perpetrator of violence (e.g. Wekerle and Wolfe, 1999).

It is relevant to emphasize the importance of building healthy relationships among the primary figures of affection while facilitating a positive adaptation and development of personal skills. Although not an implicit causality, results show that the experiences of early relationships guided by aggression (whether with parents or siblings) reflect differences in how subjects are able to meet their difficulties.

This study has several limitations. The use of retrospective reporting is not always a reliable assessment, although it has been used in others studies (e.g. Wiehe, 1997). Moreover, college students may not be representative of the population as a whole. Because all the measures used a self-reporting format, the results are dependent on participant's perceptions of the facts. Another limitation was the lack of information regarding the context of the reported violence. It is not possible to know whether the reported violence was an offensive or defensive behavior. However, these events or motivations did not legitimize the perpetrated violence. Finally, although multiple hierarchical regressions were used to test the relevance of predicting violence variables, the data was collected at a single point in time; therefore, the results cannot provide proof of actual causal relationships.

Despite these limitations, the results of the study are important as the first steps in exploring the Portuguese experience of co-occurrence of different forms of

violence, indicating the need for increased attention to this problem. Further investigation is needed to better understand sibling violence, its real extension, and the consequences for its victims, perpetrators and families. A better understanding of sibling violence can also contribute to a better and broader knowledge of other forms of family violence and how they are related.

Implications for practice

- Researchers, practitioners and public awareness to the phenomenon of sibling violence as a form of violence in the family context.
- Development of educational campaigns that alert to this phenomenon.
- On exploration of family violence, the phenomenon of sibling violence should also be addressed.
- Elaboration of prevention and intervention programs focused on the development of pro-social skills, especially directed to school children.
- Development of parenting skills programs.
- Empower parents to recognize, but especially to prevent violence between siblings (identifying possible signs of sibling violence).
- It is necessary the development of rehabilitation programs for young offenders and support programs for victims.
- More information is needed regarding other samples (clinical, related to justice, entrusted to the care of the state) and with different ages.
- Since different forms of violence seem co-occur, more research is needed. The evaluation of this co-occurrence may contribute to a better knowledge and understanding of the phenomenon of violence in the family context.

- Development of longitudinal studies to evaluate the consequences of sibling violence in dyads fraternal.

References

- Adler, N. A., and Schutz, J. (1995), "Sibling incest offenders", *Child Abuse & Neglect*, Vol. 19, pp. 811-819.
- Bandura, A., Ross, D., and Ross, S. A. (1961), "Transmission of aggression through imitation of aggressive model", *Journal of Abnormal and Social Psychology*, Vol. 63, pp. 575-582.
- Block, J. H. (1983), "Differential premises arising from differential socialization of the sexes: some conjectures", *Child Development*, Vol. 54, pp. 1335-1354.
- Button, D. M., and Gealt, R. (2010), "High risk among victims of sibling violence", *Journal of Family Violence*, Vol. 25, N. ° 2, pp. 131-140.
- Caffaro, J. V., and Conn-Caffaro, A. (1998), *Sibling abuse trauma: assessment and intervention strategies for children, families, and adults*, Haworth Press, New York.
- Caspi, J. (2012), *Sibling aggression: assessment and treatment*, Springer Publishing Company, New York.
- Carlson, B. E. (2011), "Sibling incest: adjustment in adult women survivors", *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*, Vol. 92, N. ° 1, pp. 77-83.
- Cohen, J., Cohen, P., West, S. G., and Alken, L. S. (2003), *Applied multiple regression/correlation analysis for the behavioral science* (3rd Ed.), Lawrence Erlbaum Associates, New Jersey.
- Cole, E. (1982), "Sibling incest: the myth of benign sibling incest", *Women in Therapy*, Vol. 1, N. ° 3, pp. 79-89.
- Duncan, R. (1999), "Peer and sibling aggression: an investigation of intra-and extra-familial bullying", *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 14, pp. 871-886.

Dunn, J., and Kendrick, C. (1982), *Siblings: love, envy, and understanding*, Grant McIntyre, London.

Eriksen, S., and Jensen, V. (2009), "A push or a punch: distinguishing the severity of sibling violence", *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 24, pp. 183-208.

Ferreira-Alves, J., and Santos, A. J. (2011), "Prevalence study of violence and abuse against women. Results of the Portugal survey (Avow Project)". Minho University, Braga.

Figueiredo, B., Bifulco, A., Paiva, C., Maia, A., Fernandes, E., and Matos, R. (2004), "History of childhood abuse in Portuguese parents", *Child Abuse & Neglect*, Vol. 28, pp. 669-682.

Finkelhor, D., Ormrod, R. K., and Turner, H. A. (2007), "Poly-victimization: a neglected component in child victimization", *Child Abuse & Neglect*, Vol. 31, pp. 7-26.

Finkelhor, D., Turner, H. A., and Hamby, S. L. (2005), "The victimization of children and youth: a comprehensive, national survey", *Child Maltreatment*, Vol. 10, N.º 1, pp. 5-25.

Finkelhor, D., Turner, H., and Ormond, R. (2006), "Kid's" stuff: the nature and impact of peer and sibling violence on younger and older children", *Child Abuse & Neglect*, Vol. 30, pp. 1401-1421.

Forke, C. M., Myers, R. K., Catalozzi, M., and Schwarz, D. F. (2008), "Relationship violence among female and male college undergraduate students", *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, Vol. 162, N.º 7, pp. 634-41.

Gass, K., Jenkins, J., and Dunn, J. (2007), "Are sibling relationships protective? A longitudinal study", *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, Vol. 48, pp. 167-175.

Garcia, M., Shaw, D., and Yaggi, K. (2000), "Destructive sibling conflict and the development of conduct problems in young boys", *Developmental Psychology*, Vol. 1, pp. 44-53.

Gelles, R. J. (1997), *Intimate violence in families*, Sage Publications, Thousand Oaks.

Gelles, R. J., and Cornell, C. P. (1990), *Intimate violence in families* (2nd Ed.), Sage Publications, Thousand Oaks.

Gelles, R. J., and Straus, M. A. (1988), *Intimate violence: the causes and consequences of abuse in the american family*, Simon and Shuster, Inc, New York.

Graham-Bermann, S., Cutler, S., Litzenberger, B., and Schwartz, W. (1994), "Perceived conflict and violence in childhood sibling relationships and later emotional adjustment", *Journal of Family Psychology*, Vol. 8, pp. 85-97.

Haj-Yahia, M., and Dawud-Noursi, S. (1998), "Predicting the use of different conflict tactics among Arab siblings in Israel: a study based on social learning theory", *Journal of Family Violence*, Vol. 13, pp. 81-103.

Hardy, M. S. (2001), "Physical aggression and sexual behavior among siblings: a retrospective study", *Journal of Family Violence*, Vol. 3, pp. 255-268.

Herron, W. G., Javier, R. A., McDonald-Gomez, M., and Adlerstein, L. K. (1994), "Sources of family violence. Special Issue: multicultural views on domestic violence: Part II", *Journal of Social Distress and the Homeless*, Vol. 3, N. º 3, pp. 213-228.

Herzberger, S. D. (1996), *Violence within the family: social psychological perspectives*. Oxford: Westview Press.

- Hoffman, K. I., Kiecolt, K. J., and Edwards, J. N. (2005), "Physical violence between siblings: a theoretical and empirical analysis", *Journal of Family Issues*, Vol. 26, N.º 8, pp. 1103-1130.
- Hotelling, G. T., and Sugarman, D. B. (1986), "An analysis of risk markers in husband to wife violence: the current state of knowledge", *Violence and Victims*, Vol. 1, pp. 101-124.
- Kettrey, H., and Emery, E. (2006), "The discourse of sibling abuse", *Journal of Family Violence*, Vol. 21, pp. 407-416.
- Kiselica, M., and Morrill-Richards, M. (2007), "Sibling maltreatment: the forgotten abuse", *Journal of Counseling and Development*, Vol. 85, pp. 148-160.
- Kolko, D. J., Kazdin, A. E., and Day, B. T. (1996), "Children's perspectives in the assessment of family violence: psychometric characteristics and comparison to parents reports", *Child Maltreatment*, Vol. 1, pp. 156-167.
- Krienert, J. L., and Walsh, J. A. (2011), "My brother's keeper: a contemporary examination of reported sibling violence using national level data, 2000–2005", *Journal of Family Violence*, Vol. 6, N.º 5, pp. 331-342.
- Leder, J. M. (1993), "Adult sibling rivalry", *Psychology Today*, Vol. 26, pp. 56-58.
- Linares, L. O. (2006), "An understudied form of intra-family violence: sibling-to-sibling aggression among foster children", *Aggression and Violent Behavior*, Vol. 11, pp. 95-109.
- Machado, C., Gonçalves, M., Matos, M. and Dias, A. (2007), "Child and partner abuse: self-reported prevalence and attitudes in the North of Portugal", *Child Abuse and Neglect*, Vol. 31, pp. 657-670.

- Mackey, A. M., Fromuth, M. E., and Kelly, D. B. (2010), "The association of sibling relationship and abuse with later psychological adjustment", *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 25, pp. 955-968.
- Mangold, W., and Koski, P. (1990), "Gender comparisons in the relationship between parental and sibling violence and nonfamily violence", *Journal of Family Violence*, Vol. 5, pp. 225-235.
- Noland, V. J., Liller, K. D., McDermott, R. J., Coutler, M. L., and Seraphine, A. E. (2004), "Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence?", *American Journal of Health Behavior*, Vol. 28, pp. 13-23.
- Osofsky, J. (2004) (Ed.), *Young children and trauma: intervention and treatment*, Guildford Press, NY.
- Pallant, J. (2001), *SPSS - Survival manual*, St. Edmundsbury Press, London.
- Rapoport, D. C. (1997), "To claim or not to claim; that is the question always!", *Terrorism and Political Violence*, Vol. 9, N.º 1, pp. 11-17.
- Relva, I. C. (2005), *Maus Tratos entre irmãos: um estudo em alunos de Vila Real* (Unpublished master's thesis), Universidade do Porto, Porto.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., and Costa, R. A. (in Press), "Psychometric properties of revised conflict tactics scales: portuguese sibling version (CTS2-SP)", *Journal of Family Violence*.
- Richmond, J. M., Elliot, A. N., Pierce, T. W., Aspelmeier, J. E., and Alexander, A. (2009), "Poly-victimization, childhood victimization, and psychological distress in college women", *Child Maltreatment*, Vol. 14, pp. 127-147.

Roscoe, B., Goodwin, M. P., and Kennedy, D. (1987), "Sibling violence and agonistic interactions experienced by early adolescents", *Journal of Family Violence*, Vol. 2, pp. 121-137.

Rosenthal, P. A., and Doherty, M. B. (1984), "Serious sibling abuse by preschool children", *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, Vol. 23, N.º 2, pp. 186-190.

Rudd, J. M., and Herzberger, S. D. (1999), "Brother-sister incest – father-daughter incest: a comparison of characteristics and consequences", *Child Abuse & Neglect*, Vol. 23, pp. 915-928.

Santos, M., and Mercurio, A. (2004), Portugal. In K. Malley-Morrison (Ed.), *International perspectives on family violence and abuse* (pp. 51-67), LEA, Mahwah.

Simonelli, C. J., Mullis, T., Elliot, A. N., and Pierce, T. W. (2002), "Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationship", *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 17, pp. 103-121.

Straus, M. A., Gelles, R. J., and Steinmetz, S. K. (1980), *Behind closed doors. Violence in the American family*, Anchor Books, Garden City.

Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., and Sugarman, D. B. (1996), "The revised conflict tactics scales (CTS2): development and preliminary psychometric data", *Journal of Family Issues*, Vol. 17, pp. 283-316.

Straus, M. A., Hamby, S. L., and Warren, W. L. (2003), *The Conflict Tactics Scales Handbook*, Western Psychological Services, Los Angeles.

Tolan, P. H., Gorman-Smith, D., and Henry, D. B. (2006), "Family violence", In S.T. Fiske, A. E. Kazdin, and D. Schacter (Eds.), *Annual Review of Psychology*, Vol. 57, pp. 550-583.

Wekerle, C., and Wolfe, D. A. (1999), "Dating violence in mid-adolescence: theory, significance, and emerging prevention initiatives", *Clinical Psychology Review*, Vol. 19, pp. 435-456.

Whipple, E. E., and Finton, S. E. (1995), "Psychological maltreatment by siblings: an unrecognized form of abuse", *Child and Adolescent Social Work Journal*, Vol. 2, pp. 135-146.

Wiehe, V. R. (1997), *Sibling abuse: hidden physical, emotional and sexual trauma* (2nd Ed.), Sage Publications, Thousand Oaks.

Wiehe, V. R. (1998), *Understanding family violence: treating and preventing partner, child, sibling, and elder abuse*, Sage Publications, Thousand Oaks.

Wiehe, V. R. (2002), *What parents need to know about sibling abuse*, Bonneville Books, Utah.

CAPÍTULO 3

DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÕES

O principal objetivo deste estudo era o de contribuir para o aumento do conhecimento na área da violência entre irmãos: esperamos tê-lo cumprido e desejamos que, a partir dele, novas investigações venham a colmatar o muito que ainda há a estudar, compreender e discutir sobre esta temática. Este último capítulo tem por objetivo sintetizar e discutir, de forma integrada, os principais resultados dos estudos anteriormente apresentados, identificando algumas das suas limitações e delineando algumas propostas para futuras investigações.

A partir da revisão bibliográfica sobre a violência na fratria e dos principais resultados obtidos nesta investigação pode sumariamente dizer-se que:

1. O estudo da violência entre irmãos tem aproximadamente três décadas. A informação disponível é frequentemente pouco precisa e ambígua, embora pareça ser inquestionável a sua elevada frequência, dado que é considerada, pela maioria dos autores, como a forma mais prevalente de violência familiar (e.g., Goodwin & Roscoe, 1990; Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980).
2. Os diferentes tipos de violência (física, psicológica e sexual) que podem ocorrer no contexto de uma relação fraterna são comuns a outros relacionamentos interpessoais, nomeadamente a outras formas de violência familiar, como a violência conjugal ou a violência pais-filhos, e, muitas vezes (ou quase sempre), as diferentes formas de violência na família retroalimentam-se (cf. Wiehe, 1997). Embora, por uma questão metodológica, se separem os diversos tipos de violência, é de sublinhar que a violência psicológica está associada a outros tipos de violência (física e sexual); “cada uma delas constitui violência contra [uma] pessoa, uma

personalidade, que é atingida na totalidade e não apenas num segmento” (Alberto, 2006; p. 32). A violência psicológica em contexto fraterno traduz-se frequentemente em comportamentos como a realização de comentários com o objetivo de ridicularizar, ameaçar, aterrorizar, depreciar, rejeitar, degradar ou explorar e destruir a propriedade pessoal de um irmão (cf. Relva, Fernandes, & Alarcão, no prelo). Conforme já foi referido, e é reiterado por vários autores, este tipo de violência parece ser ainda potencialmente mais prevalente e destrutiva do que outras, apesar de frequentemente acompanhar e preceder a violência física e/ou sexual (Claussen & Crittenden, 1991). Problemas de ansiedade (Mackey, Fromuth, & Kelly, 2010), baixa autoestima e tendência para replicar o papel de vítima em outros relacionamentos (Wiehe, 1990) surgem frequentemente associados à ocorrência deste fenómeno. No que diz respeito à violência sexual perpetrada por irmãos, e apesar de menos frequente quando comparada com os outros tipos de violência, não pode ser ignorada. Recentemente Caspi (2012) referiu que devido ao número reduzido de investigações neste campo, pouco se sabe sobre as complexidades da interacção sexual entre os irmãos. Torna-se, pois, necessário definir quais os comportamentos que se encontram no campo da exploração/curiosidade sexual e quais aqueles que estão no campo da violência sexual, de forma a não criar uma sobrevalorização desta questão e uma obsessão que pode ser prejudicial à vida familiar, mas também não a escamoteando e escondendo (cf. Relva et al., no prelo).

3. Os fatores de risco da violência entre irmãos são múltiplos e assentam, sobretudo, nas características da vítima e do perpetrador (e.g., idade, gênero, temperamento, ocorrência anterior de abuso; cf., Eriksen & Jensen, 2006; Whipple & Finton, 1995), nas do meio familiar (e.g., monoparentalidade, instabilidade financeira, stresse familiar, indisponibilidade parental, tratamento diferenciado; cf., Furman, 1995; Hoffman, Kiecolt, & Edwards, 2005) e nas do contexto social e cultural (cf. Phillips, Phillips, Grupp, & Trigg, 2009). A existência de diversos fatores de risco associados à ocorrência da violência entre irmãos levou-nos a questionar se alguns desses fatores podem ser preditores dessa forma de violência. Os resultados são preocupantes, uma vez que a violência entre irmãos ocorre juntamente com outras formas de violência em contexto familiar (Finkelhor, Turner, & Hamby, 2005; Relva, Fernandes, & Mota, 2013).
4. O ter sido “vítima de violência pelos pais” e o “gênero” são as variáveis que, neste estudo (Relva et al., 2013), parecem influenciar mais a ocorrência da violência entre irmãos. As táticas violentas de resolução de conflitos, utilizadas nos confrontos com os irmãos, parecem ser semelhantes às experienciadas nos relacionamentos com os pais. A violência entre irmãos parece ser ignorada, eventualmente reforçada quando estamos na presença de díades masculinas ou na presença de um irmão perpetrador, pois a sociedade em geral e os pais em particular parecem ser mais permissivos face a comportamentos violentos quando eles são emitidos por elementos do gênero masculino. Para os rapazes a perpetração de violência

pode funcionar para afirmar a sua masculinidade num contexto cultural em que a agressão é aceite. Neste sentido, a agressão é vista como uma estratégia “normal” de resolução de problemas em contexto familiar.

5. Foi nas díades masculinas que se encontraram pontuações significativamente superiores, quer de perpetração quer de vitimização, de violência física e sexual (Relva, Fernandes, Alarcão, & Martins, no prelo), tal como foi também referido por Goodwin e Roscoe (1990), Graham-Bermann, Cutler, Litzenberger e Schwartz (1994) e por Hardy, Beers, Burgess e Taylor (2010), no caso de díades de irmãos com idades próximas entre si.
6. À semelhança do que acontece com as vítimas de outras formas de violência interpessoal, as consequências, a curto ou a longo prazo, mais referidas na literatura são, no caso da violência entre irmãos, os problemas comportamentais (Criss & Shaw, 2005), *bullying* (Duncan, 1999), tristeza e problemas de saúde (Rosenthal & Doherty, 1984). Já em adolescentes e jovens adultos os problemas mais comuns tendem a ser baixa autoestima, ansiedade (Graham-Bermann & Cutler, 1994) e violência no namoro (Noland, Liller, Mcdermott, Coutler, & Seraphine, 2004).
7. A violência entre irmãos parece ser bastante prevalente aos 13 anos de idade, envolvendo maioritariamente abusos psicológicos e físicos sem sequelas, ora perpetrados ora sofridos (Relva et al., no prelo).
8. Apesar da sua elevada prevalência, a violência entre irmãos é habitualmente banalizada e quando se avaliou a perceção dos jovens face aos comportamentos abusivos de que foram alvo, verificou-se como o

grupo que referiu ter sofrido todas as formas de vitimização (psicológica, física e sexual), apesar de reconhecer o caráter agressivo dos incidentes, atribuiu significativamente mais importância à “rivalidade” entre irmãos para a sua explicação (Relva, Alarcão, & Fernandes, 2013). Estes resultados corroboram as premissas das teorias de normalização da violência (cf. Hoffman et al., 2005), que preveem o uso frequente da força física como forma culturalmente aceite de resolução de problemas. Parece, então, que as próprias vítimas contribuem involuntariamente para a perpetuação do problema, não o sentindo como tal nem o denunciando, conformando-se com o discurso dominante que não reconhece estes atos como forma de violência ou abuso (Kettrey & Emery, 2006).

Implicações

Como consequência do desconhecimento da violência entre irmãos e da sua não denúncia (das próprias vítimas, dos familiares, das testemunhas...), o número de intervenções para prevenir este tipo de violência é reduzido, o que acresce a probabilidade de ocorrerem consequências negativas, quer para os relacionamentos, quer para a saúde mental e física dos indivíduos a ela expostos (Phillips et al., 2009). Assim sendo, conforme já foi referido anteriormente, investigadores e técnicos deverão tomar consciência do fenómeno da violência entre irmãos enquanto forma de violência em contexto familiar, sendo que o desenvolvimento de campanhas a dar conhecimento deste fenómeno ajudaria nesse sentido. Devem, igualmente, ser elaborados programas de prevenção e intervenção focados no desenvolvimento de

competências pró-sociais especialmente dirigidos para as crianças em idade escolar. Além disso, conforme sugerido por Noland e colegas (2004), jovens de ambos os géneros, devem aprender técnicas de resolução de conflito adequadas.

Seria, também, importante o desenvolvimento de programas destinados aos pais, sobretudo dar-lhes *empowerment* para que eles consigam reconhecer, mas sobretudo prevenir, a violência entre irmãos (identificação de possíveis sinais de violência entre irmãos). Finalmente, promover o desenvolvimento de programas de reabilitação para os jovens ofensores de também programas de apoio às jovens vítimas.

Limitações

Os estudos empíricos realizados apresentam algumas limitações que é importante equacionar quando se pretende refletir sobre o conhecimento produzido e as implicações dos resultados obtidos.

Uma primeira limitação prende-se com o facto de se tratar de um estudo retrospectivo. Apesar de ser um método bastante utilizado (e.g., Hoffman et al., 2005; Mackey et al., 2010; Wiehe, 1997), o recurso à memória de acontecimentos que ocorreram há vários anos (de 7 anos, para a maioria dos participantes deste estudo) pode criar um enviesamento relativamente aos acontecimentos ocorridos. Contudo, é necessário atender a dois aspetos a que alguns autores têm feito referência. Primeiro, por se tratar de acontecimentos que envolvem violência, são, no entender de Felson (1983), mais suscetíveis de serem lembrados. Segundo, numa investigação realizada por Paivio (2001) verificou-se que os discursos retrospectivos, relativos ao abuso sofrido em criança, eram estáveis num período superior a seis meses, sugerindo que os

adultos são fiáveis ao reportar a exposição à violência enquanto crianças. Sobre a pertinência de um estudo retrospectivo, Baker (2009) referiu ainda que o desenvolvimento de medidas retrospectivas junto de adultos pode ser frutífero, nomeadamente por poder refletir a experiência pessoal e percepção do próprio participante, mesmo que a informação possa conter algum enviesamento relativamente aos comportamentos ocorridos.

A segunda limitação diz respeito à própria amostra. Os dados foram recolhidos junto de uma população de estudantes universitários, adotando deste modo os procedimentos do autor das CTS2 (que as aplicou a estudantes universitários com uma relação íntima; Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996), o que facilita, por um lado, a comparação dos nossos resultados com os desse estudo pioneiro, mas impede a generalização dos mesmos, dado a especificidade desta população. Pois, embora haja quem defenda que não existem grandes diferenças em termos de estrato social quando se toma a violência fraterna como variável dependente (Felson, 1983), temos que reconhecer que, especificamente no caso português, trata-se de uma população relativamente homogénea, porque em Portugal o ensino superior é ainda um sistema com uma base social de recrutamento pouco alargada (Martins, Mauritti, & Costa, 2005), em que as classes mais representadas são aquelas com mais recursos (Estanque & Nunes, 2003; Machado et al., 2003), com tudo que isso implica ao nível das representações e atitudes subjetivas respeitantes ao estrato ou classe social de origem (Estanque, 1997).

A terceira limitação prende-se com o facto de ter sido tomada em consideração apenas a perspetiva de um dos elementos da díade (um irmão questionado sobre *apenas um* irmão), como aliás tem sido prática corrente na maioria

dos estudos (e.g., Smith & Israel, 1987; Worling, 1995), o que impossibilitou fazer uma mais completa avaliação da dinâmica das referidas díades, mas também da complexa teia relacional de toda a fratria, quando esta tem mais do que dois membros, pelo que as conclusões se limitam à perspectiva desse elemento. Apesar da dificuldade que haveria em aceder ao outro elemento da díade, a opção pela sua não inclusão deveu-se, fundamentalmente, ao facto de se considerar que a presença do outro irmão/irmã poderia inibir a resposta dos participantes no estudo. No entanto, para além dos irmãos, a utilização de outras fontes de informação, sobretudo os pais, teria sido de extrema importância (Haj-Yahia & Dawd-Noursi, 1998) mas não foi equacionada por questões que pragmaticamente se prendem com a duração da investigação e com uma possível perturbação familiar. Com efeito, a inclusão dos pais num estudo sobre violência entre irmãos poderia sempre ser um risco por se tratar de questões do foro privado da família que esta poderia não gostar de ver exploradas. Nos estudos sobre violência, o facto de se inquirir sobre um irmão específico pode redundar na obtenção de respostas sobre um irmão do qual se gosta e sobre quem não se é violento, ficando com a ideia de que nessa fratria não há violência quando até pode haver. Para contornar este obstáculo, do qual nos apercebemos desde o início da investigação, pedimos aos participantes que nos deixassem o contacto, caso estivessem interessados em colaborar num estudo futuro, mas só obtivemos algumas moradas. Conseguimos inquirir apenas cerca de dezena e meia de elementos das díades, número insuficiente para fazermos um estudo pertinente sobre a “circularidade” da violência na fratria. A amostra muito reduzida não nos permitiu fazer um estudo mais aprofundado sobre esta questão.

Uma quarta limitação prende-se com uma dificuldade que não é específica deste estudo, mas que é inerente à maioria dos estudos que versam a temática dos irmãos. Segundo Bedford (1989), as comparações entre estudos são frequentemente dificultadas porque se focam em diferentes irmãos (nuns estudos são considerados todos os irmãos, noutros o irmão emocionalmente mais próximo), ou em diferentes grupos de idades, usando diferentes categorias de resposta (ex., proximidade afetiva, frequência dos contactos) e medindo-os de forma diferente. Estas dificuldades metodológicas tinham já sido perspetivadas por um dos primeiros grandes estudiosos da fratria, o alemão Walter Toman (1993), para quem era necessário observar, sempre, e no mínimo, os quatro descritores fundamentais da fratria: a idade dos irmãos, o sexo, o tamanho da fratria e as diferenças de idade entre os irmãos. Ora, dificilmente encontramos estudos que equacionem esta diversidade de variáveis porque tê-las em conta exige amostras enormes para “extrair” subgrupos de fratrias que possam equivaler-se nestes quatro parâmetros.

Finalmente, é importante fazer uma nota crítica sobre o principal instrumento utilizado – as CTS2. Uma das objeções feitas a estas escalas diz respeito ao facto de que elas não têm em consideração as causas e as consequências dos atos violentos, o que, todavia, não invalida nem retira valor à informação que nos dão sobre a prevalência de tais comportamentos. Porque, por exemplo, podemos argumentar que um teste de capacidade de leitura não deixa de ser válido apesar de não fornecer informação sobre o porquê de a criança ler tão pobremente (por exemplo, devido à dificuldade de acesso a livros) (Straus, 2007).

Outra crítica apontada às CTS2 é o facto de a escala da “agressão física com sequelas” não fornecer informação sobre qual o acto de agressão que causou tais

consequências. Straus (2007) refere que essa informação pode ser obtida através da expansão das CTS, questionando para cada sequela que ato agressivo lhe está associado.

Devido às preocupações com as propriedades psicométricas dos instrumentos, Straus e colaboradores (1996) sugeriram a obtenção de informação sobre as CTS2 junto da população em geral mas também junto de populações clínicas, nomeadamente, casais em terapia e homens em tratamentos devido a comportamentos violentos (Archer, 1999).

Apesar destas críticas, as CTS2 foram consideradas em primeiro lugar no TOP 10 de uma lista de importantes descobertas ao nível da violência, ao permitirem quantificar muitos dos comportamentos que continuam a ser ignorados culturalmente e que ocorrem em contexto íntimo (Langhinrichsen-Rohling, 2005), nomeadamente a violência em contexto fraterno. Outras razões para o uso preferencial das CTS2 são apontadas pelos próprios autores destas escalas (Straus et al., 1996), a saber: um elevado número de itens apresentam validade e consistência interna; existe uma diferenciação entre os níveis de violência ligeira e severa nas escalas de agressão psicológica e física; são um questionário simples que facilita o auto-preenchimento. Por tudo isto, também nos parecem ser um instrumento de grande importância e utilidade para o estudo da violência familiar.

Contributos do estudo e propostas para futuras investigações

Apesar dos constrangimentos e limitações referidas, este estudo foi pioneiro em Portugal, uma vez que não se conheciam dados, sistemáticos ou não, que caracterizassem a violência entre irmãos. E, pela primeira vez, validou-se para a

população portuguesa um instrumento que permite avaliar o uso de táticas de conflito na relação fraterna; estimou-se a ocorrência dos vários tipos de violência (i.e., psicológica, física, e sexual) entre irmãos numa amostra de estudantes universitários; identificaram-se os comportamentos abusivos/formas de vitimização mais frequentes por género; analisou-se a influência das características das fratrias na severidade desses comportamentos; avaliou-se a percepção das vítimas acerca da violência fraterna; e identificaram-se alguns preditores associados à sua ocorrência. Foi também a primeira investigação, em três décadas (cf. Finkelhor, 1980), a estudar retrospectivamente as interações sexuais entre os irmãos numa amostra de grandes dimensões, sendo que a maioria dos estudos sobre o abuso sexual em irmãos tem-se baseado, sobretudo, na análise de pequenas amostras clínicas e estudos de caso (Hardy, 2001).

Há ainda a sublinhar o contributo para uma melhor compreensão das díades fraternas, sendo que os poucos estudos realizados se reportam, sobretudo, a amostras clínicas (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998; Pepler, Abramovitch, & Corter, 1981).

Pode, pois, assumir-se que este estudo contribui para aumentar o conhecimento sobre a violência entre irmãos, nomeadamente no que diz respeito à sua frequência, fatores de risco, preditores e características sociodemográficas associadas. Permite também clarificar algumas definições e ideias preexistentes sobre o fenómeno e chamar a atenção das autoridades, pais e público em geral, para a elevada ocorrência de alguns tipos de violência entre irmãos. Este estudo vem reforçar a evidência empírica (Straus et al., 1980) de que se trata de uma das formas de violência mais comuns na família.

Note-se que alguns estudos (Duncan, 1999) têm feito referência ao aumento da procura, por parte de jovens universitários, de ajuda para resolução de problemas de saúde mental. Ao identificar-se a ocorrência de violência entre irmãos nestes jovens, estamos a contribuir para que os profissionais possam estar mais sensíveis a esta problemática na leitura que podem fazer das dificuldades que os mesmos relatam. Sem uma correta identificação deste problema, muitos jovens que procuram apoio terapêutico podem não receber a ajuda clínica necessária (Morrill-Richards & Leierer, 2010).

E dado que se verificou que uma parte considerável da amostra, para além de ter sido vítima de violência por irmãos, testemunhou violência entre os pais e foi vítima de violência por parte destes últimos (cf. Finkelhor, Ormrod, & Turner, 2007), numa idade ainda bastante precoce, deveriam ser desenvolvidos programas de intervenção que possibilitassem a transformação das relações violentas o mais cedo possível. Estes programas deveriam abranger todos os subsistemas familiares, com o intuito de prevenir a ocorrência de violência futura em outros relacionamentos, permitindo a aquisição de métodos de resolução de problemas de forma não violenta.

Seria igualmente interessante aprofundar e clarificar potenciais efeitos nefastos de tais comportamentos agressivos na vida dos participantes, vítimas e perpetradores, sendo que existem evidências empíricas de consequências negativas a curto e longo prazo para ambos (e.g., Graham-Bermann et al., 1994; Wiehe, 1997). Todavia, ao fazerem-se esse tipo de estudos há que ter em conta as advertências de autores como Widom, Raphael e DuMont (2004) que, num artigo de revisão, concluíram que existem potenciais armadilhas na avaliação das consequências do abuso em estudos retrospetivos, quando se avalia o funcionamento atual. Uma das dificuldades, dizem

esses autores, está relacionada com o facto de os participantes, cujo funcionamento está comprometido (isto é, que estão deprimidos, ansiosos...), poderem distorcer de forma significativa as memórias da infância.

A maior frequência da violência entre irmãos do sexo masculino é uma diferença de género a explorar e a valorizar em futuras investigações, de modo a que os programas de intervenção (de carácter preventivo ou remediativo), as práticas profissionais e as políticas institucionais sejam direccionadas em função desses perfis diferenciais por género. Além disso, alguns destes sujeitos replicaram/replicam a violência junto dos seus parceiros amorosos, repetindo o ciclo de violência familiar (Noland et al., 2004; Simonelli, Mullis, Elliot, & Pierce, 2002) – salienta-se aqui a importância de uma intervenção atempada junto de crianças/jovens em contexto familiar de molde a prevenir futuras agressões em contextos extra-familiares.

Futuras investigações devem ser conduzidas no sentido de aprofundar esta problemática, inclusivamente nas chamadas novas formas de família (e.g., pais divorciados, famílias reconstituídas, famílias monoparentais) e recorrendo a estudos de cariz longitudinal, em que diferentes momentos temporais sejam avaliados permitindo avaliar a estabilidade da(s) relação(ões) fraterna(s). Deve, ainda, ter-se em linha de conta a perspectiva de ambos os elementos da díade e também a perspectiva dos pais, bem como outras possíveis testemunhas, como por exemplo outros irmãos que, não sendo vítimas ou agressores, assistem à violência. Porque a violência tem, normalmente, os intervenientes e as testemunhas, e estas últimas não sendo diretamente atingidas pela violência podem, da mesma forma, sofrer consequências nefastas ao nível do seu desenvolvimento individual.

Estudos longitudinais permitiriam clarificar a direção da associação entre o relacionamento entre irmãos e o ajustamento psicológico individual (Noller, 2005), bem como examinar a influência do meio (como, por exemplo, os estilos parentais e a influência da televisão) (Goodwin & Roscoe, 1990). Contudo, há que ter em conta que se os estudos longitudinais permitem dados desenvolvimentais, a capacidade dos sujeitos para verbalizarem traumas e abusos em contexto intrafamiliar fica comprometida quando os participantes residem ainda no contexto abusivo (cf. Graham-Bermann et al., 1994) – o que evidencia que qualquer tipo de metodologia tem as suas virtudes e os seus inconvenientes, sendo a adoção da pluralidade de meios e fontes de informação o modo mais eficaz de densificar o conhecimento da problemática em causa.

A realização destes estudos exige, contudo, uma mudança cultural, dado que, conforme foi sendo referido, profissionais e pais, ao não valorizarem os comportamentos violentos e desadequados entre irmãos, contribuem para a sua perpetuação. Parece-nos que esta questão é fulcral, pelo que estudos futuros devem ter em atenção este aspeto, sendo que em meios culturalmente mais vulneráveis as medidas preventivas ou remediativas poderão e deverão ser equacionadas tendo em conta esta “cultura” de não-valorização deste tipo de violência, tentando perceber, eventualmente, o que lhe está subjacente e lhe deu origem....

E os estudos futuros deverão não só abranger a população em geral, mas também populações clínicas, nomeadamente fratrias institucionalizadas e sujeitos com irmãos identificados pelo sistema judicial, perpetradores e vítimas de violência. Estas amostras clínicas permitiriam aprofundar as causas e os mecanismos mais íntimos, e

por isso mais subjetivos, associados à ocorrência do fenómeno da violência entre irmãos.

Finalmente, um estudo mais aprofundado sobre a forma como as pessoas pensam e falam sobre a violência entre irmãos seria útil para avaliar o grau de legitimação que é feito desta forma de violência. Como seria interessante relacionar essa avaliação com a existência de comportamentos agressivos na família.

Algumas instituições e a sociedade em geral, ainda que não deliberadamente, ao promoverem diversas campanhas de sensibilização e prevenção de ocorrência de diferentes formas de violência em contexto familiar (violência sobre mulheres, crianças, pessoas idosas), e ao não incluírem a violência entre irmãos, contribuem para a sua manutenção (Phillips-Green, 2002). Este estudo pretende também ter esta função social de sinalização desta forma de violência. Aliás, em relação a este aspeto é de referir que segundo a alínea b) do ponto 2, do artigo 3.º, da Lei nº 147/99 (**Lei de proteção de crianças e jovens em perigo**), qualquer criança ou jovem está em perigo quando *sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais*. Contudo, na maioria das situações, esta Lei é aplicada apenas quando estamos na presença de adultos perpetradores de violência, esquecendo que crianças e jovens podem ser *igualmente* tão maltratantes e violentos como os adultos.

Em suma, por se tratar de um tema de estudo recente, muito há ainda por fazer no sentido da sua clarificação com vista a uma deteção precoce, intervenção e prevenção. Aliás, para alguns autores (e.g., Kiselica & Morrill-Richards, 2007), o ainda reduzido número de estudos nesta área é o principal motivo para que a compreensão do fenómeno seja ainda limitada. O conhecimento científico já existente sobre a

temática, a par das outras formas de violência interpessoal familiar, deve ser incluído no percurso acadêmico de profissionais de diferentes áreas (medicina, psicologia, psiquiatria, serviço social, enfermagem...) para que progressivamente haja uma maior conscientização social sobre esta problemática.

Por último, dizer que se espera ter contribuído para um maior conhecimento desta temática, e tendo a noção de que falta ainda muito a explorar e a estudar, desejar que este trabalho inspire outros e motive a uma maior divulgação e cuidado destas crianças sofredoras: vítimas, perpetradoras e testemunhas da violência fraterna, quase sempre dentro da sua própria família.

Muitas perguntas ficam no ar e por responder, mas gostaríamos de deixar esta que nos parece ser uma das mais eloquentes: porque é que não vemos o que está tão perto de nós?

Referências

- Alberto, I. M. (2006). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Edições Almedina, S. A.
- Archer, J. (1999). Assessment of the reliability of the Conflict Tactics Scales: A meta-analytic review. *Journal of Interpersonal Violence, 14*(12), 1263-1289.
doi:10.1177/088626099014012003
- Baker, A. J. L. (2009). Adult recall of childhood psychological maltreatment: Definitional strategies and challenges. *Children and Youth Services Review, 31*(7), 703-714.
doi: 10.1016/j.chilyouth.2009.03.001
- Bedford, V. H. (1989). Ambivalence in adult sibling relationships. *Journal of Family Issues, 10*(2), 211-224. doi: 10.1177/019251389010002004
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: Assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: Haworth Press, Inc.
- Caspi, J. (2012). *Sibling aggression: Assessment and treatment*. New York: Springer Publishing Company.
- Claussen, A. H., & Crittenden, P. M. (1991). Physical and psychological maltreatment: Relations among types of maltreatment. *Child Abuse & Neglect, 15*, 5-18.
doi:10.1016/0145-2134(91)90085-R
- Criss, M. M., & Shaw, D. S. (2005). Sibling relationships as contexts for sibling training in low-income families. *Journal of Family Psychology, 4*, 592-600.
doi:10.1037/0893-3200.19.4.592
- Duncan, R. (1999). Peer and sibling aggression: An investigation of intra- and extra-familial bullying. *Journal of Interpersonal Violence, 14*, 871-886.
doi:10.1177/088626099014008005

- Eriksen, S., & Jensen, V. (2006). All in the family? Family environment factors in sibling violence. *Journal of Family Violence, 21*(8), 497-507. doi:10.1007/s10896-006-9048-9
- Estanque, E. (2003). As classes sociais na sociedade portuguesa: Um estudo apoiado no modelo de Erik Olin Wright. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 49*, 93-126.
- Estanque, E., & Nunes, J. (1997). Dilemas e desafios da Universidade: Recomposição social e expectativas dos estudantes na universidade de Coimbra. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 66*, 5-44.
- Felson, R. B. (1983). Aggression and violence between siblings. *Social Psychology Quarterly, 46*(4), 271-285. doi:10.2307/3033715
- Finkelhor, D. (1980). Sex among siblings: A survey of prevalence, variety, and effects. *Archives of Sexual Behavior, 9*(3), 171-194. doi:10.1007/BF01542244
- Finkelhor, D., Ormrod, R. K., & Turner, H. A. (2007). Poly-victimization: A neglected component in child victimization. *Child Abuse & Neglect, 31*, 7-26. doi:10.1016/j.chiabu.2006.06.008
- Finkelhor, D., Turner, H. A., & Hamby, S. L. (2005). The victimization of children and youth: A comprehensive, national survey. *Child Maltreatment, 10*(1), 5-25. doi:10.1177/1077559504271287
- Furman, W. (1995). Parenting siblings. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (Vol. 1, pp. 143-162). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Goodwin, M. P., & Roscoe, B. (1990). Sibling violence and agnostic interactions among middle adolescents. *Adolescence, 25*, 451-467.
- Graham-Bermann, S., & Cutler, S. (1994). The Brother-sister questionnaire (BSQ): Psychometric assessment and ability to predict well functioning and

dysfunctional childhood sibling relationships. *Journal of Family Psychology*, 8(2), 224-238. doi:10.1037/0893-3200.8.2.224

Graham-Bermann, S., Cutler, S., Litzenberger, B., & Schwartz, W. (1994). Perceived conflict and violence in childhood sibling relationships and later emotional adjustment. *Journal of Family Psychology*, 8(2), 85-97. doi:10.1037/0893-3200.8.2.224

Haj-Yahia, M., & Dawud-Noursi, S. (1998). Predicting the use of different conflict tactics among arab siblings in Israel: A study based on social learning theory. *Journal of Family Violence*, 13(1), 81-103. doi:10.1023/A:1022864801027

Hardy, M. S. (2001). Physical aggression and sexual behavior among siblings: A retrospective study. *Journal of Family Violence*, 16(3), 255-268. doi:10.1023/A:1011186215874

Hardy, M. S., Beers, B., Burgess, C., & Taylor, A. (2010). Personal experience and perceived acceptability of sibling aggression. *Journal of Family Violence*, 25, 67-71. doi:10.1007/s10896-009-9270-3

Hoffman, K. I., Kiecolt, K. J., & Edwards, J. N. (2005). Physical violence between siblings: A theoretical and empirical analysis. *Journal of Family Issues*, 26, 1103-1130. doi:10.1177/0192513X05277809

Kettrey, H., & Emery, E. (2006). The discourse of sibling abuse. *Journal of Family Violence*, 21, 407-416. doi:10.1007/s10896-006-9036-0

Kiselica, M., & Morrill-Richards, M. (2007). Sibling maltreatment: The forgotten abuse. *Journal of Counseling & Development*, 85, 148-160.

Langhinrichsen-Rohling, J. (2005). Top 10 greatest "Hits": Important findings and future directions for intimate partner violence research. *Journal of Interpersonal Violence, 20*, 108-118. doi: 10.1177/0886260504268602

Lei de protecção de crianças e jovens em perigo n.º 147/99. D. R. - Série A 204 (1.9.1999) 6115.

Machado, F., Costa, A., Mauritti, R., Mastins, S., Casanova, J., & Almeida, J. (2003). Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 66*, 45-80.

Mackey, A. M., & Fromuth, M. E., & Kelly, D. B. (2010). The association of sibling relationship and abuse with later psychological adjustment. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(1), 955-968. doi:10.1037/0012-1649.25.1.36

Martins, S., Mauritti, R., & Costa, A. (2005). *Condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal*. Lisboa: Direcção de Serviços de Acção Social e Direcção-Geral do Ensino Superior.

Morrill-Richards, M., & Leierer, S. J. (2010). The relationship between sibling maltreatment and college students' sense of well-being. *Journal of College Counseling, 13*(1), 17-30. doi:10.1002/j.2161-1882.2010.tb00045.x

Noland, V. J., Liller, K. D., Mcdermott, R. J., Coutler, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal of Health Behavior, 28*, 13-23.

Noller, P. (2005). Sibling relationships in adolescence: Learning and growing together. *Personal Relationships, 12*(1), 1-22. doi:10.1111/j.1350-4126.2005.00099.x

- Paivio, S. C. (2001). Stability of retrospective self-reports of child abuse and neglect before and after therapy for child abuse issues. *Child Abuse & Neglect*, 25(8), 1053-1068. doi:10.1016/S0145-2134(01)00256-3
- Pepler, D. J., Abramovitch, R., & Corter, C. (1981). Sibling interaction in the home: A longitudinal study. *Child Development*, 52(4), 1344-1347. doi:10.2307/1129530
- Phillips-Green, M. J. (2002). Sibling incest. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 10, 195-202.
- Phillips, D., Phillips, K. H., Grupp, K., & Trigg, L. (2009). Sibling violence silenced: Rivalry, competition, wrestling, playing, roughhousing, benign. *Advances in Nursing Science*, 32(2), 1-16.
- Rosenthal, P. A., & Doherty, M. B. (1984). Serious sibling abuse by preschool children. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 23(2), 186-190. doi:10.1097/00004583-198403000-00010
- Relva, I. C., Alarcão, M., & Fernandes, O. M. (2013). *Rivalidade ou violência? A percepção de estudantes universitários vítimas de violência por parte de irmãos*. Artigo submetido para publicação.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (no prelo). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Interamerican Journal of Psychology*.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Mota, C. P. (2013). An exploration of sibling violence predictors. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 5(1), 46-62. doi 10.1108/17596591311290740
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins, A., (no prelo). Estudo exploratório da violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*.

- Simonelli, C. J., Mullis, T., Elliot, A. N., & Pierce, T. W. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationship. *Journal of Interpersonal Violence, 17*, 103-121. doi:10.1177/0886260502017002001
- Smith, H., & Israel, E. (1987). Sibling incest: A study of the dynamics of 25 cases. *Child Abuse & Neglect, 11*(1), 101-108. doi:10.1016/0145-2134(87)90038-X
- Straus, M. A. (2007). Conflict Tactics Scales. In N. A. Jackson (Ed.), *Encyclopedia of domestic violence* (pp. 190-197). New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind closed doors. Violence in the american family*. Garden City: Anchor Books.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues, 17*, 283-316. doi:10.1177/019251396017003001
- Toman, W. (1993). *Family Constellation: Its effects on personality and social behavior* (4rd. rev.). New York: Springer Publishing Company.
- Widom, C. S., & DuMont, K. A. (2004). The case for prospective longitudinal studies in child maltreatment research: Commentary on Dube, Williamson, Thompson, Felitti, and Anda (2004). *Child Abuse & Neglect, 28*(7), 715-22. doi:10.1016/j.chiabu.2004.03.009
- Whipple, E. E., & Finton, S. E. (1995). Psychological maltreatment by siblings: An unrecognized form of abuse. *Child and Adolescent Social Work Journal, 2*, 135-146.
- Wiehe, V. R. (1990). *Sibling abuse*. Lexington, MA: Lexington Books.
- Wiehe, V. R. (1997). *Sibling abuse: Hidden physical, emotional and sexual trauma* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Worling, J. R. (1995). Adolescent sibling-incest offenders: Differences in family and individual functioning when compared to adolescent nonsibling sex offenders.

Child Abuse & Neglect, 19, 633-643. doi:10.1016/0145-2134(95)00021-Y

ANEXOS

Anexo A

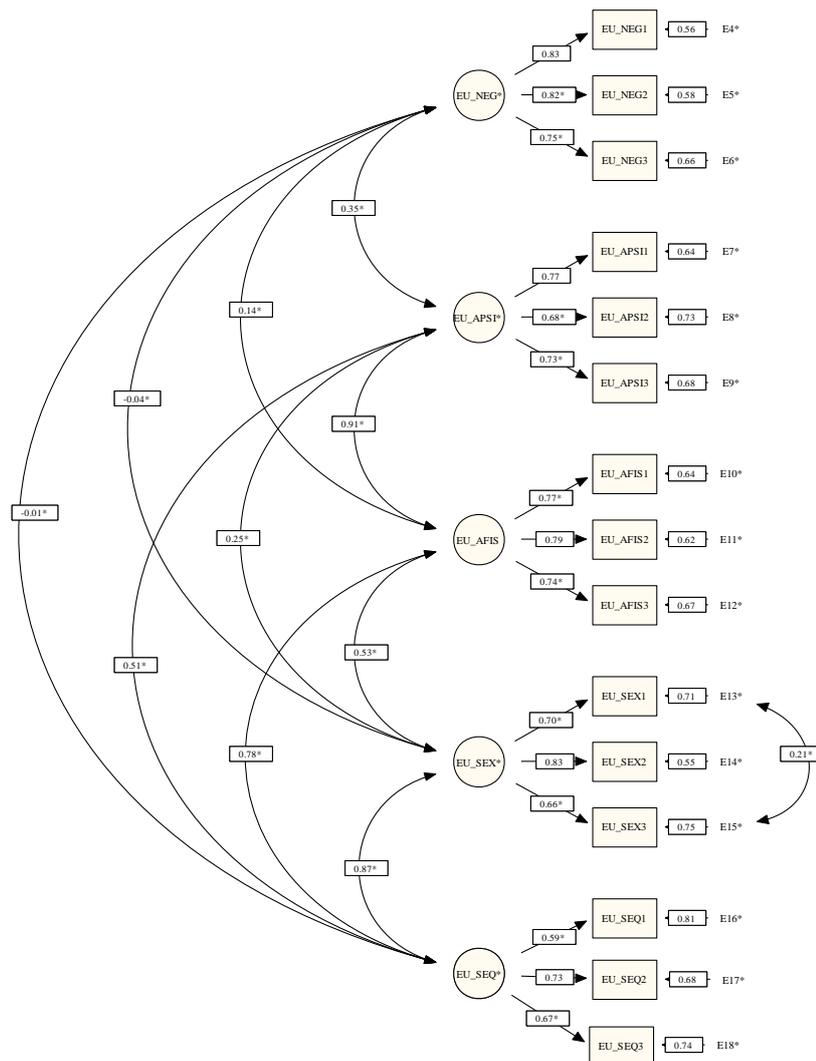


Figura 2. Análise fatorial confirmatória das escalas CTS2-SP (versão irmãs) - escala Perpetração. Os empacelamentos foram construídos aleatoriamente, após confirmação de que os itens iniciais eram significativos para os respectivos fatores ($p \leq 0.05$). Os valores das correlações entre fatores latentes, dos pesos dos indicadores e respectivos erros, e ainda da correlação entre erros são valores estandarizados. EU_NEG: Fator latente da dimensão Negociação; EU_APSI: Fator latente da dimensão Agressão Psicológica; EU_AFIS: Fator latente da dimensão Agressão Física sem sequelas; EU_SEX: Fator latente da dimensão Coerção Sexual; EU_SEQ: Fator latente da dimensão Agressão Física com Sequelas. EU_NEG1: empacelamento dos itens 1 e 59; EU_NEG2: empacelamento dos itens 13 e 77; EU_NEG3: empacelamento dos itens 3 e 39; EU_APSI1: empacelamento dos itens 5, 29 e 49; EU_APSI2: empacelamento dos itens 25 e 69; EU_APSI3: empacelamento dos itens 35 e 67; EU_AFIS1: empacelamento dos itens 7, 17, 61 e 73; EU_AFIS2: empacelamento dos itens 9, 21, 33 e 53; EU_AFIS3: empacelamento dos itens 27, 37, 43 e 45; EU_SEX1: empacelamento dos itens 15, 51 e 57; EU_SEX2: empacelamento dos itens 47 e 55; EU_SEX3: empacelamento dos itens 19 e 63; EU_SEQ1: empacelamento dos itens 12 e 32; EU_SEQ2: empacelamento dos itens 24 e 56; EU_SEQ3: empacelamento dos itens 42 e 72.

Anexo B

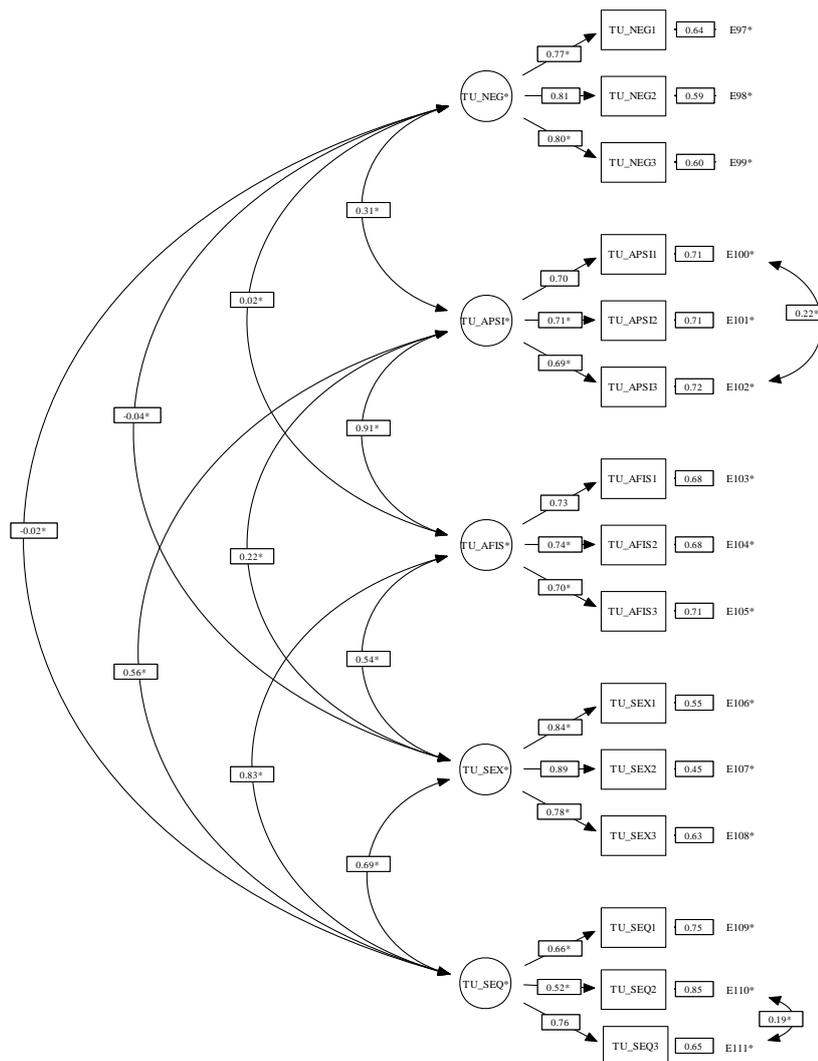


Figura 3. Análise fatorial confirmatória das escalas CST2-SP (versão irmãos) - escala Vitimização. Os empacelamentos foram construídos aleatoriamente, após confirmação de que os itens iniciais eram significativos para os respectivos fatores ($p \leq 0,05$). Os valores das correlações entre fatores latentes, dos pesos dos indicadores e respectivos erros, e ainda da correlação entre erros são valores estandarizados. TU_NEG: Fator latente da dimensão Negociação; TU_APSI: Fator latente da dimensão Agressão Psicológica; TU_AFIS: Fator latente da dimensão Agressão Física sem Sequelas; TU_SEX: Fator latente da dimensão Coerção Sexual; TU_SEQ: Fator latente da dimensão Agressão Física com Sequelas. TU_NEG1: empacelamento dos itens 2 e 40; TU_NEG2: empacelamento dos itens 4 e 60; TU_NEG3: empacelamento dos itens 14 e 78; TU_APSI1: empacelamento dos itens 30 e 68; TU_APSI2: empacelamento dos itens 6 e 70; TU_APSI3: empacelamento dos itens 26, 36 e 70; TU_AFIS1: empacelamento dos itens 10, 18, 46 e 74; TU_AFIS2: empacelamento dos itens 8, 28, 38 e 64; TU_AFIS3: empacelamento dos itens 22, 34, 54 e 62; TU_SEX1: empacelamento dos itens 16, 58 e 64; TU_SEX2: empacelamento dos itens 48 e 52; TU_SEX3: empacelamento dos itens 20 e 76; TU_SEQ1: empacelamento dos itens 11 e 55; TU_SEQ2: empacelamento dos itens 23 e 41; TU_SEQ3: empacelamento dos itens 31 e 71.

Anexo C

Tabela 5.1

Comparação por Género das Prevalências de Comportamentos Violentos Perpetrados pelos Participantes

Itens CTS2-SP	Sexo Masculino N, (%)	Sexo Feminino N, (%)	χ^2	OR	IC _{95%}
<i>Violência Psicológica</i>					
Insultar ou dizer palavrões	167 (76.3)	274 (74.3)	0.20	1.11	0.76-1.64
Gritar ou berrar	161 (73.5)	279 (75.6)	0.22	0.90	0.61-1.31
Sair abruptamente da sala	104 (47.5)	192 (52.0)	0.96	0.83	0.60-1.17
Fazer algo para irritar	122 (55.7)	226 (61.2)	1.52	0.80	0.57-1.12
Chamar de gordo/a ou feio/ a	84 (38.4)	112 (30.4)	3.61 [†]	1.43	1.01-2.03
Destruir algo	90 (41.1)	147 (39.8)	0.05	1.05	0.75-1.48
Ameaçar ferir ou atirar algo	60 (27.4)	78 (21.1)	2.66	1.41	0.96-2.08
<i>Violência Física</i>					
Atirar alguma coisa	108 (49.3)	141 (38.2)	6.49*	1.57	1.12-2.21
Torcer o braço ou puxar o cabelo	104 (47.5)	141 (38.2)	4.49*	1.46	1.04-2.05
Empurrar ou apertar	106 (48.4)	175 (47.4)	0.02	1.04	0.74-1.45
Agarrar à força	63 (28.8)	60 (16.3)	12.25**	2.08	1.39-3.11
Dar uma bofetada	100 (45.7)	159 (43.1)	0.27	1.11	0.79-1.56
Usar uma faca ou uma arma	11 (5.0)	3 (0.8)	8.75**	6.45	1.78-23.39
Esmurrar ou bater	49 (22.4)	41 (11.1)	12.60**	2.31	1.46-3.63
Tentar sufocar	13 (5.9)	1 (0.3)	16.62**	23.22	3.02-178.80
Atirar contra a parede	40 (18.3)	37 (10.0)	7.49**	2.01	1.24-3.25
Dar uma tarefa	47 (21.5)	38 (10.3)	12.96**	2.38	1.49-3.79
Queimar ou esgaldar	11 (5.0)	9 (2.4)	2.06	2.12	0.86-5.19
Dar pontapés	72 (32.9)	86 (23.3)	5.93*	1.61	1.11-2.34
Provocar entorse, ferida ou pequeno corte	78 (35.6)	105 (28.5)	2.96 [†]	1.39	0.97-1.99
Provocar dor física, que se manteve no dia seguinte	27 (12.3)	34 (9.2)	1.20	1.39	0.81-2.37
Provocar desmaio	15 (6.8)	6 (1.6)	9.42**	4.45	1.70-11.64
Provocar ida ao médico	13 (5.9)	4 (1.1)	9.86**	5.76	1.85-17.89
Provocar ida ao médico, mas não ter ido	14 (6.4)	2 (0.5)	15.63**	12.53	2.82-55.68
Provocar fratura	11 (5.0)	3 (0.8)	8.75**	6.45	1.78-23.39
<i>Violência Sexual</i>					
Forçar a relações sexuais sem preservativo	16 (7.3)	10 (2.7)	5.82*	1.61	1.26-6.35
Insistir em ter relações sexuais	7 (3.2)	2 (0.5)	4.78*	6.06	1.25-29.43
Insistir em ter relações sexuais	8 (3.7)	0 (0.0)	11.08**	2.75	2.47-3.06
Insistir em ter sexo oral/ anal	10 (4.6)	0 (0.0)	14.52**	2.77	2.48-3.08
Usar a força para ter relações sexuais	9 (4.1)	8 (2.2)	1.22	1.93	0.74-5.09
Usar a força para ter sexo oral/ anal	7 (3.2)	1 (0.3)	6.72**	12.15	1.49-99.44
Recorrer a ameaças para ter sexo oral/ anal	8 (3.7)	1 (0.3)	8.31**	13.95	1.73-112.33
Recorrer a ameaças para ter relações sexuais					

Nota. CTS2-SP = Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (Portuguese); OR = Odds Ratio; IC_{95%} = Intervalo de Confiança a 95%. [†] p < .10; *p < .05; **p < .01. N = 588.

Anexo D

Tabela 5.2

Pontuações Estandarizadas de Violência Sofrida pelos Participantes (CTS2-SP) em Cada Tipo de Díade, quando Controlada a Diferença Absoluta de Idade Entre os Irmãos

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
Pontuações totais de violência (notas z)	M/M	M/F	F/M	F/F
	N = 103	N = 112	N = 180	N = 183
<i>Violência Psicológica</i>				
Média (EP)	.14 (.10)	-.03 (.09)	-.06 (.07)	.00 (.07)
IC 95%	[-.05; .32]	[-.21; .15]	[-.20; .08]	[-.14; .14]
<i>Violência Física</i>				
Média (EP)	.45 (.09)	-.05 (.09)	-.02 (.07)	-.20 (.07)
IC 95%	[.27; .63]	[-.23; .12]	[-.16; .12]	[-.34; -.06]
<i>Violência Sexual</i>				
Média (EP)	.38 (.10)	.02 (.09)	-.10 (.07)	-.13 (.07)
IC 95%	[.19; .57]	[-.17; .20]	[-.25; .04]	[-.27; .02]

Nota. EP = Erro-padrão da média. IC_{95%} = Intervalo de Confiança a 95%. N = 578.